

PRÁXIS

Linguagem & Educação

ISSN 1678-0388

O livro-texto *Oráculo Maçônico e a Busca Incessante da Verdade* publicado como Edição Especial na Revista *Práxis: Língua(gem) & Educação*, gerido pelos grupos de pesquisas GP PDA-IFRO e GPLin-UNIFAL é resultado da união de múltiplos esforços, iniciada com a brilhante ideia dos Eminentes Acadêmicos *Sérgio Nunes de Jesus* e *Davys Sleman de Negreiros*, a obra apresenta uma coletânea de treze artigos de valorosos Irmãos que atenderam ao chamamento do edital.

Servindo de farol a iluminar o caminho dos autores, o edital teve como espinha dorsal a verdade, incutindo reflexões essenciais sobre questões como:

- O que define a verdade?
- A verdade é universal e imutável?
- Existe uma verdade absoluta ou a verdade é relativa?
- Podemos realmente conhecer a verdade em sua essência?
- A verdade está escondida ou é clara, mas resistimos a enxergá-la?
- Por que a verdade é tão valorizada, mesmo quando traz consequências difíceis?
- A verdade é um fim ou um meio para alcançar algo maior, como justiça ou sabedoria?
- Como podemos afirmar que aquilo em que acreditamos é verdadeiro ou falso?
- A verdade é algo que descobrimos ou algo que construímos ao longo da vida?

Não temos todas as respostas, mas o esforço de cada Irmão que contribuiu com esta obra proporciona o início de um debate salutar, sem, é claro, a pretensão de oferecer a palavra final sobre a verdade.

Exaltamos um dos mais nobres sentimentos humanos: a gratidão. Gratidão aos idealizadores e organizadores do projeto, *Sérgio Nunes de Jesus* e *Davys Sleman de Negreiros*; aos Irmãos que produziram e submeteram seus artigos, sem vocês, esta obra não seria possível e, é claro, a você, leitor, que agora desfruta do resultado deste magnífico trabalho, feito a várias mãos.

Porto Velho-RO, 03 de setembro de 2025

Vanderlei Coelho dos Santos

Presidente da Academia Maçônica de Letras de Rondônia – AMLRO

Gestão 2023/2025

DOSSIÊ ESPECIAL

*ORÁCULO MAÇÔNICO e a
busca incessante da verdade*

ORGANIZAÇÃO

*Sérgio Nunes de Jesus
Davys Sleman de Negreiros
Vanderlei Coelho dos Santos*



Edição Especial
Ano XXII, N.º 15,
Volume 01,
Dezembro 2025

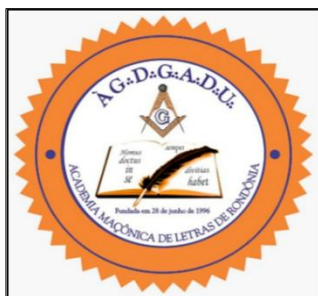


REVISTA PRÁXIS
Linguagem & Educação

Dossiê Especial
Oráculo maçônico e a busca incessante da verdade

Sérgio Nunes de Jesus
Davys Sleman de Negreiros
Vanderlei Coelho dos Santos

Edição Especial
Dossiê Oráculo Maçônico e a busca incessante da verdade
Ano XXII, Nº. 15,
Volume 01, Dezembro 2025



REVISTA PRÁXIS
Linguagem & Educação

Dossiê Especial
Oráculo maçônico e a busca incessante da verdade

ISSN 1678-0388

Destinada à publicação de trabalhos científicos produzidos por docentes e pesquisadores das áreas de ensino, educação e língua(gem).

Organização
Sérgio Nunes de Jesus
Davys Sleman de Negreiros
Vanderlei Coelho dos Santos

Organização Científica – Grupos de pesquisa PDA/IFRO e GPLin/UNIFAL

Prof. Sérgio Nunes de Jesus, Dr./IFRO, campus Cacoal, RO

Prof. Celso Ferrarezi Junior, Dr./UNIFAL, campus Alfenas, MG

Organização do Dossiê Especial: *Oráculo Maçônico e a busca incessante da verdade*

Prof. Sérgio Nunes de Jesus, Dr./IFRO, campus Cacoal, RO

Prof. Davys Sleman de Negreiros, Me./IFRO, campus Cacoal e Reitoria, RO

Prof. Vanderlei Coelho dos Santos, Doutor Honoris Causa pela UNISCECAP de Brasília, DF

Consultoria Língua Estrangeira/Inglês

Profa. Eliana Márcia dos Santos Carvalho, Dra./UNEB, campus Caetité, BA

Consultoria Língua Estrangeira/Francês

Profa. Carolina Fernandes, Dra./UNIPAMPA, campus Bagé, RS

Consultoria Língua Estrangeira/Espanhol

Profa. Maria Rita Berto de Oliveira, Dra./IFRO, campus Calama, RO

Conselho Editorial

Prof. Davys Sleman de Negreiros, Me./IFRO, RO

Profa. Ingrid Leticia Menezes Barbosa, Me./IFRO, RO

Prof. Jorge Luís de Freitas Lima, Dr./UFAM, AM

Prof. Reginaldo Conceição da Silva, Dr./UEA, AM

Conselheiros de Honra - Língua(gem)

Prof. Celso Ferrarezi Junior, Dr./UNIFAL campus Alfenas, MG

Prof. João Wanderley Geraldi, Dr., titular aposentado/UNICAMP, SP

Conselheiros de Honra - Ensino & Educação

Profa. Corinta Maria Grisolia Geraldi, Dra., aposentada/UNICAMP, SP

Prof. Dermeval Saviani, Dr., aposentado/UNICAMP, SP

Conselho Consultivo Internacional

Profa. Alicia Inchauste Pórcel, Dra./HCM-Riberalta, Bolívia

Prof. Dominique Maingueneau, Dr./Université Paris-Sorbonne

Prof. J. M. de Barros Dias, Dr./Universidade de Évora, Portugal

Prof. Catedrático Leo Wetzels, Dr., Vrije Universiteit Amsterdam, Holanda

Prof. Said Zeitun Antezana, Dr./UNAB/HCM-Riberalta, Bolívia

Conselho Consultivo Brasil

Prof. Aguinaldo José Gonçalves, Dr./UNESP

Profa. Ana Zandwais, Dra./UFRGS

Profa. Angela Derlise Stübe, Dra./UFFS

Prof. Antonio Carlos Xavier, Dr./UFPE

Profa. Beth Brait, Dra./PUC-SP

Prof. Camilo Cavalcanti, Dr./UESB

Prof. Carlos Piovezani, Dr./UFSCar

Prof. Celso Ferrarezi Junior, Dr./UNIFAL

Prof. Cleudemar Alves Fernandes, Dr./UFU

Profa. Cristine Gorski Severo, Dra./UFSC

Profa. Freda Indursky, Dra./UFRGS

Profa. Ida Lúcia Machado, Dra./UFMG

Prof. Ivã Lopes, Dr./USP

Prof. J. M. de Barros Dias, Dr./CEF, Portugal

Prof. João Bôsco Cabral dos Santos, Dr./UFU

Prof. Marcelo Modulo, Dr./USP

Profa. Márcia Dresch, Dra./UFPEl

Profa. Maria Bernadete Marques Abaurre, Dra./UNICAMP

Profa. Maria Cristina Fernandes Salles Altman, Dra./USP

Profa. Maria Cristina Leandro Ferreira, Dra./UFRGS

Profa. Maria Cristina Ramos Borges, Dra., aposentada/UNIR

Profa. Maria Cristina Victorino de França, Dra./UNIR

Profa. Marisa Martins Gama-Khalil, Dra., aposentada/UFU

Profa. Norma Discini, Dra./USP

Prof. Otaviano José Pereira, Dr./IFTM

Profa. Roberta Pires de Oliveira, Dra./UFSC

Prof. Roberto Leiser Baronas, Dr./UFSCar

Profa. Renata Silveira da Silva, Dra./UNIPAMPA

Prof. Renato Basso, Dr./UFSCar

Prof. Rogel Samuel, Dr./UFRJ

Profa. Solange Mittmann, Dra./UFRGS

Profa. Sueli Maria Ramos da Silva, Dra./UninCor/Ges-USP

Prof. Valdemir Miotello, Dr./UFSCar

Prof. Valdir Flores, Dr./UFRGS

Profa. Vanice Maria Oliveira Sargentini, Dra./UFSCar

Revisão de Texto


Profa. Elizângela Ataíde de Souza, IE Carmela Dutra (SEDUC), Porto Velho, RO

Profa. Simone Matia da Silva, UNEMAT, campus Cáceres, MT

Revista Práxis: Linguagem & Educação

A/C Conselho Editorial

Caixa Postal, 107 - Centro - CEP: 76.963-970 - Cacoal - Rondônia

Contato: (69) 99255-0553 

E-mail: grupo.pda.ifro@gmail.com

Pede-se permuta – We ask for exchange – On demande l'èchange – Se pide intercambio

REVISTA PRÁXIS: linguagem & educação / Sérgio Nunes de Jesus, Davys Sleman de Negreiros, Vanderlei Coelho dos Santos. Ano XXII, v. 1, n. 15 – (Dezembro 2025), 2025. 139 p.

Distribuição Gratuita: *Formato Digital em PDF*

Edição especial 2025 Dossiê *Oráculo maçônico e a busca incessante da verdade*

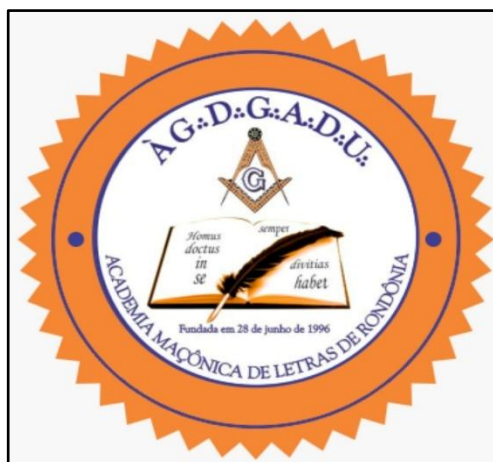
ISSN 1678-0388

1. Letras 2. Linguagem 3. Filosofia Maçônica. I. Jesus, Sérgio Nunes de, org. II. Negreiros, Davys Sleman de, org. III. Santos, Vanderlei Coelho dos, org. IV. Título V. Série.

Publicada em Dezembro 2025.

Pede-se permuta – We ask for exchange – On demande l'échange – Se pide intercambio

A presente obra é um dos frutos da cooperação científica entre os grupos de pesquisa *Práticas Discursivas na Amazônia*, vinculado ao IFRO, e *Pesquisas Linguísticas Descritivas, Teóricas e Aplicadas*, vinculado à UNIFAL-MG, ambos certificados pelas instituições junto ao CNPq. Essa colaboração, que se estende por uma década e meia — precisamente 15 anos — tem resultado na realização de projetos de ensino, pesquisa e extensão, bem como na produção de um expressivo conjunto de obras técnicas e científicas, artigos, resenhas e apresentações em eventos nacionais e internacionais, com investigações centradas nas áreas de Cultura, Direito, Educação, Ensino e Estudos da Linguagem. Neste volume, a parceria é ampliada com a participação da *Academia Maçônica de Letras de Rondônia (AMLRO)*, instituição administrada pela Grande Loja e pelo Grande Oriente de Rondônia.



Academia Maçônica de Letras de Rondônia – AMLRO

Academia Maçônica de Letras de Rondônia – AMLRO, fundada em 28 de junho de 1996, é uma associação civil cultural, destituída de fins lucrativos ou tempo de exercício definido, de natureza cultural e autônoma, sediada na cidade de Porto Velho-RO. É composta por mestres maçons na plenitude do exercício de seus direitos em suas respectivas oficinas regulares e jurisdicionadas às duas Potências. A AMLRO é administrada simultaneamente pela Grande Loja e pelo grande Oriente de Rondônia, assim fortalecendo a união pela iniciativa cultural maçônica de modo fraterno. Abrange a totalidade do estado e tem hoje em seus quadros o número de 33 membros filiados.

A AMLRO objetiva fomentar a produção literária, valorizar a cultura rondoniense no âmbito maçônico e difundir o cultivo das letras, obras e trabalhos culturais no seio da população maçônica e na sociedade. Visa também estabelecer contatos de cooperação com outras instituições congêneres no País, com o objetivo de incentivar e promover a aproximação literário-cultural e a paz entre os homens. Almeja planejar, organizar, executar e colaborar em pesquisas, atividades culturais, eventos literários, debates, seminários, cursos, simpósios, encontros, palestras e recitais, especialmente nas esferas cultural e literária maçônica. Além disso, busca oferecer apoio, amparo e defesa dos direitos e interesses dos membros associados à instituição.

Detém, ademais, o propósito de promover iniciativas, reivindicações, ideias, participação e projetos junto ao Poder Público, sempre voltados às aspirações culturais e literárias de interesse da sociedade no Estado.

A AMLRO é composta de cadeiras vitalícias, de pertencimento respectivo a cada membro efetivo; cada unidade conserva o seu patronato, sempre um luminar do mundo maçônico.

Cadeira	Acadêmico	Patrono
1	Renato Bonifácio de Melo Dias	Esron Penha de Menezes
2	Benoit Brito Mendes	Benoit Brito Mendes
3	Paulo Luciano Bastos Botelho	Cláudio Batista Feitosa
4	Claudio Luiz do Amaral Santini	Claudio Luiz do Amaral Santini
5	Euclides Sampaio Fróes	Euclides Sampaio Fróes
6	José Soares Barbosa	José Soares Barbosa
7	Walter de Oliveira Bariani	Walter de Oliveira Bariani
8	Wilson Dias de Souza	Wilson Dias de Souza
9	Estácio Trajano Borges	Estácio Trajano Borges
10	Carlos Alberto Camargo Lima	Carlos Alberto Camargo Lima
11	Fabio Robson Casara Cavalcante	Emir Brás de Araújo Marques
12	Marco Antônio de Faria	Marco Antônio de Faria
13	Jeoval Batista da Silva	Joaquim Miguel Rodrigues
14	Roberto Scalércio Pires	Roberto Scalércio Pires
15	Carlos Alberto Paraguassu Chaves	Carlos Alberto Paraguassu Chaves
16	Wolney Ricardo de Lima e Silva	Wolney Ricardo de Lima e Silva
17	Nelson Rangel Soares Filho	Nelson Rangel Soares Filho
18	Antônio Fernando Fernandes	Antônio Fernando Fernandes
19	Emanuel Mirtil Rodrigues de Almeida	Emanuel Mirtil Rodrigues de Almeida
20	Héverton Alves de Aguiar George	Alessandro Gonçalves Braga
21	Gilberto Barbosa dos Santos	Maurílio Galvão da Silva
22	Izautonio da Silva Machado Junior	Raimundo Nonato Melo e Silva
23	Aldino Brasil de Souza	Aldino Brasil de Souza
24	Rosalvo Stachiw	Túlio Anderson da Costa
25	César Luiz Salles de Souza	César Luiz Salles de Souza
26	Oswaldir Pereira de Almeida	Oswaldir Pereira de Almeida
27	Davys Sleman de Negreiros	Davys Sleman de Negreiros
28	Júlio César da Rocha	Júlio César da Rocha
29	Luiz Romeu Cargnim	Luiz Romeu Cargnim
30	Eleazar da Silva	Eleazar da Silva
31	Manoel Carlos de Moura	Manoel Carlos de Moura
32	Vanderlei Coelho dos Santos	Vanderlei Coelho dos Santos
33	Heinz Roland Jakobi	Heinz Roland Jakobi

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

Vanderlei Coelho dos Santos 9 - 10

ARTIGOS

A VERDADE NO TEMPLO INTERIOR: um caminho maçônico 11 - 16
Walber FONSECA SOUZA

A BUSCA PELA VERDADE NOS GRAUS SIMBÓLICOS DO RITO ESCOCÊS
RETIFICADO 17 - 25

Luís Giovani ADAMOLI CASTRO

Antônio GENOZI LARA ORTAÇA

Luciano DE OLIVEIRA FAGUNDES

O BEM E A VERDADE! 26 - 34

Márcio dos SANTOS GOMES

VERDADES E MENTIRAS: a construção social da realidade..... 35 - 42

Geraldo LEMOS BARBOSA GONÇALVES

ONDE ESTÁ A VERDADE AFINAL?..... 42 - 52

Joaquim GONÇALVES MACHADO NETO

VERDADE: princípio basilar da filosofia..... 53 - 61

Luiz Anildo ANACLETO DA SILVA

DO ORÁCULO MAÇÔNICO: ferramentas simbólicas como princípios da verdade..... 62 - 73

Sérgio NUNES DE JESUS

Davys SLEMAN DE NEGREIROS

EXISTE UMA VERDADE ABSOLUTA OU A VERDADE É RELATIVA?..... 74 - 81

Geraldo Marcelo LEMOS GONÇALVES

O PRINCÍPIO MAÇÔNICO DA VERDADE..... 82 - 90

Izautonio da SILVA MACHADO JUNIOR

A VERDADE E SUAS NUANCES..... 91 - 105

Egon JOSÉ FUCK

O COMPROMISSO MAÇÔNICO DE DIZER A VERDADE..... 106 - 115

Lucas do COUTO SANTANA

O INICIADO, BUSCADOR DA VERDADE..... 116 - 129

Gilberto Carlos MONTEIRO DAROSI

A VERDADE EM PLATÃO E NOS DIAS ATUAIS..... 130 - 136

Adílio Jorge MARQUES

Marcos Orlando CARDOSO MASSENA FILHO

... *UMA HOMENAGEM SINGULAR IN MEMORIAM* 137

OS ORGANIZADORES 138

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO NA REVISTA PRÁXIS

1. Especificações metodológicas à publicação na Revista Práxis: língua(gem) & educação 139

APRESENTAÇÃO

A Academia Maçônica de Letras de Rondônia (AMLRO) lançou, em janeiro de 2025, o seu primeiro Edital Literário referente à gestão 2023-2025, convidando os membros da instituição a contribuírem com artigos para compor a presente publicação.

Os objetivos do edital foram incentivar a produção literária, compartilhar conhecimento e promover reflexões profundas sobre o tema central: a verdade.

O livro *Oráculo Maçônico e a Busca Incessante da Verdade* é fruto da convergência de múltiplos esforços, originados a partir da inspirada iniciativa dos Eminentíssimos Acadêmicos *Sérgio Nunes de Jesus* e *Davys Sleman de Negreiros*. A obra reúne uma coletânea de treze artigos elaborados por valorosos Irmãos que atenderam ao chamado do edital.

Servindo de farol a iluminar o caminho dos autores, o edital teve como espinha dorsal a verdade, incutindo reflexões essenciais sobre questões como:

- O que define a verdade?
- A verdade é universal e imutável?
- Existe uma verdade absoluta ou a verdade é relativa?
- Quais são os limites éticos da busca pela verdade?
- Pode a verdade ser libertadora e, ao mesmo tempo, opressiva?
- Podemos realmente conhecer a verdade em sua essência?
- O que nos motiva a buscar a verdade?
- A verdade está escondida ou é clara, mas resistimos a enxergá-la?
- Quais responsabilidades acompanham aqueles que possuem o conhecimento da verdade?
- Por que a verdade é tão valorizada, mesmo quando traz consequências difíceis?
- A verdade é um fim ou um meio para alcançar algo maior, como justiça ou sabedoria?
- Se a verdade é inerente ao ser, por que muitas vezes ela é tão difícil de ser reconhecida ou aceita?
- Como podemos afirmar que aquilo em que acreditamos é verdadeiro ou falso?
- Como diferenciar uma verdade objetiva de uma crença subjetiva?
- Quais são os fatores que distorcem nossa percepção da verdade?
- A verdade é algo que descobrimos ou algo que construímos ao longo da vida?
- Até que ponto o contexto histórico, cultural ou pessoal influencia o que entendemos como verdade?
- É possível viver plenamente sem conhecer todas as verdades sobre o mundo e sobre nós mesmos?

Não temos todas as respostas, mas o esforço de cada Irmão que contribuiu com esta obra proporciona o início de um debate salutar, sem, é claro, a pretensão de oferecer a palavra final sobre a verdade.

Exaltamos um dos mais nobres sentimentos humanos: a gratidão. Gratidão aos idealizadores e organizadores do projeto, *Sérgio Nunes e Davys de Negreiros*; aos Irmãos que produziram e submeteram seus artigos, sem vocês, esta obra não seria possível e, é claro, a você, leitor, que agora desfruta do resultado deste magnífico trabalho, feito a várias mãos.

31 de outubro de 2025
Oriente de Porto Velho, da Era Vulgar

Vanderlei Coelho dos Santos
Presidente da Academia Maçônica de
Letras de Rondônia – A M L R O
(Gestão 2023-2025)

**A VERDADE NO TEMPLO INTERIOR:
um caminho maçônico**

A VERDADE NO TEMPLO INTERIOR: um caminho maçônico

*Walber FONSECA SOUZA*¹

Resumo: A busca pela verdade é uma experiência dinâmica e íntima que se constrói na vivência simbólica e na lapidação contínua do ser. É um processo iniciático que exige esforço interior, silêncio reflexivo e disposição para a transformação. A verdade não é vista como uma posse ou certeza absoluta, mas como uma busca constante e uma escuta silenciosa da própria consciência. O objetivo é construir um Templo Interior, uma metáfora da autotransformação moral e espiritual. Através da simbologia, do silêncio e da meditação, busca-se a desconstrução das certezas externas para que se possa construir uma visão mais verdadeira da realidade. A verdade é uma prática constante que se manifesta na conduta cotidiana e se comprova no comportamento ético. É uma trilha de autoconhecimento e autotransformação que exige humildade, disciplina e vigilância constante. O objetivo é formar indivíduos que buscam a verdade através da experiência vivida, e não apenas da teoria.

Palavras-chave: 1. Verdade; 2. Templo interior; 3. Maçonaria; 4. Filosofia iniciática; 5. Autoconhecimento.

LA VERDAD EN EL TEMPLO INTERIOR: un camino masónico

Resumen: La búsqueda de la verdad es una experiencia dinámica e íntima que se construye en la vivencia simbólica y en la lapidación continua del ser. Es un proceso iniciático que exige esfuerzo interior, silencio reflexivo y disposición para la transformación. La verdad no se ve como una posesión o certeza absoluta, sino como una búsqueda constante y una escucha silenciosa de la propia conciencia. El objetivo es construir un Templo Interior, una metáfora de la autotransformación moral y espiritual. A través de la simbología, el silencio y la meditación, se busca la desconstrucción de las certezas externas para que se pueda construir una visión más verdadera de la realidad. La verdad es una práctica constante que se manifiesta en la conducta cotidiana y se comprueba en el comportamiento ético. Es un camino de autoconocimiento y autotransformación que exige humildad, disciplina y vigilancia constante. El objetivo es formar individuos que buscan la verdad a través de la experiencia vivida, y no solo de la teoría.

Palabras clave: 1. Verdad; 2. Templo interior; 3. Masonería; 4. Filosofía iniciática; 5. Autoconocimiento.

Introdução

*A verdade não se revela nas palavras, mas no silêncio que as precede
(Milly Lacombe 1967-).*

Na tradição maçônica, o conceito de verdade não se limita a uma ideia fixa ou a um conjunto de dogmas universais. Pelo contrário, é percebida como experiência dinâmica, íntima e intransferível, que se constrói na vivência simbólica e na lapidação contínua do ser. O caminho em direção à verdade não é linear, nem tampouco externo. Exige esforço interior, silêncio reflexivo e disposição para a transformação.

Este artigo propõe uma reflexão filosófica sobre a verdade como processo iniciático, iluminado pelas luzes da simbologia maçônica. Parte-se da premissa de que a verdade, no contexto da Ordem, não é uma posse ou uma certeza absoluta, mas uma busca constante e uma escuta silenciosa da própria

¹ Mestre Maçom, membro ativo na *Augusta e Respeitável Grande Benemérita Loja Simbólica de São João Nº 33*, jurisdicionada à *Grande Loja Maçônica do Estado de Rondônia – GLOMARON*. Integra a Força Aérea Brasileira na Base Aérea de Porto Velho-RO.

consciência. O Iniciado é chamado, desde seus primeiros passos, a abandonar as ilusões do mundo profano e a voltar-se para a construção do seu próprio Templo Interior — metáfora central da autotransformação moral e espiritual.

Ao longo deste trabalho, serão abordados aspectos essenciais do processo iniciático ligados à verdade: a desconstrução das certezas exteriores, a simbologia da edificação interna, o papel do silêncio e da meditação, bem como a ética que orienta o comportamento do Maçom diante daquilo que reconhece como verdadeiro.

O objetivo não é apresentar definições conclusivas, mas sugerir uma trilha reflexiva em que cada Irmão possa identificar elementos de sua própria jornada, ampliando sua percepção da verdade como vivência e compromisso ético, e não como conclusão intelectual. A maçonaria, como escola simbólica, oferece os instrumentos — mas a escavação é pessoal, solitária e, por isso mesmo, profundamente transformadora.

1. A ilusão da verdade externa

Na experiência do mundo profano, a verdade é muitas vezes compreendida como uma realidade exterior, objetiva e definitiva. Essa concepção sustenta a crença de que, por meio da razão ou da ciência, o ser humano pode alcançar um conhecimento completo e inequívoco sobre a realidade. No entanto, essa perspectiva costuma gerar conflitos, polarizações e disputas de autoridade, pois frequentemente se esquece de que toda verdade expressa em linguagem carrega traços de interpretação, contexto e subjetividade.

A maçonaria rompe com esse paradigma ao introduzir o Iniciado em um universo simbólico que prioriza o silêncio, o questionamento e a introspecção. A verdade, na senda maçônica, não se impõe por decreto, mas é revelada gradativamente, conforme o progresso moral e espiritual do Irmão. Desde os primeiros rituais, a Ordem convida o Maçom a duvidar das aparências e a reconhecer que as certezas fáceis, em geral, escondem ilusões difíceis de desvelar.

Cada símbolo apresentado, cada ferramenta ritualística, é menos uma resposta do que um estímulo à reflexão. O Compasso, o Esquadro, o Nível e o Prumo não têm utilidade fora da consciência desperta de quem os utiliza. Assim, o trabalho maçônico se transforma em uma jornada de desapego das verdades impostas para a construção de um conhecimento mais enraizado na ética, na coerência e na escuta da consciência.

Portanto, a maçonaria não entrega a verdade como um fim, mas propõe um método: desconstruir certezas externas para que o Iniciado esteja apto a construir, dentro de si, uma visão mais verdadeira da realidade - aquela que nasce da humildade, do discernimento e da vigilância interior.

2. A construção simbólica do templo interior

Entre os símbolos mais significativos da maçonaria está o Templo — não como edificação material, mas como representação da estrutura espiritual do ser humano em processo de aperfeiçoamento. Desde a cerimônia de iniciação, o Maçom é conduzido a compreender que o verdadeiro Templo a ser erguido não está nas colunas de pedra, mas nas colunas invisíveis da virtude, da sabedoria e da retidão.

A Pedra Bruta, colocada diante do neófito, revela o ponto de partida dessa jornada: o reconhecimento de que o homem, ao ingressar na Ordem, encontra-se carregado de imperfeições, vícios e desarmonias. A missão simbólica é, portanto, lapidar essa pedra - isto é, a si mesmo - a fim de moldar um caráter digno de sustentar os valores da Maçonaria.

A construção do Templo Interior exige disciplina, esforço e vigilância constante. Cada grau simbólico representa uma etapa desse processo edificante. As ferramentas operativas dos antigos construtores são convertidas em instrumentos morais e espirituais. O Maçom é chamado a esquadrear suas ações, a medir suas palavras com o compasso da razão, a nivelar suas intenções, a prumar seus valores com a consciência.

Tal construção, no entanto, não é solitária. Embora a busca pela verdade seja interior, ela se realiza no seio de uma coletividade fraterna. O Templo simbólico erguido por cada Irmão colabora para a solidez do Templo coletivo da Ordem. Assim, a obra do Iniciado é duplamente significativa: aperfeiçoa a si mesmo e contribui para o engrandecimento da Maçonaria como instituição filosófica e ética.

A edificação do Templo Interior não se conclui com rituais, mas se prolonga na vida cotidiana, nas escolhas e atitudes que refletem a coerência entre os princípios aprendidos e os atos praticados. É nesse alinhamento entre pensamento, sentimento e ação que a verdade começa a habitar o coração do Maçom.

3. Silêncio, meditação e iniciação: a trilha interna

Na simbologia maçônica, o silêncio ocupa um lugar central. Desde o primeiro grau, o Iniciado é convidado ao recolhimento, à escuta e à moderação da palavra. Essa postura não se limita à etiqueta ritual, mas traduz uma profunda orientação filosófica: é no silêncio que o ser humano se aproxima do essencial, escuta a própria consciência e percebe a verdade que não se expressa com palavras.

A meditação, embora não seja formalizada como prática obrigatória, é uma extensão natural da vivência iniciática. Refletir sobre os símbolos, ponderar sobre os juramentos, contemplar o sentido de cada etapa do caminho é uma forma de oração silenciosa que transcende as crenças pessoais e conduz ao centro do ser. A mente que medita torna-se capaz de distinguir o ruído do ego da voz da alma.

A iniciação, por sua vez, não deve ser compreendida como um evento único, mas como um processo contínuo de desvelamento. A cada novo grau, novos véus são retirados, novos sentidos são apresentados e, sobretudo, novas exigências éticas são feitas ao Iniciado. A maçonaria não busca formar mestres de verdades, mas aprendizes da luz.

A trilha interna, feita de silêncio, meditação e iniciação, leva o Maçom ao reconhecimento de que o verdadeiro saber não se adquire por imposição, mas por merecimento. O silêncio purifica a mente; a meditação ilumina o entendimento; e a iniciação desperta a consciência para uma verdade que habita o interior de cada ser humano.

4. A verdade como experiência e não como posse

A tradição profana tende a tratar a verdade como algo que pode ser conquistado, possuído ou transmitido como patrimônio intelectual. No entanto, no caminho maçônico, a verdade é percebida de modo diferente: ela se revela na experiência vivida, na coerência entre a consciência e a conduta, e no testemunho silencioso da retidão.

O Maçom é convidado a abandonar a disputa pela razão para adotar a humildade da busca interior. Não se trata de "ter razão", mas de "ser verdadeiro". Essa mudança de perspectiva transforma a verdade em um verbo — algo que se pratica — e não em um substantivo absoluto. A verdade torna-se caminho, e não ponto de chegada.

Essa experiência demanda coragem. O Iniciado deve estar disposto a confrontar suas próprias sombras, a reconhecer suas contradições e a revisar suas crenças. O autoconhecimento, nesse contexto, é condição indispensável para que a verdade possa emergir. Sem ele, toda convicção se torna arrogância disfarçada de certeza.

Portanto, a verdade maçônica não é uma teoria, mas uma prática constante. É no silêncio da consciência que ela se manifesta, e é no comportamento cotidiano que ela se comprova. Quanto mais se vivencia essa verdade, mais se percebe que ela é menos uma conclusão e mais uma caminhada.

5. A ética do iniciado diante da verdade interior

Ao vislumbrar a verdade por meio da vivência iniciática, o Maçom assume uma responsabilidade ética que ultrapassa a formalidade dos rituais. A compreensão íntima de princípios elevados exige coerência de atitudes, retidão de caráter e constante vigilância sobre si mesmo.

Essa ética não é imposta por regulamentos externos, mas brota da consciência desperta. O Iniciado que compreende o valor da verdade não pode mais ignorá-la sem ferir a si próprio. A fidelidade

a esse princípio exige humildade para admitir erros, firmeza para sustentar valores e generosidade para compreender as limitações alheias.

A vaidade e o orgulho, inimigos recorrentes do progresso interior, precisam ser combatidos com disciplina e silêncio. O verdadeiro Maçom não utiliza o conhecimento para se elevar acima dos outros, mas para servir com mais sabedoria e compaixão. A luz que recebe deve ser refletida, não exibida.

Assim, a ética maçônica se torna o selo da verdade interior. Ela se manifesta na conduta discreta, no exemplo silencioso e na presença transformadora daquele que compreendeu que a verdadeira iniciação é, antes de tudo, um compromisso de integridade com a própria consciência.

Considerações Finais

A maçonaria, enquanto escola simbólica e ética, oferece ao Iniciado uma trilha de autoconhecimento onde a verdade deixa de ser um ideal abstrato para tornar-se um compromisso vivencial. Essa verdade não se encontra em doutrinas fixas ou em discursos eloquentes, mas se manifesta na construção paciente e silenciosa do Templo Interior.

Ao percorrer os graus simbólicos, o Maçom é desafiado a desapegar-se das certezas exteriores, a calar as vozes do ego e a afinar sua escuta interior.

Assim, cada símbolo, cada instrução, cada rito, é um convite à lapidação da consciência e à conquista de uma ética que não depende da aparência, mas da autenticidade.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Cláudio. **Simbologia Maçônica**: o caminho da verdade. 3. ed. São Paulo: Pensamento, 2014.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. 10. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

PIETROBON, João Ricardo. **A ética do iniciado**: reflexões sobre o caminho maçônico. Porto Alegre: Obelisco, 2017.

PLATÃO. **A república**. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006.

SANTOS, Vanderlei Coelho dos; NEGREIROS, Davys Sleman de; JESUS, Sérgio Nunes de. **Edital Literário AMLRO nº 01/25**. Porto Velho: AMLRO, 2025.

**A BUSCA PELA VERDADE NOS GRAUS
SIMBÓLICOS DO RITO ESCOCÊS RETIFICADO**

A BUSCA PELA VERDADE NOS GRAUS SIMBÓLICOS DO RITO ESCOCÊS RETIFICADO

*Luís Giovani ADAMOLI CASTRO*²
*Antônio GENOZI LARA ORTAÇA*³
*Luciano de OLIVEIRA FAGUNDES*⁴

Resumo: Este trabalho propõe uma reflexão sobre a busca pela verdade na Maçonaria, de maneira geral, e no Rito Escocês Retificado, em particular. Analisa como esse rito conceitua e distribui seus ensinamentos, organizando-os em graus que devem ser vivenciados e trabalhados ao longo do tempo. No Brasil, os graus maçônicos são classificados em simbólicos e filosóficos, em conformidade com as exigências das potências regulares. Contudo, originalmente, eram estruturados como uma sequência contínua de seis graus, sem tal distinção, à semelhança da ordem que os inspirou: a Estrita Observância Templária.

Palavras-chave: 1. Maçonaria; 2. Rito Escocês retificado; 3. Conceituação da verdade; 4. Graus simbólicos e filosóficos; 5. Autoconhecimento.

LA BÚSQUEDA DE LA VERDAD EN LOS GRADOS SIMBÓLICOS DEL RITO ESCOCÉS RECTIFICADO

Resumen: Este trabajo propone una reflexión sobre la búsqueda de la verdad en la Masonería, de manera general, y en el Rito Escocés Rectificado, en particular. Analiza cómo ese rito conceptualiza y distribuye sus enseñanzas, organizándolos en grados que deben ser vivenciados y trabajados a lo largo del tiempo. En Brasil, los grados se clasifican en simbólicos y filosóficos debido a exigencias de las potencias, aunque originalmente se organizaran como una secuencia continua de seis grados, sin esa distinción, a semejanza de la orden que lo inspiró, la Estricta Observancia Templaria.

Palabras clave: 1. Masonería; 2. Rito escocés rectificado; 3. Conceptualización de la verdad; 4. Grados simbólicos y filosóficos; 5. Autoconocimiento.

Introdução

Com o intuito de participar do Edital Literário nº 01/25, promovido pela Academia Maçônica de Letras de Rondônia – AMLRO, que convida maçons regulares a escreverem artigos para o livro *Oráculo Maçônico e a Busca Incessante da Verdade*, propõe-se, com base nas reflexões sugeridas, a análise de aspectos relevantes ao tema, conforme os ensinamentos do Rito Escocês Retificado.

Considerando-se que o tema principal, presente em todas as questões é a “Verdade”, e que esse conceito é muito amplo, propõe-se analisar o tema sob a ótica da ritualística, das lições por perguntas e respostas e pelo ensinamento previsto no RER como “Regra Maçônica”.

1. O rito escocês retificado

O Rito Escocês Retificado (RER) é fundado por Jean-Baptiste Willermoz (1730-1824), um

² *Companheiro Maçom*, foi recepcionado aprendiz no Rito Escocês Retificado em 1º/04/2023, e companheiro em 06/09/2024. É oficial da *Brigada Militar do Estado do Rio Grande do Sul* e graduado em História.

³ *Mestre Maçom*, residente no Oriente de Porto Alegre. É reservista do *Exército Brasileiro*, professor graduado em Educação Física, com longa trajetória como diretor de escola.

⁴ *Mestre Instalado*, Servidor Público Federal, do *Ministério da Defesa-EB*. Licenciado em Letras e Literatura de Língua Portuguesa. Atualmente é o *Venerável Mestre da ARLS Dominus*, 4666, jurisdicionada ao GOB/RS, no Oriente de Porto Alegre, pelo Rito Escocês Retificado, Loja à qual todos os coautores pertencem.

comerciante francês de Lyon. Willermoz foi iniciado muito jovem, aos 20 anos, e fez parte de diversas organizações maçônicas, das quais aproveitou muitos conhecimentos, e propôs a criação de um rito baseado na Lenda Templária, em 1778 (no Convento das Gálias). Escreveu os rituais dos 6 graus do sistema que planejou, e foram aprovados em 1782 (Convento de Wilhelmsbad). O RER é um rito cristão e cavaleiresco, com muita relação com o Evangelho de João e muitos conhecimentos fundamentados na obra de Martinez de Pasqually, de Louis-Claude de Saint Martin e outros pensadores de seu tempo. Um detalhe que marca o RER é o uso, entre seus paramentos nos graus simbólicos, do chapéu tricórnio e espada.

2. O conceito de “verdade” na maçonaria

Na Maçonaria, a Verdade é considerada uma das virtudes centrais a ser buscada e cultivada pelo maçom ao longo de sua jornada iniciática. Havendo muitos ritos e ensinamentos, a busca pela verdade é descrita como uma missão contínua, que envolve tanto o autoconhecimento quanto a relação do indivíduo com o mundo ao seu redor. A verdade não é algo absoluto ou fixo, mas sim algo a ser constantemente buscado, em um processo de evolução e aprendizado.

No Rito Escocês Retificado, o conceito de verdade vai além de um simples entendimento filosófico. Ela está intrinsecamente ligada à prática da virtude, à moralidade e à ética. A verdade deve ser buscada em todos os aspectos da vida, refletindo nas ações cotidianas, na maneira como o maçom se comporta com os outros e consigo mesmo. Nos graus mais altos, essa busca também envolve uma compreensão mais profunda do simbolismo dos rituais e a maneira como os ensinamentos maçônicos se conectam com o crescimento espiritual e humano.

3. A ritualística e as lições por perguntas e respostas

Os rituais são as ferramentas usadas para o ensino dentro da Maçonaria. Através deles, são transmitidas lições e valores que não são apenas teóricos, mas práticos, convidando o iniciado a refletir e a aplicar os conhecimentos adquiridos.

Dentro do Rito Escocês Retificado, a ritualística desempenha um papel central na busca da verdade. Cada ato ritualístico é uma oportunidade para o maçom refletir sobre os grandes mistérios e se aprofundar no significado simbólico de cada gesto e palavra. A interação por perguntas e respostas, característica marcante do RER, é uma forma de transmitir sabedoria de maneira viva, interativa, desafiando o iniciado a pensar, a questionar e a buscar a resposta dentro de si mesmo, além de ser um meio de fortalecer os laços de fraternidade.

Essa dinâmica de perguntas e respostas está diretamente relacionada ao processo de

autoconhecimento e à descoberta da verdade pessoal e universal. Através das interações durante o ritual, o maçom é conduzido a refletir sobre sua própria natureza, sobre suas virtudes e falhas, e sobre seu papel no mundo e na sociedade.

4. A regra maçônica e a verdade

Dentro do Rito Escocês Retificado, a Regra Maçônica é vista como um conjunto de princípios e normas que guiam os maçons em sua prática e comportamento. Esses princípios não são simplesmente regras externas, mas são enraizados na busca pela verdade interior e no compromisso com a justiça, a equidade e a moralidade. A Regra Maçônica no RER é um reflexo da aplicação prática dos ensinamentos e simbolismos ritualísticos. Ela não se limita apenas ao comportamento em loja, mas se estende à vida cotidiana do maçom. O ideal é que o maçom busque viver segundo os altos padrões morais e espirituais que a Maçonaria propõe, agindo com sinceridade, retidão e respeito pela verdade.

O conceito de verdade dentro dessa regra também está relacionado à transparência. A Maçonaria ensina que um verdadeiro maçom deve ser um exemplo de integridade, que suas ações e pensamentos devem estar em harmonia, e que deve ser fiel ao compromisso de buscar a verdade, seja no aspecto pessoal ou coletivo. Esse princípio se traduz em viver de acordo com a moral maçônica, sem dissimulação ou hipocrisia, cumprindo os deveres com Deus, com os irmãos, a sociedade, com os demais e com o governante, o que fortalece os laços de confiança e respeito dentro da fraternidade.

5. Respondendo aos questionamentos propostos

1) O que define a verdade? Para tentar definir a 'verdade', é preciso saber em que área o tema está sendo tratado. Se for no Direito, por exemplo para um processo criminal, é necessário juntar provas com existência física, bem como confrontar depoimentos e evidências, de forma sistemática e com comprovação, para chegar ao que costumam chamar de “verdade real”. Entretanto em outras áreas o “real” e a “verdade” podem não precisar ter existência física para acontecerem. Numa história de ficção as personagens dentro dela são reais. Da mesma forma na Mitologia as personagens que se sabe não terem existência concreta existem no contexto mitológico, na imaginação, na crença e nos medos daqueles que as compartilham. Se pensarmos bem, duas das coisas mais importantes e que dão sentido às nossas vidas não são visíveis: o Amor e a Fé.

2) A verdade é universal e imutável ou relativa? Para responder, mais uma vez precisamos saber a que campo de interesse se refere. Em ciências exatas, mesmo assim em tese, algumas verdades podem ser vistas como absolutas. Mas onde se referir a seres humanos, envolvendo fatores como cultura, emoções e fé, é relativa. Entretanto, deve-se lembrar que algumas verdades devem ser inegociáveis,

como a preservação da vida, da liberdade e do resguardo a idosos e crianças. Culturas radicais e fanatismos devem ser monitorados, e nisso o RER nos socorre, porque na Regra Maçônica prevê obediência a Deus e ao soberano, mas também recomenda que se observe nossos deveres para com o semelhante, quer seja ele irmão ou não.

3. Existe uma verdade absoluta ou a verdade é relativa? No seio da Divindade se supõe que possa existir uma Verdade Universal, mas onde se referir a seres humanos, envolvendo fatores como cultura, emoções e fé, é sempre relativa.

4. Quais são os limites éticos da busca pela verdade? Sendo seres humanos, e, portanto, não oniscientes, cada um de nós detém apenas fagulhas do que se julga ser a Verdade. Dentro da necessidade de viver bem e em paz com a própria consciência, desenvolvemos uma ética (do grego *ethos* = comportamento esperado). Se eu quero ser bem tratado, com respeito e igualdade, devo fazer o mesmo com meu semelhante. Esse é o contrato social, definido por Rousseau como correto e necessário. Outros pensadores, entre eles John Locke, dizem que quem sabe mais, sofre mais. A ignorância seria uma bênção, mas o conhecimento confere poder, tendo a responsabilidade como preço. A verdade, sendo uma coisa idealizada, não pode estar acima dos valores humanos, como a vida, a educação com o semelhante e a honestidade. Assim também verdades teóricas e científicas são menos importantes que o bem-estar das pessoas.

5. Pode a verdade ser libertadora e, ao mesmo tempo, opressiva? Para refletir sobre essa questão, mais uma vez é necessário estabelecer um limite para o que se quer dizer com verdade. Começemos dizendo o que não é... Onipotência (poder tudo) e onisciência (saber tudo) não podem ser o parâmetro, pois são poderes divinos. Assim sendo, nós, mortais, não poderíamos sequer imaginar a Verdade. Entretanto, como somos nós mesmos que estamos preocupados com essa questão, e, por outro lado, somos “feitos à imagem e semelhança de Deus”, podemos atingir o significado superior dessa Verdade, e com isso usá-la para o benefício geral e particular. Essa seria a parte libertadora, mas, como toda e qualquer coisa tem dois lados, um excessivo foco somente em questões sublimes poderia tornar o irmão um fanático, e, por isso, oprimido.

6. Se a percepção humana é guiada pelos sentidos e interpretações, podemos realmente conhecer a verdade em sua essência? Voltando à parte de que somos feitos à imagem e semelhança de Deus, que tem onisciência, podemos ter entendimento para compreender faíscas do todo que é Sua obra. Aliás, assim como cada um de nós, entendemos que cada religião/crença possui faíscas da Verdade Divina, mas seus seguidores as interpretam conforme suas limitações. Por isso devemos ter respeito pela crença alheia, pois tem igual validade se comparada à nossa.

7. O que nos motiva a buscar a verdade? Pode-se dizer que seja o desejo de transcender a finitude. O anseio de saber que há algo sublime além da vida material, das rotinas de comer, dormir e trabalhar. A busca por significados divinos nos mantém motivados, independentemente da idade ou das limitações.

Afinal, somos parte essencial dessa Grande Verdade que alguns chamam de Criação, outros de Logos... e tantos outros nomes podem ser atribuídos a essa essência.

8. Será que a verdade está sempre escondida ou ela é clara, mas resistimos a enxergá-la? Não é exatamente escondida por alguém, é uma questão de escolha e esforço. Pérolas não devem ser jogadas aos porcos, mas não é por raiva dos porcos... usando a metáfora de Mateus, no versículo 6 do capítulo 7, mas porque não entenderiam para que serve a pérola.

9. Quais responsabilidades acompanham aqueles que possuem o conhecimento da verdade? Quem sabe mais pode mais. Conhecimento é poder. Ao mesmo tempo sofre mais, é mais cobrado pelos outros, mas também por si mesmo.

10. Por que a verdade é tão valorizada, mesmo quando traz consequências difíceis? A verdade é valorizada por estar diretamente ligada à consciência de cada um. Quem gostaria de se sentir o vilão, em qualquer que seja a história?

11. A verdade é um fim ou um meio para alcançar algo maior, como justiça ou sabedoria? Pode ser ambas as coisas. Se eu chamar de verdade ter senso de responsabilidade e maturidade profissional, posso afirmar que é tanto um meio quanto um fim, pois a conclusão do algo maior alcançado se funde na verdade que o levou a ser revelado.

12. Se a verdade é inerente ao ser, por que muitas vezes ela é tão difícil de ser reconhecida ou aceita? As muitas verdades que se discutiu até aqui, como vimos, nem sempre são reconhecidas ou aceitas realmente porque essas decorrências têm a ver com capacidade, formação, entendimento e maturidade de cada um. Alguém que, mesmo adulto, casado e com emprego, mas que aja de maneira ingênua, pode não ter entendimento maduro e responsável das coisas. Isso se virmos a vida adulta como uma verdade.

13. Como podemos afirmar que aquilo que eu acredito é verdadeiro ou falso? Não podemos!!! A própria frase torna clara a nulidade da afirmação ao dizer "aquilo que eu acredito". Se eu acredito é uma crença, não pode ser visto como uma verdade. E, na verdade, muitas das crenças são infundadas, baseadas em superstições e até mesmo limitantes.

14. Como diferenciar uma verdade objetiva de uma crença subjetiva? Aqui convém utilizarmos a explicação aristotélica que diferencia opinião de conhecimento. Opinião é aquilo que a pessoa defende porque conhece em teoria, enquanto que conhecimento é aquilo que a pessoa realmente experienciou, tanto na teoria quanto na prática.

15. Quais são os fatores que distorcem nossa percepção da verdade? O primeiro e mais influente deles é o grau de entendimento do indivíduo. Neste fator se incluem a formação, a maturidade e o controle emocional. Enxerga-se o mundo com os olhos que se tem.

16. A verdade é algo que descobrimos ou algo que construímos ao longo da vida? Continuando na seara da questão imediatamente anterior, as duas coisas são concomitantes. A maturidade nos faz

tanto descobrir quanto construir as verdades de que necessitamos.

17. Até que ponto o contexto histórico, cultural ou pessoal influencia o que entendemos como verdade?

O contexto histórico, cultural e pessoal influencia cem por cento o que entendemos como verdade. Principalmente, pois é difícil entender um mundo do qual não se faz parte. Cada cultura estabelece suas verdades, e não é justo julgar alguém do passado pelas regras do presente, ou de uma cultura pelas regras de outra. Por exemplo, no período da escravidão muitos maçons tinham escravos. Era justo em sua época. Por outro lado, havia também maçons entre os abolicionistas. A Ordem recomenda seguir a regras e obedecer ao soberano, mas lutando contra as injustiças. Cada um fez isso ao seu modo.

18. É possível viver plenamente sem conhecer todas as verdades sobre o mundo e sobre nós mesmos?

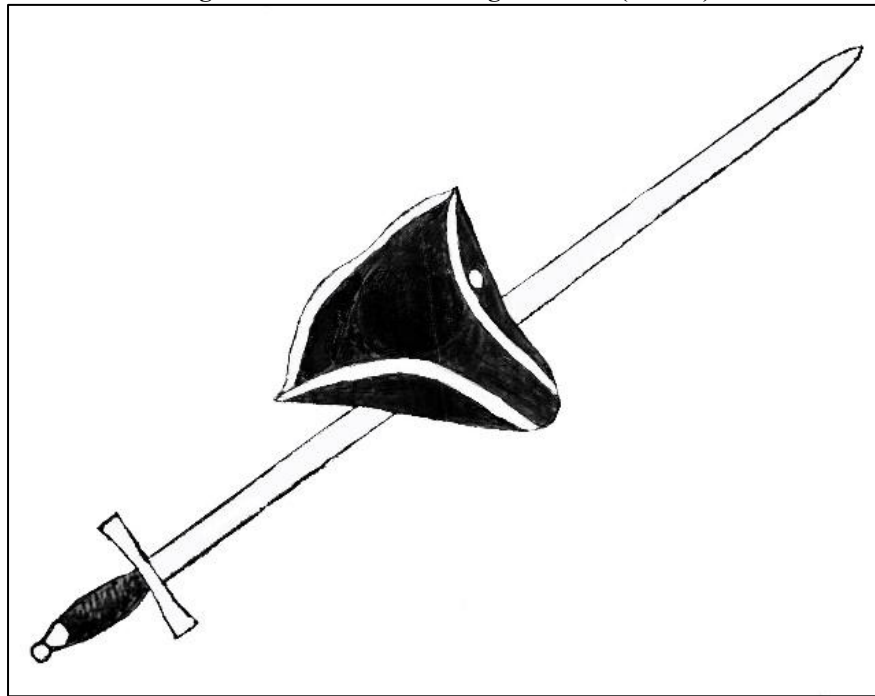
Como no mito grego de Sísifo, que somente vivia para rolar uma pedra ao alto da montanha, até cair de lá para ser novamente buscada, retornamos com a frase "a ignorância é uma benção", atribuída a John Lennon, vocalista dos Beatles, embora a questão possa ser encontrada em muitos pensadores clássicos, como John Locke ou Santo Agostinho, e mesmo em vídeos do brasileiro Leandro Karnal. A expressão pode ser interpretada de diferentes formas, como uma forma de evitar a dor ou como uma forma de aceitar o conhecimento como absoluto. De fato, entendemos que tanto o ignorante quanto o filósofo ou o teólogo são felizes a seu modo, com a parcela de verdade que seu entendimento possui. Então, dentre os integrantes de nossa Sublime Ordem, há um nivelamento de saberes, onde os irmãos adquirem um saber inicialmente simbólico e progressivamente filosófico que os coloca em um privilegiado lugar de entendimento. Mas ser feliz com isso é muito particular, plenamente possível, mas nem sempre atingido.

Considerações Finais

Então, para equacionar os resultados desta reflexão, é importante dizer que entendemos a proposta inicial como uma busca não apenas pela verdade, mas pela Grande Verdade! Dizemos isso porque estamos constantemente cercados de verdades, tanto nas experiências naturais quanto na sociedade. Todos sabemos que devemos respeitar a liberdade e o ponto de vista do outro, que a vida é o bem mais precioso e que cada indivíduo possui seu livre-arbítrio. Então, por que nem todos cumprem as normas básicas de convivência e respeito? Se cada um fizesse a sua parte com consciência, não precisaríamos de polícia, judiciário nem presídios. Entre os irmãos não é muito diferente, pois cada um traz sua educação, suas experiências e seus traumas pessoais para o convívio em loja.

O mesmo se aplica à religião: se o que realmente importa é Deus, o Ser Supremo, perfeito e justo, por que devemos nos preocupar em impor aos outros que O chamem pelo mesmo nome que nós ou em fiscalizar o que fazem diante Dele? A Maçonaria, assim como as religiões e as leis, se insere nesse contexto de valorizar o que é essencial, aquilo que está no íntimo de cada um (a parte esotérica), e o que se manifesta nas práticas e rotinas do convívio social (a parte exotérica). Nesse sentido, a Ordem, de maneira geral, colabora significativamente, e o RER o faz de forma ainda mais específica, pois foi constituído para valorizar os ensinamentos esotéricos sem negligenciar os aspectos exotéricos.

Figura 1: Rito Escocês Antigo e Aceito (REAA).



Fonte:

Disponível em:

[https://www.google.com/search?client=opera&q=Rito+Escocês+Antigo+e+Aceito+\(REAA\)&sourceid=opera&ie=UTF-8&oe=UTF-8](https://www.google.com/search?client=opera&q=Rito+Escocês+Antigo+e+Aceito+(REAA)&sourceid=opera&ie=UTF-8&oe=UTF-8)

Acesso em 18 mar. 2025.

Por derradeiro, há que se observar que o conceito, a noção e tudo aquilo que se diz sobre a verdade são alegorias. Assim como Deus, *honestidade* e *lealdade* são palavras que utilizamos por representarem, da forma mais próxima possível, entes que transcendem amplamente o entendimento semântico que temos deles. Portanto, para prezarmos realmente a Verdade, devemos estar dispostos a entender o que os outros acreditam sê-la. Assim, ao abordar a Verdade no contexto do Rito Escocês Retificado, podemos entender que ela vai além de um simples conceito filosófico: é uma busca constante e dinâmica, vivida e praticada no cotidiano do maçom. A ritualística, com suas perguntas e respostas, é uma das maneiras pelas quais essa busca é incentivada, enquanto a Regra Maçônica orienta o maçom a viver de maneira íntegra e justa, sempre em busca da verdade e do aprimoramento pessoal. Que possamos continuar a colaborar, e que a Ordem prospere!

REFERÊNCIAS

BERMANN, Roland. **O grau de companheiro franco maçom no rito escocês retificado**. Tradução do original em francês de Miguel Carvalho e Sandro Nitri. Revisão e consultoria: Wagner de Souza Ramos. São Paulo: Novo Milênio, 2024.

Grande Oriente do Brasil. **Ritual**: ritualística e procedimentos do rito escocês retificado 1º Grau – aprendiz maçom. Brasília: Editora Grande Oriente do Brasil, 2018.

Grande Oriente do Brasil. **Ritual**: ritualística e procedimentos do rito escocês retificado 2º Grau – companheiro maçom. Brasília: Editora Grande Oriente do Brasil, 2018.

Revista Super Interessante. A maçonaria tem mesmo apertos de mão, gestos e códigos secretos?. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/a-maçonaria-tem-mesmo-apertos-de-mao-gestos-e-codigos-secretos>. Acesso em: 27 jan. 2025.

URSIN, Jean. **Criação e história do rito escocês retificado**. Tradução Alan Bernardes Rocha. São Paulo: Madras, 2014. (1ª Ed. Em 1993. Ed. Dervy).

VIVENZA, Jean-Marc. **A doutrina iniciática do rito escocês retificado em dez lições essenciais**. Tradução do original em francês de Miguel Carvalho e Sandro Nitri. Revisão e consultoria: Wagner de Souza Ramos e Mário Nogueira. Sorocaba: Gazeta Maçônica, 2025.

O BEM E A VERDADE!

O BEM E A VERDADE!

*O tempo das verdades plurais acabou.
Vivemos no tempo da mentira universal.
Nunca se mentiu tanto.
Vivemos na mentira, todos os dias
(José Saramago).*

Márcio dos SANTOS GOMES⁵

Resumo: O presente texto não se aprofunda em definições e explicações exaustivas sobre as diversas formas e espécies de verdades objeto de exame pela Filosofia. Em vez disso, especula sobre percepções e evidências que possam ensejar respostas ou novos questionamentos sobre atos e fatos que revelam a realidade de maneira crua e autêntica, sem filtros ou disfarces, buscando uma compreensão mais profunda e direta da existência. Ao explorar essas percepções, o texto visa estimular a reflexão e o pensamento crítico, convidando o leitor a questionar e refletir sobre a natureza da verdade e sua relação com a realidade. Busca-se, assim, uma abordagem mais introspectiva e pessoal da verdade.

Palavras-chave: 1. Verdade; 2. Mentira; 3. Narrativa; 4. Crença; 5. Fato.

¡EL BIEN Y LA VERDAD!

Resumen: El presente texto no se profundiza en definiciones y explicaciones exhaustivas sobre las diversas formas y especies de verdades objeto de examen por la Filosofía. En su lugar, especula sobre percepciones y evidencias que puedan generar respuestas o nuevos cuestionamientos sobre actos y hechos que revelan la realidad de manera cruda y auténtica, sin filtros ni disfraz, buscando una comprensión más profunda y directa de la existencia. Al explorar esas percepciones, el texto busca estimular la reflexión y el pensamiento crítico, invitando al lector a cuestionar y reflexionar sobre la naturaleza de la verdad y su relación con la realidad. Se busca, así, un enfoque más introspectivo y personal de la verdad.

Palabras clave: 1. Verdad; 2. Mentira; 3. Narrativa; 4. Creencia; 5. Hecho.

Princípios básicos e elementares

*Aquele que duvida e não investiga torna-se
não só infeliz, mas também injusto (Blaise Pascal).*

Compulsando várias fontes de consulta, é amplamente aceito que a Filosofia, em seu sentido literal, representa o amor pela sabedoria e dedica-se ao estudo de questões ligadas à existência, aos valores morais e éticos, à linguagem, à mente, ao conhecimento e, sobretudo, à Verdade, um tema notoriamente sensível e controverso ao longo da história da humanidade.

Afinal, o que vem a ser essa Verdade que provoca discussões acaloradas, dúvidas e questionamentos de toda ordem, gerando incômodos, atritos e conflitos, sedições, estudos e escaramuças para acobertá-la ou contradizê-la quando se manifesta cristalina? Como identificar sua inimiga, a mentira, perversa devoradora da verdade, que sempre a contraria com base em disputa de narrativas?

⁵ Mestre Instalado, da ARLS Águia das Alterosas N° 197, GLMMG, Oriente de BH. Grau 33/KT. Auditor aposentado do Banco Central do Brasil. Graduado em Ciências Contábeis e Administração. Membro da Academia Mineira Maçônica de Letras e da Academia Maçônica Virtual Brasileira de Letras. Membro da Loja Maçônica de Pesquisas “Quatuor Coronati” Pedro Campos de Miranda (BH). Membro Correspondente Fundador da ARLS Virtual Luz e Conhecimento N° 103 – GLEPA. Membro Correspondente da ARLS Virtual Lux in Tenebris N° 47 – GLOMARON. Membro Correspondente da Academia Maçônica de Letras de Piracicaba (SP). Membro Correspondente da Academia Internacional de Maçons Imortais. Colaborador do Blog “O Ponto Dentro do Círculo”.

Estudiosos, filósofos, intelectuais, estrategistas, profissionais e curiosos, de todos os matizes, ao longo dos tempos, vêm se debruçando sobre evidências que possam desvendá-la em diversas áreas e conduzir a respostas objetivas sobre atos e fatos que caracterizam a realidade nua e crua.

Portanto, todos os que se posicionam no sentido dessas descobertas estão exercitando o amor ao conhecimento e à essência da sabedoria, haja vista que a capacidade de pensar, investigar, especular e refletir sobre a temática não é restrita a um poder supremo ou grupo de iluminados com uma denominação específica ou a um campo notório do saber.

Diz-se que a humanidade perdeu uma grande oportunidade de obter a resposta diretamente da fonte, durante o julgamento de Jesus, quando o governador romano Pilatos perguntou-lhe: "o que é a verdade?". A narrativa não registra uma resposta direta de Jesus, pois na sequência, sem aguardar a manifestação, Pilatos voltou aos judeus e lhes disse: "Não vejo nenhum motivo para condenar este homem".

Naquele contexto, conforme João 18:38-40, Pilatos ouvira as acusações, mas não encontrara motivo para condenação. A ausência de resposta naquele contexto tem sido objeto de intensa reflexão teológica e filosófica ao longo dos séculos, podendo indicar que a verdade não é algo que se recebe passivamente, mas algo que se busca e se experimenta. A passagem reflete a tensão entre o desejo humano de conhecer a verdade e a capacidade ou disposição de reconhecê-la quando está diante de nós. Especula-se que teria sido e/ou continuaria sendo uma pergunta retórica. Os Cristãos sabem a resposta.

À míngua de expertise sobre o assunto e por fugir ao escopo desta Prancha, não pretendemos nos aprofundar em definições e explicar sobre as várias formas e espécies de verdades objeto de exame pela Filosofia, em suas várias escolas. Assim, vale o registro de que a Verdade se situa numa relação de conformidade entre o conhecimento e as coisas consideradas, entre o que o espírito julga e o que, de fato, é.

O filósofo existencialista Jean-Paul Sartre dizia que o julgamento do fato trata sobre o que é; o julgamento do valor trata sobre o que deve ser. Recomendava sempre "pensar contra si próprio", no sentido de desconfiar de nossas certezas, questionando-as antes de chegar a uma conclusão (citação de Jean-Bertrand Pontalis – Entrevista Revista VEJA, Edição 2302, Nº 1, de 02.01.13). Por sua vez, Nietzsche advertia que "não existem fatos eternos, assim como não existem verdades absolutas". Isso pode ficar entendido partindo-se da premissa da impossibilidade de uma fundamentação do conhecimento humano que é parcial, inacabado e imperfeito, sujeito à evolução e revisão à medida que aprendemos mais sobre o mundo, que é um mundo de possibilidades.

No livro "A Chave dos Grandes Mistérios", o escritor francês Eliphaz Levi, pseudônimo de Alphonse Louis Constant (1810–1875), afirma que a ciência da realidade só é possível a partir da consciência da verdade, a qual, por sua vez, depende de uma noção exata do ser. Segundo ele, o ser, a verdade, a razão e a justiça constituem os fundamentos tanto das investigações científicas quanto das

aspirações da fé. Enquanto a ciência busca a verdade em todas as coisas, a fé as relaciona a uma verdade universal e absoluta (p. 93).

Na Carta aos Hebreus (11;1), atribuída a São Paulo, “a fé é a certeza de cousas que se esperam, a convicção de fatos que se não veem”. Portanto, a fé é o exercício da vontade de querer, de acreditar e de confiar, mesmo diante da ausência de evidências visíveis ou imediatas. Poder-se-ia especular que a fé é um exercício da vontade humana, como uma escolha consciente, uma postura de vida que afeta atitudes e comportamentos. Nesse particular, vale refletir sobre a doutrina do Fideísmo. Porém, entendemos que fé e verdade podem se harmonizar quando a fé busca compreender os fatos à luz da razão.

Acerca do Princípio de Polaridade, um dos sete princípios apresentados na ciência hermética do Caibalion, afirma-se que tudo no universo possui dois polos, dois aspectos opostos que, em sua essência, são a mesma coisa, apenas em diferentes graus; todas as verdades são meias-verdades; todos os paradoxos podem ser reconciliados (Monteiro, 1996).

No que se refere à afirmação de que "todas as verdades são meias-verdades", sugere-se que todas as percepções e conceitos são relativos. Nenhuma verdade é absoluta, pois depende da perspectiva e do contexto em que é observada e ela é sempre complexa e o entendimento profundo vem da capacidade de ver e integrar os opostos.

A assertiva de Protágoras de que "o homem é a medida de todas as coisas" sugere que a verdade é relativa a cada indivíduo, isto é, aquilo que é verdadeiro para uma pessoa pode não ser para outra. Essa concepção implica que cada ser humano interpreta o contexto a partir de sua própria experiência, percepção e entendimento, o que torna a verdade subjetiva e variável. Assim, a verdade deixa de ser uma entidade fixa e universal para assumir um caráter pessoal e contextual, reforçando a ideia de que não há um padrão absoluto de verdade válido para todos, mas sim múltiplas verdades, moldadas por diferentes pontos de vista.

Em princípio, acreditamos em algo a que chamamos de realidade. Pensamos com base naquilo que conhecemos pela experiência, avaliando com nosso sentido da visão e com a inteligência — ambas orientadas por paradigmas, idiosincrasias, crenças e verdades que relacionamos entre si. Em algumas circunstâncias isso funciona como um par de óculos desfocados, gerando modelos mentais que inibem a aceitação de novas possibilidades. Porém, essa realidade é um recorte e, por vezes, também é construída ou fruto de um mito; cada um a percebe de modo diferenciado, com interpretação parcial e limitada.

Essas distorções que comprometem nosso entendimento são muito bem representadas na conhecida “Alegoria da Caverna” ou “Mito da Caverna”, uma passagem de “A República” (Livro VII, Volume II (p. 105/143), do filósofo grego Platão (400 a.C.). O mito descreve prisioneiros acorrentados

em uma caverna desde o nascimento, forçados a observar sombras projetadas na parede por uma fogueira às suas costas, acreditando que essas sombras são a realidade.

Quando um deles se liberta e descobre o mundo real fora da caverna, percebe que as sombras eram apenas ilusões. Ao retornar para contar aos outros, é rejeitado, considerado louco e ameaçado, pois os prisioneiros continuam presos à sua visão limitada da realidade. Diz-se que o peixe não vê a água!

O prisioneiro que fugiu (“saiu da Matrix”) é a pessoa que tem a oportunidade de adquirir novos conhecimentos, vislumbrar novas possibilidades, descobrir a verdade e se libertar da sua ignorância, de seu comodismo ou medo, mas tem também, pelo livre-arbítrio, a opção de continuar vivendo iludida, alienada ou amparada pelas ideias ou a verdade dos outros.

Como se vê, a linguagem simbólica é um meio privilegiado para induzir à reflexão e transmitir algumas ideias. Com essa alegoria, uma bomba de intuição, a caverna simboliza o mundo em que vivemos e Platão provoca nossa imaginação ao concluir que temos uma visão distorcida dos fatos, ao acreditarmos apenas em imagens criadas pelas informações que recebemos ao longo da vida, moldadas pela cultura e conceitos apreendidos.

Segundo Nietzsche, “as pessoas não querem ouvir a verdade porque não desejam que suas ilusões sejam destruídas”. Essa assertiva bem reflete uma visão crítica sobre a natureza humana e a resistência à verdade. Para o filósofo, a verdade muitas vezes desafia as crenças confortáveis e as ilusões que sustentam o sentido de segurança e identidade das pessoas. Nesse sentido, revela-se a rotina dos prisioneiros que preferiram ficar na caverna — ou em sua bolha —, representada pelo medo do desconhecido e pela preferência por uma zona de conforto ilusória, em vez de enfrentar o fato real, revelando uma resistência inerente ao conhecimento verdadeiro.

Confrontar a verdade pode gerar desconforto, desilusão ou até crise existencial, pois expõe a fragilidade das narrativas que dão sentido à vida. Por isso, muitos preferem evitar a verdade para manter intactas suas convicções e evitar o sofrimento que a desconstrução de narrativas pode trazer. Platão (428 – 347 a.C.) já dizia que ninguém é mais odiado do que aquele que fala a verdade. Decida: ser feliz ou ter razão?

Para termos consciência do contexto em que vivemos, precisamos nos libertar de influências culturais e sociais, caracterizadas por falsas crenças, valores impostos como forma de dominação, alienação e preconceitos que turvam nossa visão. Essa situação condiciona a vida ao ambiente à nossa volta — seja a caverna ou a bolha social — e nos priva de conceitos mais evoluídos e de novas possibilidades de enxergar a verdade dos fatos.

Pode-se especular com alguma margem de acerto que a escrita histórica é um ato necessariamente interpretativo, povoada de lembranças inventadas representadas por narrativas baseadas em fatos reais e adornados ou preenchidos por fantasias e crenças pessoais ou influências de época, com fronteiras muito tênues entre um lado e outro, restando à verdade dos fatos apenas uma abstração superficial, que pode

estar eivada de vícios de interpretação ou servir a propósitos inconfessáveis. Contextos podem ser idealizados e reduzidos a termo em função da trama infinita que o engenho literário permite criar, às vezes com desprezo por razão e lógica. De fato, não se pode medir o alcance da imaginação.

Mesmo obras de referência, ao tratarem de fatos presentes ou passados, não estão isentas de informações resultantes do preenchimento de lacunas — seja por frutos de mentes criativas ou com o objetivo de conferir caráter de verdade irretorquível, mas que na realidade enseja manifestação de fé ou ideologia que o relator coloca em sua obra. Sempre nos deparamos com verdades absolutas, que têm sua utilidade em determinado período e cultura, mas que frente a fatos não se sustentam.

No início da humanidade, as mensagens e registros eram feitos em pedras pelos escribas e encantavam as pessoas comuns, uma vez que essa habilidade era privilégio de poucos que sabiam “fazer a pedra falar” e eram considerados detentores de grande poder mágico. Vale destacar que, à época, o analfabetismo era a regra nas comunidades, e o conhecimento era fruto da tradição oral. Muitos desses escritos se constituíam em uma mistura de fatos precisos, fragmentos de memórias culturais e mitos enriquecidos, que ganhavam vida própria e chegavam aos tempos modernos com grande poder de convencimento — muitos considerados autênticos e reveladores.

A comunidade científica também não fica fora de uma avaliação crítica mais acurada. Não se pode olvidar que pesquisas e observações foram reveladas em congressos e viraram manuais. Muitas permitiram a produção de bens, serviços e soluções, formando novos paradigmas que passaram a ser adotados e seguidos como modelos acabados até serem desacreditados e/ou sobrevir uma ruptura provocada por diferentes experimentos, originando versões que substituíram as anteriores.

Uma meta-análise Global publicada em 2021, que analisou 43 estudos realizados entre 1992 e 2020 com mais de 23.000 pesquisadores revelou: 2,9% dos cientistas admitiram ter cometido falsificação, fabricação ou plágio pelo menos uma vez; 12,5% confessaram ter adotado práticas questionáveis de pesquisa (QRPs), como manipular métodos ou resultados; 15,5% relataram ter testemunhado colegas cometendo má conduta; 39,7% afirmaram conhecer colegas que utilizaram práticas questionáveis⁶.

Nos dias atuais, temos informações em tempo real sobre tudo e quase todos na rede virtual de informações, assim como em revistas, jornais, rádio e televisão, em ritmo alucinante, com imensas possibilidades de escolhas, porém com conhecimentos e verdades restritas, notícias manipuladas, além de toda uma gama de riscos envolvidos.

Na Internet, o que parece perfeito é, na realidade, bem editado. É de bom tom desconfiar, pois a natureza das redes sociais e da internet em geral, como fotos, vídeos, textos, imagens pessoais, notícias e opiniões são muitas vezes cuidadosamente ajustados para parecer melhor do que realmente são. Manter

⁶ Pesquisa Chat. GPT - Dados Atualizados sobre Má Conduta Científica UOCUOC+7NCBI+7PubMed+7PubMed. Acesso em: 10 jun. 2025.

uma postura crítica e desconfiada é fundamental para não cair em ilusões, comparar-se injustamente ou ser enganado por informações manipuladas. A autenticidade é rara no meio digital, e o ceticismo é uma ferramenta essencial para o desenvolvimento do pensamento crítico e a busca da Verdade.

O professor Felipe Buchbinder (2025) da Fundação Getúlio Vargas, descrevendo o mercado de crimes digitais, desafia: “Prove-me que você é você. Não vale usar documentos, fotos, voz ou vídeo, já que tudo isso pode ser falsificado com excelente precisão...”. Se não podemos confiar no que vemos ou ouvimos, como fica a sociedade? Atônita?!

Saber filtrar o que é importante e com credibilidade é um processo que demanda cuidado e atenção redobrados. O alerta que precisamos manter sempre ligado é para não cair na situação de perigo representado pelo que os ouvidos ouvem e os olhos veem, que levam a mente a acreditar, podendo ser apenas uma ilusão. Importa estarmos seguros de que a credibilidade das imagens é relativa.

Assim, a descoberta da Verdade implica sair do mito e procurar entender os fenômenos sociais que nos cercam e formar espírito crítico e reativo. Isso para não dizer que a verdade, muitas vezes, está na cara, mas não se impõe e, sobretudo, se encolhe, prevalecendo sofismas ou versões manipuladas para atender a objetivos não revelados que passamos a compactuar pela nossa incapacidade de reflexão ou receio de reagir. Não se pode olvidar que muitos, deliberadamente, se colocam em uma situação de cegueira diante dos fatos e deixam-se conduzir como massa de manobra. A crônica recente do nosso país é recheada de exemplos.

Os casos do “Mensalão” e da “Operação Lava Jato” revelaram como, em situações de grande repercussão, a verdade muitas vezes se torna secundária, sendo substituída por versões que melhor atendam aos interesses de diferentes grupos. No “Mensalão” e na “Lava Jato” o que se viu foram narrativas conflitantes, impulsionadas por juristas, jornalistas, políticos e pela opinião pública, cada um impondo sua interpretação dos fatos. Em vez de uma busca genuína pela verdade, predominou a manipulação de informações para sustentar posições, proteger aliados ou destruir adversários, transformando os julgamentos em arenas de disputa política e midiática, onde a versão mais vantajosa para um grupo ou para a sociedade prevalecia sobre a realidade dos fatos.

O legado desses julgamentos não produziu a superação dos problemas de corrupção no país. As operações logo se tornaram objeto de controvérsias, especialmente em relação à condução das investigações e ao enfraquecimento institucional comprometendo a confiança na Justiça e na Verdade dos fatos.

O *script* de sempre tem nos mostrado que, na vida social, familiar, no trabalho, no mercado ou na política, a versão costuma ter mais vitrine do que o fato. Em determinadas situações, aqueles que se sentem prejudicados tornam-se porta-vozes de versões que corroem a credibilidade dos acontecimentos. Nesses casos, a realidade passa a ser aquela que um poder maior afirma ser a verdade. Povos e governos dotados de grande poder de destruição frequentemente se consideram senhores da verdade histórica.

Pelos relatos acima, o exemplo em política é cartesiano. O que importa são as opiniões abalizadas. Uma opinião, tantas vezes repetida, é aceita sem contestação. É atribuída a Joseph Goebbels, ministro da Propaganda de Adolf Hitler, a afirmativa de que basta contar uma mentira por um tempo suficiente, e ela se torna uma verdade.

A história é testemunha de que, em política, quem expõe a realidade passa a ser considerado de oposição. Aqueles meios de comunicação, como a própria imprensa, perdem o acesso a gordas verbas publicitárias quando adotam tal prática e divulgam textos críticos envolvendo governantes da hora.

A conjuntura nacional sempre demonstrou - e é farta em exemplos - de campanhas difamatórias orquestradas, interesses privados patrocinados por grupos políticos no poder, excessos praticados, abusos de poder cometidos, direitos individuais cerceados, discursos aperfeiçoados e simulacros passados como se fossem verdades. Tudo isso mostrando que a vontade da sociedade pode ser manipulada por fortes empresários e políticos com o objetivo de aumentar lucros e riquezas, sendo a mídia, pela penetração e credibilidade, um instrumento poderoso de convencimento e difusão de ideias, de forma a transformar mentiras oficiais em verdades acreditadas.

No aspecto religioso, uma área bastante sensível e rica em exemplos, fundamentalistas de todos os matizes se arvoram em deter o domínio da verdade. Em nome de uma crença, a história, que não é uma linha reta, com avanços e retrocessos, narra perseguições, torturas, mortes, às vezes de forma obsessiva. Mas, é inegável o legado daqueles que resistiram e investiram no conhecimento e no saber.

Outra área bastante emblemática em nossos tempos é aquela representada pelos documentários cinematográficos produzidos em profusão, onde é inegável a incidência de mentiras organizadas e simulações, para que tudo pareça real. Múltiplas versões de um mesmo evento são produzidas em diferentes perspectivas e interpretações, levando a incertezas sobre o que realmente aconteceu. É o “Efeito Rashomon”, narrativas contraditórias, onde a verdade se torna relativa e subjetiva, explorado também na história, literatura e ciências.

Em áreas de grande apelo popular, como o esporte, temos relatos de vários casos de farsas que muitas vezes surpreendem o mundo quando os fatos vêm à tona. Também na economia, a inflação no nosso bolso é sempre mais alta do que aquela “oficial” divulgada pelo noticiário. E ainda temos que acreditar com fervor que é isso mesmo. Ainda que tardiamente, hoje percebemos que muitas coisas caretas que nossos pais falavam eram verdade. Sim, éramos felizes!

Portanto, à luz do que foi acima comentado e a bem da verdade, não é de todo descabido acreditar que nem tudo é como se mostra. A metáfora do véu de Maya, da tradição hindu, sugere que o momento aparente pode ser uma ilusão, ocultando a verdadeira essência das coisas. Mas estaremos prontos para encarar a dura verdade e arriscar ter nossas ilusões destruídas, como questiona Nietzsche na citação acima?

O Maçom, como livre pensador, tem o compromisso de investigar a Verdade de forma contínua e consciente, enfrentando inimigos internos, como paixões e fanatismos, para que a Verdade e a Justiça sejam suas referências. Como agente cidadão deve ser um observador qualificado e consciente do contexto de seu tempo de modo a ter uma visão clara dos fatos, influenciando e/ou promovendo as mudanças positivas necessárias no seu ambiente social.

Considerações Finais

Assim, a busca pela verdade é um caminho complexo e multifacetado, permeado por desafios e reflexões profundas. A verdade não se apresenta como uma entidade fixa, mas sim como uma construção dinâmica, moldada por contextos culturais, sociais e individuais. É fundamental cultivar um olhar crítico e questionador diante das diversas narrativas e versões que permeiam a realidade, pois a história nos mostra que a verdade muitas vezes é obscurecida por interesses políticos, econômicos e religiosos.

Como Maçons e cidadãos conscientes, temos o compromisso de buscar a Verdade de forma contínua e honesta, enfrentando nossos próprios preconceitos e limitações.

Devemos nos esforçar para ser observadores qualificados do mundo ao nosso redor, promovendo mudanças positivas e contribuindo para uma sociedade mais justa e esclarecida. Ao abraçar essa jornada, nos tornamos agentes de transformação, capazes de construir um futuro mais autêntico e significativo para todos.

REFERÊNCIAS

BUCHBINDER, Felipe. O mercado de crimes e o ensaio da guerra. **Jornal Valor Econômicos**, de 10, 11 e 12 de maio de 2025, Caderno A16.

GOMES, Márcio dos Santos. **A bem da verdade**. Adaptação de: Disponível em: <https://opontodentrocirculo.com/2015/05/22/a-bem-da-verdade/>. Acesso em: 18 mai. 2025.

LEVI, Eliphaz. **A chave dos grandes mistérios**. São Paulo: Pensamento, 1975.

MONTEIRO. Eduardo Carvalho. **O templo maçônico e as moradas do sagrado**. Londrina: Editora Maçônica “A Trolha” Ltda., 1996.

PLATÃO. **A república**. São Paulo: Clássicos Garnier. Difusão Europeia do Livro, 1973.

NOTA: A elaboração deste trabalho contou com o uso da Inteligência Artificial, por intermédio do Chat.GPT, subsidiando as pesquisas: <https://chat.openai.com/>.

**VERDADES E MENTIRAS:
a construção social da realidade**

VERDADES E MENTIRAS: a construção social da realidade

Geraldo Marcelo LEMOS GONÇALVES⁷

Resumo: A busca pela verdade é um tema complexo e multifacetado que envolve a dicotomia entre a verdade absoluta e relativa. Enquanto a verdade absoluta se baseia em princípios universais e imutáveis, a verdade relativa depende do contexto, cultura e experiências individuais. A história mostra que a verdade pode ser manipulada e revisada, e que a busca por ela é um processo contínuo de construção e desconstrução. É fundamental reconhecer a diversidade de perspectivas e a natureza construída do conhecimento para construir um mundo mais tolerante e aberto ao diálogo.

Palavras-chave: 1. Verdade absoluta; 2. Verdade relativa; 3. Conhecimento; 4. Cultura; 5. Filosofia.

VERDADES Y MENTIRAS: la construcción social de la realidad

Resumen: La búsqueda de la verdad es un tema complejo y multifacético que implica la dicotomía entre la verdad absoluta y relativa. Mientras que la verdad absoluta se basa en principios universales e inmutables, la verdad relativa depende del contexto, la cultura y las experiencias individuales. La historia muestra que la verdad puede ser manipulada y revisada, y que la búsqueda de ella es un proceso continuo de construcción y desconstrucción. Es fundamental reconocer la diversidad de perspectivas y la naturaleza construida del conocimiento para construir un mundo más tolerante y abierto al diálogo.

Palabras clave: 1. Verdad absoluta; 2. Verdad relativa; 3. Conocimiento; 4. Cultura; 5. Filosofía.

Introdução

*Entre verdades inventadas e mentiras bem contadas,
a realidade se molda não pelo que é,
mas pelo que muitos concordam em acreditar
(Autoria desconhecida).*

A busca pela “verdade” é uma questão fundamental que permeia a filosofia desde a antiguidade. Vamos explorar a dicotomia entre “verdade absoluta” versus “verdade relativa”.

Através da análise de diferentes perspectivas filosóficas e exemplos concretos, busca-se compreender as implicações de cada abordagem e a complexidade da construção do conhecimento. Há séculos, a questão sobre a “verdade” é um dos assuntos mais profundos e controversos no campo da filosofia, teologia, política, ciência e antropologia.

Será que existe uma “verdade” universal e imutável, ou a “verdade” é moldada pelas experiências, culturas e contextos sociais? Nessa seara vamos aprofundar essa discussão, trazendo exemplos práticos de diversas culturas e suas interpretações sobre a “verdade”, desde os conceitos filosóficos clássicos até as interpretações contemporâneas.

A ideia de uma “verdade” absoluta baseia-se no princípio de que certos fatos e valores universais

⁷ M.:. Inst.:., Membro da A. R. L. M. Estrela Maior de Turmalina n° 243, do G. O. M. G. e Correspondente da A. R. L. S. Virtual Lux in Tenebris n° 47, da G. L. O. M. A. R. O. N., Grau 09, do R. E. A. A. e M. R. do Real Arco. Bacharel em Odontologia (UFVJM, 1999) e Administração de Empresas (UNINTER, 2022). Especialista em Odontopediatria (UFVJM, 2003), Ortodontia (UFVJM, 2010), Implantodontia (UNIASSELVI, 2013) e Maçonologia: História e Filosofia (UNINTER, 2018). Habilitação em Sedação Consciente e Analgesia Inalatória (ABRASCO, 2015). Mestre em Prótese Dental (SLMANDIC, 2023).

independem de opiniões ou contextos. Além disso, algumas religiões monoteístas frequentemente sustentam que a “verdade” emana de uma divindade, e essa é a fonte da “verdade” absoluta.

Para muitas pessoas essa ideia fornece um código moral universal que transcende a individualidade, é imutável e tem caráter de dogma⁸, como exemplo podemos citar as 03 principais religiões abraâmicas⁹: o judaísmo; cristianismo e o islamismo.

As filosofias clássicas, como as de Pláton, Gios Tou Aristán tis Athínas, ou simplesmente Platão, postulam que existem ideias puras e perfeitas que representam a “verdade” em sua forma mais elevada¹⁰. Como se não bastasse, a “verdade” absoluta oferece uma base sólida para normas morais e científicas. Sem ela, haveria um relativismo extremo que poderia levar ao caos social e à incoerência nos sistemas de conhecimento, por esse viés, certas leis são consideradas universais.

A gravidade, por exemplo, é um fenômeno que se manifesta de forma idêntica em qualquer ponto da Terra, ilustrando a existência de princípios universais. No entanto, a história nos mostra que mesmo verdades científicas incontestáveis podem ser alvo de resistência e manipulação.

Galileu Galilei, ao defender o modelo heliocêntrico, foi perseguido pela Santa Inquisição¹¹ e obrigado a retratar e passar o resto de sua vida em prisão domiciliar, tornando-se um símbolo do conflito entre a busca pela verdade e os dogmas estabelecidos. Esse episódio revela como verdades podem ser suprimidas por interesses institucionais, mesmo quando fundamentadas em evidências. Isso causou um retrocesso científico da Europa Cristã, ao contrário, no Oriente houve um desenvolvimento sem precedentes para a época.

Entretanto, mesmo no campo científico, “verdades” absolutas são constantemente questionadas e revisadas à luz de novas descobertas e só têm valor a partir do momento em que são validadas pelos seus pares.

O conceito de “verdade” é frequentemente associado ao consenso dentro de um grupo ou comunidade social e científica, daí a necessidade que o ser humano tem de ser validado sempre, seja por artigos científicos que corroboram com a sua ideologia e/ou pesquisa, ou por meio de curtidas em redes sociais e até mesmo elogios.

Como no campo científico, a validação pelos demais desempenha um papel crucial, ela pode ser manipulada por “pressões” de mercado ou de indústrias petrolíferas, agrícolas e automobilísticas, dentre outras.

Quando cientistas publicam estudos afirmando que o planeta está aquecendo devido às atividades

⁸ Dogma é um princípio ou ensinamento fundamental de uma doutrina, geralmente religiosa, apresentado como “verdade” absoluta e inquestionável, exigindo aceitação por parte de seus seguidores. É uma “verdade” revelada que se torna um ponto central da fé e é proposto como tal pela autoridade religiosa.

⁹ As religiões abraâmicas são um grupo de religiões monoteístas que compartilham uma tradição comum, baseada na figura de Abraão, as três principais são o judaísmo, o cristianismo e o islamismo.

¹⁰ Platão. (c. 380 a.C.). *A República*. (2001). Tradução de José Cavalcante de Souza. São Paulo: Martins Fontes.

¹¹ A Santa Inquisição, também conhecida como Santo Ofício, foi um tribunal eclesiástico criado pela Igreja Católica para combater a heresia, apostasia, feitiçaria e outros desvios da fé católica.

humanas no que tange ao consumo de combustíveis fósseis, essa afirmação se torna “verdade” dentro da comunidade científica, porque outros especialistas corroboram com os métodos e os resultados.

Contudo, grupos opositores e “céticos”, apoiados por interesses, utilizam vieses diferentes dos mesmos dados a fim de rejeitar a conclusão sobre o aquecimento global. Assim, a “verdade” não é uma entidade fixa, mas algo continuamente negociado e debatido.

Outro exemplo famoso que atesta o dito acima foi a disputa ideológica entre os Senhores Robert Arthur Kehoe e o Clair Cameron Patterson. O primeiro tinha seu laboratório de pesquisas financiado por empresas interessadas em produzir ciência, com o intuito de apoiar o uso do chumbo tetraetila com aditivo na gasolina, como a GM, DuPont e Ethyl Corporation.

Já Clair Cameron Patterson, foi o cientista que desenvolveu o método de datação urânio-chumbo, utilizando chumbo isotópico do meteorito de Canyon Diablo, foi capaz de calcular a idade do planeta Terra.

Devido à capacidade desse elemento (chumbo) de se fixar na atmosfera e no corpo humano, além de sua evidente toxicidade, desde os anos 1940, ele e sua equipe foram opositores ferrenhos do uso chumbo na gasolina, o que resultou na proibição do aditivo nos combustíveis nos Estados Unidos da América (EUA), em 1986, ou seja, após 46 anos de disputa entre dois grupos de cientistas. Isso demonstra que a “verdade” absoluta no meio científico sofre com a ganância da humanidade.

Apesar de seus defensores, a ideia de uma “verdade” absoluta enfrenta críticas. Filósofos como Nietzsche desafiaram a noção, argumentando que “as verdades” são construções culturais e históricas. Ademais, a complexidade das experiências humanas sugere que raramente há uma única resposta para questões morais ou sociais.

Por outro lado, o relativismo sustenta que a “verdade” depende do contexto, da cultura, das experiências individuais e das perspectivas. Essa visão de que a “verdade” é um amálgama é amplamente associada ao pensamento contemporâneo e às ciências sociais.

Por interesse político, observa-se ainda a manipulação da “verdade” no uso do cinema como ferramenta¹². Hollywood, ao longo do tempo, tem retratado historicamente os EUA como uma força global do bem, moldando percepções culturais e políticas relativas a essa nação e seu eixo de relacionamento internacional.

“Pearl Harbor”, por exemplo, foi um filme produzido para retratar um momento ocorrido durante a Segunda Guerra Mundial. Como “Platoon”, “Apocalypse Now” e “Bom Dia, Vietnã” foram produzidos após a guerra do Vietnã. E como esquecer a saga de “Rocky”, cujos filmes da trilogia foram concebidos durante a guerra fria¹³ e tinham o pano de fundo de posicionar os EUA como defensores da

¹² Gianos, P. L. (1998). Política e Políticos no Cinema Americano. Editora Praeger. e Jowett, G. S., & O'Donnell, V. (2018). Propaganda e Persuasão. Publicações SAGE. (Ambas parecem relevantes para a temática de política e cinema/propaganda).

¹³ A Guerra Fria foi um período de tensão política e ideológica entre os Estados Unidos e a União Soviética, que durou aproximadamente de 1947 a 1991. Esse conflito, embora nunca tenha levado a um confronto direto entre as duas

liberdade contra os regimes totalitários?

Essa manipulação da narrativa demonstra como o cinema pode construir “verdades” culturais que atendem a interesses específicos, destacando a natureza relativa da “verdade” quando mediada por veículos de comunicação de massa. Apesar disso, o cinema também é um campo no qual diferentes perspectivas podem emergir. Produções independentes e de outras partes do mundo frequentemente desafiam as “verdades” difundidas por *Hollywood*, oferecendo visões alternativas sobre eventos históricos e valores culturais, fornecendo um contraponto.

Na seara da comunicação em massa, é importante ressaltar a expansão da internet, das redes sociais e da IA (inteligência artificial), essa busca pela “verdade” se tornou ainda mais complexa.

Fake News, em bom português, notícias falsas, teorias da conspiração e informações manipuladas, destacam a importância de uma abordagem crítica e equilibrada para se avaliar o que é “verdadeiro”. Um hábito salutar nesse caso é a checagem das informações antes de compartilhar em nosso círculo social.

As *fake news* são uma das ferramentas mais utilizadas na estratégia de desinformação. Desde manchetes fabricadas até vídeos manipulados, essas informações enganosas visam a confundir o público e criar divisões profundas, com a função de fragmentar a opinião pública, pois um povo pensando de forma díspar é mais fácil de conquistar.

A impressão que se tem é que estão seguindo à risca o livro “A arte da Guerra”, do suposto autor e estrategista militar, o chinês Sun Tzu, por meio do qual ele ensina a tática “Dividir para conquistar”, a qual é seguida em várias áreas, como empreendedorismo, guerra e manipulação das massas.

Um exemplo marcante foi a proliferação de notícias falsas durante a pandemia de COVID-19. Declarações sem embasamento científico ou sob o viés de interesses políticos e mercantilistas sobre curas milagrosas, eficácia de medicamentos e teorias da conspiração tiveram efeitos devastadores na confiança das pessoas em profissionais de saúde e governantes sérios. Enfim, o fenômeno da desinformação não busca a “verdade” ou consenso, ao contrário, procura dividir a opinião pública, fragmentando a percepção da realidade e minando a confiança nas instituições.

Essa estratégia, que permeia desde debates científicos até questões sociais cotidianas, apresenta desafios complexos para as sociedades modernas, as quais dependem de informações precisas para prosperarem.

Em um mundo diverso, a ideia é que diferentes culturas possuem suas próprias “verdades” e promovem o respeito à pluralidade, pois nesse caminho existe a minha “verdade”, a sua “verdade” e a nossa “verdade”. É preciso considerar que muitas “verdades” mudaram ao longo do tempo. Por exemplo, o sistema em que havia pessoas escravizadas foi considerado aceitável em certas épocas por pressões

superpotências, foi caracterizado por uma intensa disputa em diversas áreas, como militar, econômica, tecnológica e ideológica.

mercantilistas, culturais, mas hoje é amplamente condenado.

A experiência humana é subjetiva, o que é verdadeiro para um indivíduo pode não ser para outro, especialmente em questões de moralidade, estética ou crenças pessoais. Como a situação da questão religiosa diretamente ligada à dieta, alguns grupos comem carne oriunda de suínos, outros não o fazem por terem a convicção que esse animal é impuro.

Existe também a visão relativa sobre a “verdade” imposta por respeito as culturas e alto determinação dos países signatários da Organização das Nações Unidas (ONU)¹⁴; Mas o relativismo também tem limitações. Ele pode levar ao que é conhecido como “relativismo extremo”, por meio do qual tudo é permitido e nenhuma ação ou crença pode ser objetivamente criticada. Além disso, pode dificultar o consenso em questões globais, como os direitos humanos.

Alguns pensadores contemporâneos propõem uma síntese entre esses dois extremos. O filósofo alemão Jürgen Habermas, por exemplo, argumenta que o diálogo racional pode levar a “verdades consensuais”, em um contexto específico, um enfoque que reconhece a diversidade sem abandonar completamente a ideia de valores compartilhados.

Vamos mirar nossa lente objetiva em algumas comunidades indígenas onde é comum a prática de sacrificar recém-nascidos com deficiências físicas, pois acreditam que essas crianças trariam má sorte à tribo. Para essas culturas, tal ato é aceitável e necessário para garantir a harmonia.

Em várias regiões, como o sul da Ásia, sacrifícios de animais são realizados como oferendas para divindades. Embora tais práticas sejam consideradas cruéis em algumas sociedades, para essas culturas, representam devoção e gratidão. E as mulheres da tribo Kayan, localizada na Tailândia e Mianmar? Elas usam argolas no pescoço desde a infância, para alongá-los. Esse costume é um símbolo de beleza e status, pois quanto mais longo o pescoço, mais bonita é a mulher, ainda que visto por muitos povos como opressivo.

O rio Ganges é considerado sagrado pelos hindus, que o personificam como a deusa Ganga, pois acreditam que, ao banharem-se no Ganges podem remir pecados e facilitar a libertação dos ciclos de reencarnação. Tal ritual é realizado nesse rio, mesmo ele sendo um dos mais poluídos do mundo. Em 2017, o nível de bactérias fecais por 100 mililitros podia chegar a 31 milhões, quando o máximo recomendado para o banho é de 500, e para o consumo é zero.

E a mutilação da genital feminina que ocorre em alguns lugares no Oriente Médio? Algumas comunidades praticam esse ato como forma de preservar a pureza ou evitar o casamento, mas, mesmo defendido por certos grupos como parte de suas tradições, esse é um acontecimento que levanta questões éticas universais.

Em algumas regiões da Índia, há casos em que homens se vestem como mulheres para criar seus

¹⁴ O princípio da autodeterminação dos países na ONU refere-se ao direito de cada povo decidir livremente sobre seu próprio destino político, econômico e sociocultural, sem interferência externa. A ONU, em seus propósitos e princípios, busca promover e proteger a autodeterminação, especialmente em relação aos povos que ainda não alcançaram a independência.

filhos em situações de viuvez ou perda da mãe, prática que é vista, por algumas comunidades, como um gesto de amor e sacrifício.

Apesar de sua ênfase no respeito à diversidade, o relativismo enfrenta críticas severas. Se toda “verdade” é relativa, como lidar com questões globais como direitos humanos? O relativismo extremo pode justificar práticas prejudiciais sob o pretexto de tradição cultural.

Na história oficial sempre prevalece a “verdade” escrita pelos vencedores, citaremos o “achamento” do Brasil, no qual a versão dos povos originários, que apareciam nos livros didáticos apenas como meros coadjuvantes, ficou à margem da “História Oficial do Brasil”.

A questão sobre a existência de uma “verdade” absoluta ou relativa continua sendo um dos maiores debates filosóficos. Embora ambos os lados apresentem argumentos convincentes, talvez o mais importante seja reconhecer que a busca pela “verdade” é, em si, um caminho de autodescoberta e crescimento, pois ao navegar entre absolutismos e relativismos, encontramos uma oportunidade de compreender melhor a complexidade da condição humana e construir um mundo mais tolerante e informado.

Como se não bastasse, a dicotomia entre a “verdade” absoluta e a relativa destaca a complexidade da condição humana. Enquanto valores universais oferecem estabilidade, o reconhecimento das diferenças culturais é essencial para uma convivência harmoniosa. Encontrar o equilíbrio entre esses dois polos é o desafio central da modernidade. Por fim, como disse Mahatma Gandhi (Mohandas Karamchand Gandhi), “A verdade é dura como o diamante, mas delicada como a flor de pêssego”.

A questão dessa discussão é uma jornada intelectual que nos convida a refletir sobre a natureza da realidade, o papel da cultura e a complexidade da experiência humana. Ao reconhecer a diversidade de perspectivas e a natureza construída do conhecimento, somos capazes de construir um mundo mais tolerante e aberto ao diálogo, no entanto, isso não significa abandonar a busca por “verdades” universais que possam guiar nossas ações e nos conectar como seres humanos.

A “verdade”, em última análise, é um processo contínuo de busca e construção, moldado pelas experiências individuais e coletivas. Ao abraçar essa complexidade, podemos viver em um mundo mais justo e equitativo.

Considerações Finais

Em conclusão, a busca pela verdade é um caminho complexo e multifacetado que nos leva a refletir sobre a natureza da realidade e a complexidade da experiência humana. A dicotomia entre a verdade absoluta e relativa nos mostra que a verdade pode ser moldada por contextos culturais, sociais e individuais, e que a busca por ela é um processo contínuo de construção e desconstrução.

Nesse sentido, é fundamental cultivar uma abordagem crítica e reflexiva, reconhecendo a

diversidade de perspectivas e a natureza construída do conhecimento. Ao abraçar essa complexidade, podemos construir um mundo mais tolerante e aberto ao diálogo, onde a busca pela verdade seja um processo contínuo de crescimento e autodescoberta. Somente assim poderemos alcançar uma compreensão mais profunda da realidade e promover uma convivência mais harmoniosa entre os seres humanos.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do iluminismo: fragmentos filosóficos**. Stanford: Stanford University Press, 2002.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacres et simulation**. Paris: Éditions Galilée, 1981.

DAVIDSON, C. I. (Ed.). **Clean Hands: Clair Patterson's crusade against environmental lead contamination**. New York: Nova Science Publishers, 1998.

GIANOS, Philip L. **Politics and politicians in American film**. Westport: Praeger, 1998.

JOWETT, Garth S.; O'DONNELL, Victoria. **Propaganda e persuasão**. Los Angeles: SAGE Publications, 2018.

PATTERSON, Clair C. Age of meteorites and the Earth. **Geochimica et Cosmochimica Acta**, v. 10, n. 4, p. 230–237, 1956. DOI: [https://doi.org/10.1016/0016-7037\(56\)90036-9](https://doi.org/10.1016/0016-7037(56)90036-9).

PLATÃO. **A república**. Tradução de José Cavalcante de Souza. São Paulo: Martins Fontes, 2001. Obra original escrita por volta de 380 a.C.

SHAW, Tony. **Guerra fria cinematográfica: a luta americana e soviética por corações e mentes**. Lawrence: University Press of Kansas, 2016.

ONDE ESTÁ A VERDADE AFINAL?

ONDE ESTÁ A VERDADE AFINAL?

*Joaquim GONÇALVES MACHADO NETO*¹⁵

Resumo: A busca pela verdade é um tema complexo e multifacetado que envolve questionamentos sobre a realidade e a existência humana, abrangendo diferentes perspectivas e definições, como objetividade, subjetividade, relatividade e absolutismo, influenciados por fatores culturais, filosóficos e individuais, sendo essencial para o desenvolvimento humano e a tomada de decisões conscientes.

Palavras-chave: 1. Percepção; 2. Conhecimento; 3. Razão; 4. Crença; 5. Fé.

¿DÓNDE ESTÁ LA VERDAD AL FINAL?

Resumen: La búsqueda de la verdad es un tema complejo y multifacético que implica cuestionamientos sobre la realidad y la existencia humana, abarcando diferentes perspectivas y definiciones, como objetividad, subjetividad, relatividad y absolutismo, influenciados por factores culturales, filosóficos e individuales, siendo esencial para el desarrollo humano y la toma de decisiones conscientes.

Palabras clave: 1. Percepción; 2. Conocimiento; 3. Razón; 4. Creencia; 5. Fe.

Introdução

A beleza do aprendizado é que ninguém pode roubá-lo de você (B. B. King).

No universo do pensamento humano, a busca pela verdade sempre foi uma constante. Desde os filósofos da Grécia Antiga até os pensadores contemporâneos, o desafio de desvendar os mistérios da existência e compreender a natureza da realidade tem sido uma jornada árdua e fascinante.

Mas, afinal, o que é a verdade? Como se pode alcançá-la? Por que esse questionamento continua a intrigar as mentes mais brilhantes de nossa época (Lucidarium, 2024)? A resposta a essas questões aponta para a ideia de que a verdade é relativa, moldada pelo contexto, pela perspectiva e pela interpretação. Não existe uma verdade única e universal, mas sim múltiplas verdades construídas a partir da percepção e da experiência humana (Moraes, s/d.). Assim, a verdade pode ser considerada um conceito subjetivo, que varia conforme os olhares individuais e os referenciais culturais (Lucidarium, 2024).

A filosofia tem como objetivo principal a busca pela verdade e pelo conhecimento verdadeiro, por meio do questionamento e reflexões sobre os mais diversos aspectos da existência humana (Lucidarium, 2024).

Além da filosofia, outras áreas do conhecimento também se dedicam à busca pela verdade, como a ciência, a cultura e a religião — cada uma encontrando suas próprias verdades. No caso das ciências,

¹⁵ Loja Major Hilário Tavares Pinheiro, N° 195, Oriente de Jaboticabal, SP, Afiliada à GLESP. Iniciação: 04/03/2017; Elevação: 12/06/2018. Exaltação: 28/05/2019. Engenheiro Agrônomo. Professor Universitário da UNESP – Universidade Estadual Paulista, *campus* de Jaboticabal – SP, durante o período de setembro de 1981 a agosto de 2024. Aposentado no cargo de Professor Titular.

em suas diversas áreas, a verdade é investigada por meio do método científico e da verificação empírica, o que confere a ela um caráter sistemático, testável e passível de revisão.

A cultura local e a sociedade também influenciam na construção do conhecimento e na forma como se interpreta a realidade (Costa, s/d.), e têm influência direta na forma de buscar e na própria verdade aceita naquelas circunstâncias.

A religião é um fator muito importante; pois é um fator exotérico; misterioso, oculto ou relacionado ao sobrenatural, práticas e crenças relacionadas ao ocultismo, à espiritualidade. Assim, a religião influencia a verdade porque implica na fé, na crença de que algo é verdade.

Portanto, não existem verdades absolutas, mas sim diferentes versões das realidades individuais e gerais e com diferentes variações.

Assim, objetiva-se, apresentar neste texto, os caminhos para o entendimento da verdade, com base nos conhecimentos adquiridos por meio de estudos e vivências, reflexões e dedicação do indivíduo na busca da verdade.

1. O que é a verdade?

Inicialmente, é necessário compreender o conceito de verdade, considerando suas múltiplas dimensões. A verdade consiste em julgar que as coisas são o que são na realidade: “Dizer que é, o que é, e dizer que não é o que não é, eis a verdade”, assim disse Aristóteles (Fadista, 2013).

A verdade supõe três elementos (Fadista, 2013):

- 1 - O objeto que se apresenta à inteligência,
- 2 - A inteligência que julga, e
- 3 - A relação de conformidade entre o juízo e o objeto.

O ser humano [inteligência] é o único animal que cria significados, que busca propósito em cada vivência. Portanto, a percepção da realidade é também uma questão de existência e sentido (Angius, 2025).

Angius (2025) cita uma assertiva filosófica de Viktor Frankl (1905-1997), neuropsiquiatra austríaco, de que o sentido da vida não está nos fatos em si, mas no modo como [eles] são interpretados.

A realidade bruta pode ser a mesma para muitos, mas o significado extraído dela é absolutamente singular (Angius, 2025).

A verdade também pode ser definida como sendo uma relação de conformidade entre o que o espírito [inteligência] julga e o que de fato é (Fadista, 2013).

Candido (2022) cita que a verdade é o fundamento de toda virtude; que é um atributo divino. Esse autor então pergunta: - O que de fato é a verdade? E a sua resposta: - É nada mais do que o que sabe a nossa própria consciência sobre nós mesmos.

É importante entender o que é verdade para se compreender melhor o mundo, pois a verdade é algo que dá segurança e ajuda a tomar decisões conscientes (Paula, s/d.),

Devido a importância da verdade para o ser humano, os filósofos modernos passaram a estudar o conceito de verdade, e como ele se relaciona com outros fenômenos como: liberdade, racionalidade e veracidade, porque são fenômenos interligados (Paula, s/d.).

Para explicar a interligação destes fenômenos, Paula (s/d.) cita os conceitos destes termos, para facilitar a compreensão do caminho da busca da verdade, que são os seguintes:

- *Liberdade* é a capacidade de escolher livremente entre diferentes opções.
- *Racionalidade* é a capacidade de pensar de forma lógica e coerente.
- *Veracidade* é o ato de buscar e descobrir a verdade por meio da razão.

2. A busca da verdade

A busca pela verdade é um desafio constante e contínuo do homem - o que é fundamental para o desenvolvimento do conhecimento humano (Lucidarium, 2024), principalmente para a evolução moral e espiritual do indivíduo e da humanidade.

Os caminhos da busca da verdade se iniciam no estudo sistemático; para a aquisição de novos conhecimentos, reflexões, diálogos e trocas de informações e de ideias com pessoas de diferentes perspectivas e visões sobre os assuntos, ou temas de interesse.

Estas atividades, ações e vivências enriquecem o conhecimento, amplia a visão de mundo (Costa, s/d.), e possibilitam a encontrar a verdade em cada área do conhecimento.

A verdade aceita vai depender dos fatores influentes presentes e da intensidade de cada um para o entendimento do indivíduo ou da sociedade. Assim, as verdades percebidas e acreditadas por cada indivíduo também podem ser percebidas e acreditadas por um conjunto de indivíduos, grupos, raças, sociedades etc.

Portanto, os caminhos para a busca da verdade se assentam na razão, nas diversas ciências e na religiosidade.

3. Definições de verdade

A verdade é entendida como a concordância que existe entre o que é dito, pensado e crido, e o real; a verdade, da qual não se pode duvidar (Conceitosdomundo.pt, s/d.).

Ao se perguntar à I.A. COPILOT (Copilot, 2025): Quais são as diferentes definições de verdade? A resposta apresentada foi a seguinte:

A palavra “verdade” é uma daquelas que carregam muitas camadas, dependendo do ponto de

vista - filosófico, científico, jurídico e até pessoal.

Definições dos principais tipos de verdade (Copilot, 2025):

- *Verdade como correspondência*: é a mais clássica - uma afirmação é verdadeira se corresponde aos fatos ou à realidade.

Por exemplo, “água ferve a 100 °C ao nível do mar” é verdadeiro porque se alinha com a observação empírica.

- *Verdade como coerência*: aqui, a verdade está na consistência lógica dentro de um sistema de crenças ou proposições.

Se uma ideia não contradiz outras verdades já aceitas nesse sistema, ela é considerada verdadeira.

- *Verdade pragmática*: algo é verdadeiro se funciona na prática ou se tem valor prático.

Essa visão é defendida por filósofos como William James: a verdade é o que “dá certo”.

- *Verdade subjetiva*: do campo da experiência pessoal - algo pode ser “verdade” para alguém com base em suas vivências e emoções, mesmo que não seja comprovável objetivamente.

É o famoso “é a minha verdade”.

- *Verdade jurídica*: no direito, a verdade pode ser aquilo que é reconhecido oficialmente com base em provas e testemunhos - mesmo que, depois, descubra-se um erro.

É a “verdade processual”.

- *Verdade revelada*: muito presente em contextos religiosos - é a verdade transmitida por divindades ou escrituras sagradas, aceita pela fé.

A beleza (e a confusão) da verdade está justamente em sua pluralidade (Copilot, 2025).

A verdade ainda pode ser definida como: objetiva, subjetiva, absoluta e relativa (Conceitosdomundo.pt, s.d.).

- *Verdade objetiva*: quando não depende das experiências, crenças e observações de cada indivíduo em particular, mas existe independentemente de ser conhecida ou aceita.

Por exemplo: conhecimento científico. Existe uma vacina que previne a tuberculose na grande maioria dos casos.

- *Verdade subjetiva*: quando fundamenta seu fundamento e existência no indivíduo que a fórmula. O subjetivismo é a corrente que sustenta que todas as verdades são subjetivas, por isso se baseiam na experiência e no modo de saber de cada sujeito.

Por exemplo: as opiniões e sentimentos que um indivíduo experimenta são considerados verdades subjetivas. Minha casa é a mais bonita do bairro.

- *Verdade absoluta*: qualquer crença, experiência ou postulado considerado verdadeiro independentemente do contexto histórico ou da cultura que o analisa.

O rótulo de absoluto é geralmente atribuído a ideias que se referem a Deus e à natureza humana.

Por exemplo: Todos os seres humanos nascem e morrem.

- *Verdade relativa*: refere-se às ideias consideradas verdadeiras a partir da perspectiva de um indivíduo ou de uma cultura, sendo, portanto, condicionadas ao contexto e à interpretação.

O relativismo é a doutrina que sustenta que nenhuma ideia tem validade universal, mas varia de acordo com o contexto em que se enquadra.

Por exemplo: O desenvolvimento humano é constante.

4. Teorias da verdade

Existem certas teorias (desenvolvidas por diferentes pensadores ao longo da história) que determinam critérios a ter em conta para distinguir o que é verdadeiro do que não é verdadeiro (Conceitosdomundo.pt, s/d.).

- *Teoria da verdade correspondente*. Corrente de pensamento que se baseia no critério de adequação e sustenta que um postulado é verdadeiro quando há correspondência entre aquele enunciado e o real.

Essa ideia realmente vem dos antigos gregos.

- *Verdade como evidência*. Corrente de pensamento que sustenta que um postulado é verdadeiro quando é apresentado ao intelecto de forma clara e evidente.

René Descartes foi um dos principais precursores dessa ideia.

- *Teoria coerente da verdade*. Corrente de pensamento que se baseia no critério de coerência e sustenta que um postulado é verdadeiro quando não contradiz outro que faça parte do mesmo sistema de verdades e crenças.

Os pensadores racionalistas foram os defensores dessa teoria.

- *Teoria do consenso*. Corrente de pensamento que se baseia no critério do consenso e sustenta que um postulado é verdadeiro quando é aceito por todos os membros de uma comunidade.

5. A verdade em filosofia

Ao longo de mais de dois milênios de história da filosofia, a verdade é palavra-chave dos pontos de vista metafísico e gnosiológico, e ambos são apresentados bastante interligados (Camello, 2009).

O entendimento filosófico da verdade estende-se desde os gregos, como Parmênides, que a entenderam por *alétheia*¹⁶ até a “salvaguarda do ser”, como se permite exprimir o filósofo Heidegger. Assim, o campo de exploração do sentido da verdade é muito vasto (Camello, 2009).

Para filosofar e refletir sobre a questão da verdade, Camello ((2009) cita que há a necessidade

¹⁶ Deusa grega, que era a personificação da verdade absoluta e da sinceridade. Na filosofia grega, *alétheia* (ἀλήθεια) era muito mais que um termo - era um princípio fundamental que moldou o pensamento ocidental.

de, além de o lugar físico, o silêncio e a reflexão; para o filósofo atingir um “lugar espiritual”, onde seja como que conatural o encontro *do e com* o pensamento.

Camello (2009) cita que esse encontro não é um encontro qualquer, mas o encontro com aquele pensamento do *que-é-com*; expressão viva do próprio *logos*, segundo o qual “todas as coisas se tornam” e nos fortalece para “falarmos com inteligência”.

Para reforçar estas condições citadas por Camello (2009), Candido (2022) ressalta que a verdade é tudo aquilo que pensamos, falamos e fazemos quando estamos a sós, sem ninguém para nos julgar.

Refletir sobre a verdade na filosofia é, pois, transcender, de certo modo, as inúmeras pontuações e usos que o termo pode assumir na vida comum e até mesmo na atividade científica. Com efeito, poucos termos podem contar com tamanha e particular apropriação como o de verdade (Camello, 2009).

É possível que se veja aí a importância e a indispensabilidade do que se esconde na verdade para o encaminhamento das relações sociais e humanas, e até mesmo para a sobrevivência da espécie (Camello, 2009).

Sem verdade não se vive, seja lá a circunstância em que se está. A verdade, “decide” inexoravelmente na vida humana (Camello, 2009).

6. A verdade para as diferentes correntes filosóficas

A busca pela verdade é um tema central na filosofia. A filosofia nos ajuda a questionar nossas crenças e buscar respostas mais fundamentadas.

A virtude é vista como um caminho para alcançar a verdade, e a ética é importante para guiar nossas ações em direção à verdade.

A filosofia se relaciona diretamente com as questões existenciais ao buscar compreender o sentido da vida, a natureza do ser humano, e a existência de Deus, entre outros temas fundamentais (Lucidarium, 2024). Ou seja, a filosofia busca as verdades existentes nos campos da matéria e do espírito do ser humano, e no universo como um todo.

Ao longo dos tempos, surgiram diversas correntes filosóficas; como o idealismo, o empirismo, o racionalismo, o existencialismo, o pragmatismo, entre outras. Cada uma delas apresenta diferentes perspectivas e abordagens para a busca da verdade (Lucidarium, 2024).

Um dos principais instrumentos utilizados pelos filósofos na busca da verdade, ao longo dos tempos, foi a razão e a ciência. Por meio do raciocínio lógico, eles buscaram encontrar respostas para as grandes questões filosóficas.

- **Platão** defendia que a verdade era uma realidade transcendental, acessível apenas através da razão.

- **Aristóteles** acreditava que a verdade era encontrada na observação e na experiência empírica

(método científico).

- **René Descartes** - já na era moderna - o método cartesiano, baseado na dúvida metódica (racionalidade), como forma de alcançar uma verdade indubitável, absoluta.

Descartes desafiou as crenças estabelecidas ao propor um questionamento radical de tudo aquilo que consideramos como verdade.

Sua famosa frase “**Penso, logo existo**” reflete a importância da dúvida como ponto de partida para a busca pela verdade.

- **Immanuel Kant** argumentou que a verdade é construída pela mente humana através das categorias do entendimento (racionalidade e intelectualidade).

Kant cita que a busca pela verdade também envolve questões éticas e morais, como a honestidade intelectual e a integridade acadêmica.

- **John Locke** e **David Hume** foram dois importantes filósofos empiristas [científicos] que enfatizaram a importância da experiência sensorial na busca pela verdade.

Para John Locke e David Hume, todo conhecimento provém da experiência e da observação do mundo ao nosso redor. Ou seja, através dos sentidos, somos capazes de obter informações que nos levam à compreensão da verdade.

- **Friedrich Nietzsche** trouxe um importante questionamento à busca pela verdade ao criticar a objetividade e ao afirmar que a verdade é relativa.

Assim, quanto mais ampla, abrangente e inclusiva seja a visão da realidade, mais se aproxima da verdade.

O contrário também acontece, quanto mais estreita e exclusiva seja a visão da realidade, mais distante a alma está de compreender o que é a verdade.

Para Nietzsche, não existe uma verdade absoluta e universalmente válida, mas sim diferentes perspectivas que dependem do contexto cultural e histórico.

Uma verdade inquestionável é que os princípios filosóficos são dinâmicos; agregam novas ideias ao longo do tempo à medida que novas ideias e formas de pensamento são introduzidas e paradigmas são desafiados (Anchieta, 2024).

7. A filosofia maçônica na busca da verdade

A Filosofia Maçônica é ancorada em duas verdades: a existência do Ser Supremo (G.A.D.U.); criador de todas as coisas existentes (19º Landmark), e na crença em uma vida futura (20º Landmarks) (GLESP, 2016), ou seja, na imortalidade do espírito, que passa para o oriente eterno.

Para Rodrigues (2009), a procura da verdade na Maçonaria, tudo começa com primeiro dos três passos:

1º - É preciso que sejamos capazes de **partir** e de **chegar**.

2º - Partir e chegar é realmente importante, porém, muito mais importante é a estrada que deve ser percorrida, **caminhar**.

3º - O **caminhar** é penetrar nos conhecimentos que a Arte Real nos propicia, não é possível parar [na procura da verdade].

Considerações Finais

Para se alcançar a verdade em cada dimensão da existência humana — seja no campo pessoal, social, espiritual ou intelectual — é imprescindível trilhar uma jornada profunda de autoconhecimento e sabedoria. Essa trajetória exige mais do que simples aquisição de informações: envolve o estudo atento, a interiorização dos saberes, a vivência de experiências transformadoras, a experimentação consciente, a reflexão crítica e o cultivo contínuo do eu interior.

Trata-se de um processo dinâmico e permanente, no qual o indivíduo se abre ao aprendizado, confronta suas próprias limitações e amplia sua percepção da realidade. Somente por meio dessa busca dedicada e constante é possível atingir níveis mais elevados de compreensão e acessar verdades mais refinadas e significativas.

No entanto, mesmo diante de tantos esforços, o ser humano está limitado à apreensão de verdades parciais, fragmentadas por sua condição finita. A verdade suprema e absoluta transcende a razão humana e reside unicamente em Deus — Ele é a própria Verdade, a fonte originária de toda sabedoria e de todo conhecimento, cuja plenitude escapa à lógica terrena e se revela apenas àqueles que se aproximam Dele com humildade e fé.

REFERÊNCIAS

ANCHIETA, J. S. **Os princípios filosóficos e a maçonaria**: uma jornada rumo à sabedoria. Revista Ciência & Maçonaria. Brasília, Vol. 11, n. 1, 2024, p. 53-59.

ANGIUS, G. **A percepção da realidade**, 2025. Disponível em: A percepção da realidade - Maçonaria e Maçon(s). Acesso em: 18 jun. 2025.

CAMELLO, M. J. O. A questão da verdade na filosofia. **Theoria - Revista Eletrônica de Filosofia**. Pouso Alegre. Edição 01/2009. Disponível em: Resultados da pesquisa A QUESTÃO DA VERDADE NA FILOSOFIA Maurílio José de Oliveira Camello | Theoria. Acesso em: 18 jun. 2025.

CÂNDIDO, G. **Amor fraternal, ajuda e verdade**. 2022. Disponível em: Amor Fraternal, Ajuda e Verdade - Maçonaria e Maçon(s). Acesso em: 18 jun. 2025.

CONCEITOSDOMUNDO.pt. **Verdade.**, s.d. Disponível em: Verdade - Conceito, tipos, exemplos e qual é a mentira. Acesso em: 20 jun. 2025.

COPILOT. **Quais são as diferentes definições de verdade?**. 2025. Disponível em: Microsoft Copilot: seu companheiro de IA. Acesso em: 23 mai. 2025.

COSTA, V. s.d. **Verdade absoluta x subjetividade**: uma reflexão sobre o conhecimento humano. Disponível em: Verdade absoluta x subjetividade: uma reflexão sobre o conhecimento humano. Acesso

em 12 abr. 2025.

FADISTA, A. R. **A verdade**. 2013. Disponível em: A VERDADE – Maçonaria.Net. Acesso em: 17 jun. 2025.

GLESP - GRANDE LOJA DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Landmarks**. *In*: Constituição & regulamento geral. São Paulo: GLESP, 2016. pp. 192-193.

LUCIDARIUM. Filosofia. **A busca pela verdade**: o desafio dos filósofos ao longo dos tempos. 2024. Disponível em: A Busca pela Verdade: O Desafio dos Filósofos ao Longo dos Tempos. Acesso em: 20 abr. 2025.

PAULA, M. **O conceito de verdade na filosofia moderna**, s/d. Disponível em: O Conceito de Verdade na Filosofia Moderna. Acesso em: 21 jun. 2025.

RODRIGUES, R. **O que é maçonaria?** *In*: ___. Maçonaria, filosofia & doutrina. 2. ed. São Paulo. Edições GLESP. 2009. pp. 31-36.

VERDADE:
princípio basilar da filosofia

VERDADE: princípio basilar da filosofia

*Luiz Anildo ANACLETO DA SILVA*¹⁷

Resumo: A verdade é um conceito complexo e multifacetado que tem sido debatido por filósofos ao longo da história. Pode ser entendida como a relação de concordância entre o pensamento e o objeto, ou como uma construção subjetiva. A busca pela verdade exige a superação do dogmatismo e dos argumentos falaciosos. A verdade objetiva é passível de verificação e independe da subjetividade individual. A essência da verdade está relacionada à liberdade e ao desvelamento dos entes. A verdade é essencial para a compreensão humana e suas relações sociais e temporais, e pode ser alcançada através do conhecimento e da reflexão crítica.

Palavras-chave: 1. Verdade; 2. Filosofia; 3. Conhecimento; 4. Ética; 5. Autoconstrução.

VERDAD: principio básico de la filosofía

Resumen: La verdad es un concepto complejo y multifacético que ha sido debatido por filósofos a lo largo de la historia. Puede ser entendida como la relación de concordancia entre el pensamiento y el objeto, o como una construcción subjetiva. La búsqueda de la verdad exige la superación del dogmatismo y de los argumentos falaces. La verdad objetiva es susceptible de verificación y es independiente de la subjetividad individual. La esencia de la verdad está relacionada con la libertad y el desvelamiento de los entes. La verdad es esencial para la comprensión humana y sus relaciones sociales y temporales, y puede ser alcanzada a través del conocimiento y la reflexión crítica.

Palabras clave: 1. Verdad; 2. Filosofía; 3. Conocimiento; 4. Ética; 5. Autoconstrucción.

Introdução

Ao se introduzir a temática, pode-se afirmar, à luz da filosofia, que a definição de verdade é múltipla e complexa, em razão de uma infinidade de fatores. Primariamente, poderíamos afirmar que a verdade se estabelece na relação de concordância do conteúdo do pensamento com o objeto. De maneira complementar, precisa-se também para agregar-se a um conhecimento verdadeiro, uma visão intelectual da essência do ser. Também, para ter-se uma possibilidade mais precisa de acessar a verdade, é necessário desprender a consciência em relação aos preconceitos, senso comum e o dogmatismo.

Chauí (2000) trata da ideia de verdade sob três concepções advindas da língua *grega, latina e hebraica*. Em grego, a verdade é concebida com o termo ‘*aletheia*’, que significa não esquecimento, não dissimulado, não oculto. Assim, a verdade é o que se mostra aos olhos do corpo e do espírito, é a manifestação daquilo que é ou existe tal como é. A verdade é evidente e plena para a razão. Nesta concepção, a verdade está vinculada à observância e à descrição da realidade.

Em latim, verdade se diz ‘*veritas*’ e se refere à exatidão, à rigorosidade de um relato, no qual se diz com detalhes, minúcias e fidelidade o que aconteceu. O verdadeiro alude-se à linguagem enquanto

¹⁷ Mestre Maçom, da Loja Concórdia do Sul, Oriente de Passo Fundo-RS. Ex-presidente do Conselho Consultivo, capítulo 243, de Passo Fundo-RS. Grau 15, Cavaleiro do Oriente, junto a Loja Filosófica Tarso Martelo do Supremo Conselho do grau 4 ao 33 do R.E.A.A, Vale de Passo Fundo-RS. Membro pesquisador e orador adjunto da Loja de Pesquisa Ítalo Portaluppi. Acadêmico correspondente da Academia Maçônica de Letras do Estado do Rio Grande do Sul - AMLERS. Deputado junto a Poderosa Assembleia Legislativa Maçônica do Estado Rio Grande do Sul – PALM. Graduação em enfermagem e filosofia, especialista em administração hospitalar, gerência de enfermagem, controle de infecção e terapia intensiva. Mestrado em Assistência de Enfermagem. Doutorado em Enfermagem na área de concentração Filosofia, Saúde e Sociedade. Professor titular, livre docente na Universidade Federal de Santa Maria.

narrativa de fatos acontecidos, refere-se a enunciados que dizem fielmente as coisas tais como foram ou aconteceram. A verdade em hebraico se diz *emunah* e significa confiança. Uma pessoa verdadeira é aquela que cumpre o prometido, são fiéis à palavra ou a um pacto. Ou seja, a verdade é uma crença na esperança e na confiança.

Incorporando o desenvolvimento e as discussões textuais, encontra-se em Aristóteles (2002) a proposta de dar sentido etimológico à verdade mediante três princípios: da *identidade*, em que um fato será sempre idêntico a si mesmo; da *não contradição*, um evento não pode ser e não ser ao mesmo tempo. Isto significa que uma conjectura e a sua negação não podem ser verdadeira ao mesmo tempo; *princípio do terceiro excluído*, uma conjectura só pode ser verdadeira ou falsa, não há uma terceira hipótese. Em termos lógicos, ou ela é verdadeira, ou a negação é verdadeira, não havendo outra condição possível.

Descreve Hessen (2012) que, na visão kantiana, a verdade é definida como a aquiescência de um conhecimento com um objeto. A verdade, portanto, é convenientemente a anuência do conhecimento com o objeto. Complementa Vargas (2015), dizendo que a essência do conhecimento em Kant está estreitamente ligada ao conceito de verdade, só o conhecimento verdadeiro é conceito efetivo. Sendo o conhecimento não-verdadeiro um erro e engano. Portanto, a verdade é a aquiescência do pensamento consigo mesmo.

Conforme acima explicitado, não há um conceito puro universal de verdade, pois, estando a verdade interligada à obtenção do conhecimento, poder-se-ia entender que existem muitas vias de conhecimento, porquanto, haveria muitas verdades. Melhor dizendo, nem os resultados do conhecimento, podem ser reduzidos a uma base comum a todos, então não se pode ter uma única verdade. Além disso, a reificação da vontade de verdade pode conduzir a consequências de natureza niilista, na medida em que esvazia o sentido crítico e reduz a complexidade da realidade a verdades fixas e dogmáticas. Nesta perspectiva, a relatividade conceitual de verdade no entendimento de mundo, do humano e de si são transcendentos (Abel, 2002).

Para Hessen (2012), na filosofia kantiana não há possibilidade de um critério material e universal de verdade. Fato é que, um critério universal de verdade, válido para todos os objetos, teria que alhear-se de toda distinção em geral. Razão por que um conhecimento verdadeiro em relação a um elemento pode ser falso em consideração a outros elementos. Os critérios universais da verdade, a bem que se diga, são aspectos lógicos que mostram como o conhecimento está em harmonia consigo mesmo.

No que concerne à concepção *relativista*, a verdade existe, mas é limitada a sua validade, nega a verdade, ficando o critério de verdade a cada indivíduo. Especificamente, entende-se não haver uma verdade universalmente válida. No relativismo, a verdade não é perene, não é absoluta, mas é mutável (Hessen, 2012). Embora a maioria dos humanos tenha o desejo de conhecer a verdade, não parece ser coerente que se afirme que toda a verdade seja relativa. Apesar disso, não é evidente a perspectiva que

a pessoa aponta para a verdade como completamente relativa (Brito *et al*, 2018).

No que se vincula aos limites éticos na busca pela verdade, descreve Michel Foucault (2010a), que na apreciação ética e da verdade, o termo *ascese*, no sentido grego e romano de *áskesis*, tinha um papel de definir eticamente o vínculo entre sujeito e verdade. A ascese neste contexto, constitui o sujeito comprometido com a veracidade. Desta forma, a técnica e ética do discurso verdadeiro não está centradas no problema da palavra, a questão, essencialmente, se refere ao compromisso com a verdade, que se tem que dizer, deve e pode dizer (Silva, 2024).

Com referência ao termo grego *parrhesia*, traduzido para o latim como *veritas* e para o francês como *frac-parlier*, refere-se à moral, à ética e às atitudes morais, condicionantes indispensáveis na constituição do discurso verdadeiro. Portanto, A *parrhesia* é basicamente falar tudo, ou seja, expressar a verdade. Eticamente, envolve ser franco, livre e aberto ao falar, permitindo que a pessoa diga exatamente o que pensa sobre um fato, uma ação ou uma ideia teórica. É um jeito de se comunicar sem medo de esconder o que realmente se quer dizer. Consequentemente, a *parrhesia* está ligada à escolha, à decisão, à atitude de quem fala, ou seja, a liberdade de quem fala. Nesta concepção, a verdade é eticamente prevalente (Silva, 2024).

A *parrhesia*, enquanto prática libertadora da verdade, pode ser estabelecida em dois níveis: no primeiro plano, que se refere ao enunciado da própria verdade, e no segundo, menciona o ato parresiástico, que é a afirmação da verdade enunciada, estimada, pensada, efetiva e autenticamente verdadeira. Neste sentido, reforça o autor, só haverá *parrhesia*, quando, na enunciação da verdade, houver liberdade e o sujeito possa efetivamente enunciar a verdade. Sinteticamente, pode-se dizer que a *parrhesia* é uma maneira de falar, de dizer a verdade (Foucault, 2010b).

Todavia, no exercício da *parrhesia*, ou seja, o compromisso ético com a verdade, encontra duas formas que lhes são infaustas e podem comprometer a sua prática, por utilizar-se de princípios que podem ser opressores: o primeiro deles é um adversário moral, que se refere à lisonja. O segundo é um adversário técnico, que alude à retórica. Neste contexto, a lisonja é o inimigo da *parrhesia*. O franco-falar deve dispensar a lisonja e dela livrar-se. Quanto à retórica, o franco-falar deve refletir e se, necessário, libertar-se dela, mas não necessariamente expulsá-la ou excluí-la, já que esta, respeitado os limites tacitamente definidos, pode ser verdadeiramente necessária. Diferentemente da lisonja, a retórica pode ser utilizada para enaltecer, ou esmorecer pessoas, ou grupos. Enfim, a *parrhesia* está em posição contrária à lisonja e reticente com a retórica, face a sua dualidade (Foucault, 2010b).

No que tange à percepção humana guiada pelos sentidos e interpretações na busca pela essência da verdade, há de se considerar: O conhecimento ampara-se na verdade, e é a reprodução sensível e conceitual. O conhecimento sensível refere-se as sensações, percepções e representações, enquanto o conceitual está vinculado ao inteligível na formulação de conceitos, juízos, hipóteses, leis, teorias, reconhecimento e interpretação. Sobre a essência da verdade, Heidegger (1889-1976) inicialmente faz

uma crítica velada à noção mais habitual de verdade, que se refere a esta concebida e enunciado com o objeto a que se refere. Heidegger retoma ao conceito de *Aletheia* grega, para a qual, compreende-a como ‘desvelamento’, uma condição de vi-la a sê-la e conservar-se que dá ao ente a sua presença (Lyra, 2006).

No que vincula à essência da verdade, empreende-se nomeadamente a questão do desvelamento nos moldes de um comportamento, condição de perspectiva ontológica definida pelo modo de o *Dasein* (ser-no-mundo) dispor-se em relação aos outros entes, sendo este comportamento mais constante. Porquanto, para Heidegger, a essência da verdade manifesta-se no desvelamento dos entes, ou seja, na revelação do ser em sua autenticidade. Complementarmente, o filósofo associa essa essência à liberdade, entendida como a condição que possibilita o desvelar do ser (Lyra, 2006). Assim, a verdade não se reduz a uma correspondência entre enunciado e realidade, mas emerge como um processo ontológico vinculado à abertura e à liberdade do ser.

Em Santo Tomás de Aquino (1225-1274), a essência da verdade está intimamente vinculada ao ser humano, fato de o intelecto tender para aquilo que é verdadeiro. Assim, os seres humanos são conclamados a buscar a verdade e dela viver. Santo Tomás coloca o ‘ser’ como fundamento da existência e que, a partir da inteligência, pode-se aproximar-se do conhecimento verdadeiro dos fatos (Tomás de Aquino, 2015). Melhor dizendo, a adequação da coisa (objeto/fato) ao intelecto.

Quando Sócrates proferiu ‘só sei que nada sei’ ele estava nos desafiando na busca pela verdade e o saber e, também, superar a ignorância. Descartes, tal qual, ao seu tempo e modo, alertam para as opiniões e crenças estabelecidas em seus respectivos espaços sociais, assim como desconfiam de suas próprias ideias e opiniões na busca estreita pela verdade. Afinal, do que estes filósofos desconfiam? Do dogmatismo (Chauí, 2000). Por dogmatismo, podemos entender a posição epistemológica para a qual o problema do conhecimento não chega a ser considerado. A possibilidade e a realidade entre sujeito e objeto são apenas a pressupostos.

Outro fato que instiga a buscar a verdade está na superação da ignorância. A percepção de Santo Agostinho em relação à ignorância e à sabedoria desvela-se, em diálogo com Evódio, seu irmão de fé, o qual diz que o néscio e o sábio se distinguem pela sujeição ou o senhorio de sua mente. Então, reforça Santo Agostinho, os ignorantes estão no oposto dos sábios, em que as paixões (vícios) não devem suplantar e que a virtude, pois quanto mais sublime, tanto será mais forte e invencível (Agostinho, 2019).

De Docta Ignorantia, expressão cunhada por Nicolau de Cusa, refere-se à motivação incessante para suplantar a ignorância na busca pela verdade, sobretudo, de Deus e do Universo. Nesta concepção, ao conscientizar-se da ignorância, dar-se conta da situação é o ponto de partida para superar-se e obter-se a verdade, o conhecimento e a sabedoria (Ramos Junior, 2024).

No que concerne à clareza e à evidência da verdade, Aristóteles afirma que, em contraste com a falsidade — considerada desprezível e censurável —, a verdade é nobre e digna. São verazes aqueles que, ao se manterem no meio-termo, merecem louvor, especialmente os que amam a verdade, podendo,

assim, ser considerados pessoas de bem. A capacidade crítica de discernir entre a verdade e não verdade é motivo de louvor, sendo a verdade propriamente dita algo que pertence ao intelecto (Aristóteles, 2005).

Semelhante à concepção aristotélica, na obra *'De veritate'* de Santo Tomás de Aquino sobre a verdade, ele a considera como algo transcendental a todas as coisas, sendo a verdade inseparável do *'ser'* e, quando há uma analogia o intelecto e a *'coisa'* conhecida, a via pode ser dupla, ou seja, tanto a *'coisa'* pode ser fundamento da verdade no intelecto, tanto quanto, o intelecto do pode ser fundamento da verdade na *'coisa'*, embora ratifique que a verdade primariamente deve estar no intelecto. Ao que se entende, resumidamente, na asserção tomista, a verdade dever ser definida como algo que pertence ao intelecto (Tomás de Aquino, 2015).

No que concerne à responsabilidade em sistematizar o exercício da verdade, diz Aristóteles (2005), que os humanos possuem em si mesmo, o anseio de conhecer a verdade. Contudo, o dogmatismo que leva ao relativismo é um fato. Santo Tomás de Aquino propõe princípios da verdade lógica em articulação com a verdade ontológica, a qual se refere ao sentido e à essência das coisas. Nesse contexto, a verdade ontológica se manifesta na conformidade do ente com seus princípios, sua origem e suas condições de existência. Assim, uma coisa será considerada verdadeira quando corresponder à sua própria natureza (Tomás de Aquino, 2015).

Chauí (2000), citando a filosofia hegeliana, diz que a razão não é somente objetiva, no que refere que a verdade esteja nos objetos, também não é tão-somente subjetiva, para a qual a verdade está no sujeito. Mas ela (razão) constitui a harmonia entre as coisas e as ideias, entre o objeto e o sujeito, permite conscientemente dirimir a verdade objetiva e a verdade subjetiva. Bem que se diga, a verdade objetiva deva ser compreendida e universalmente aceita, embora não seja necessariamente neutra ou imparcial, haja vista, a mutabilidade dos sujeitos frente à congregação de conhecimentos, que adicionalmente podem gerar mudanças nos segmentos sociais e culturais.

Sobre a subjetividade, Châtelet (1994) diz: as opiniões, nominadas por Platão como *'doxa'* se referem a supostos fatos, na realidade são partes produto das paixões, dos desejos, das circunstâncias e interesses, cada um vê o real conforme lhe convém e chama de realidade a tudo que corresponde às suas disposições subjetivas.

O problema da relação entre sujeito e objeto em suas diferentes instâncias, refere-se a interconexões ou distanciamentos no que se refere à epistemologia, à ética e a metafísica. O conceito de verdade, na história da filosofia, requer considerar o ideário de objetividade. Os termos incutidos nos sentidos de certezas, evidências, conformidades, adequações, objetos claros e distintos, apresentam uma determinada independência em relação ao sujeito ou às intersubjetividades manifestas. Quanto ao identificar ativo de objetividade, pode-se tomar como exemplo a matemática e a lógica. Pois bem, a verdade objetiva independe das percepções individuais, haja vista que pode ser passível de alguma forma de comprovação (Silva, 2012).

A articulação entre a subjetividade e a verdade estão consignadas às questões a serem contrapostas, tais como à possibilidade de conhecer a verdade, como alcançar o conhecimento legítimo a partir do sujeito cognoscente, de que modo se pode acessar o conhecimento verdadeiro (Candiottto, 2012). Porquanto, a verdade subjetiva tem como base a experiência, sentimentos e entendimentos pessoais, o qual pode alternar de um indivíduo para outro. Por outro lado, a realidade objetiva é independente de interpretação subjetiva, é livre da percepção ou da interpretação que dela se tenha.

Diz Chauí (2000) que a cultura resulta de uma criação coletiva de concepções, símbolos e valores socialmente compartilhados. Trata-se de uma atividade própria dos seres humanos, viabilizada pela linguagem, pelo trabalho e pela relação com o tempo. Manifesta-se de formas diversas — como práticas sociais, produções artísticas, pensamento reflexivo, religiosidade e organização política — e, ao longo do tempo, elabora crenças, modos de pensar, vínculos sociais e parâmetros que orientam suas expressões. Nesse contexto, a verdade se alinha àquilo que é culturalmente aceito, como linguagem, costumes, tradições e outras formas de significação.

Nas diferentes fases da vida, a verdade é um componente essencial para a compreensão dos seres humanos e as suas relações nos diferentes segmentos sociais e temporais (Hees, 2018). A verdade ao longo de sua história, procurou dar sentido as causas da existência e das formas dos seres, compreender os princípios de transformações do conhecimento, separar preconceitos e senso comum em sentido contrário ao pensamento e conhecimento crítico, liberdade de pensamento entender o sentido e os significados (Chauí, 2000). A verdade, de uma maneira em geral, é transcendente em diferentes fases da vida. Face à celeridade das mudanças, depende da apropriação de conhecimentos, portanto, pode ser mais rápida ou mais pausada, mas não estática. A verdade pode transpassar-se continuamente, tal qual o ‘rio de Heráclito’.

A autopoiese e o desenvolvimento dos seres, implica no conhecimento construído a partir de verdades inerentes ao bem-fazer, encontra em Sócrates a eterna frase ‘conhece-te a ti mesmo’, que coloca o ser como protagonista do seu complexo desenvolvimento ao praticar a autopoiese, fato decorrente da necessidade da compreensão a essência humana, já que todas as coisas que existem tendem a ter um fim. Nesta concepção, a alma é o caminho natural do homem, sendo a verdade um dos caminhos que levam a eudaimonia (felicidade). Diz o filósofo grego, para o homem encontrar a harmonia com o seu ‘ser’, é necessário fazer um exame de sua alma (consciência), pois verdade após a sua descoberta não pode/deve voltar a ser velada (Bomfim, 2017). Demócrito, filósofo pré-socrático, relaciona a verdade com o equilíbrio interno e assim, se obtém a verdadeira felicidade.

O termo *epimelía heautoû* cunhado por Foucault (2010a), pode ser definido como o cuidado de si; ocupar-se consigo mesmo, ou ainda, preocupar-se consigo mesmo, escutar a si, práticas de si, técnicas de si, técnicas de existência, relação consigo mesmo, governo de si, cultura de si. E, extensivamente a esse conceito, necessita-se adicionar o conceito de *gnôuthi seautón*, que é uma definição socrática que

significa ‘conhece-te a ti mesmo’. Reflexivamente, estes conceitos nos levam a entender que, ordenadamente, precisa-se primeiro conhecer-se a si para que se possa cuidar de si e, posteriormente, cuidar do outro. Carece-se de reconhecer que o ‘conhecimento de si’ constitui-se, intrinsecamente e tão somente assim, agregados e incorporados estes conceitos, poder-se-á efetivamente cuidar do outro, ou seja, o cuidado de si e do outro.

Neste entendimento de ‘si’ e do ‘outro’ simetricamente, a verdade em si, pode ser estendida ao outro, a não verdade não contribui para si, tampouco, para o outro. A construção do conhecimento de si, como componente efetivo, exige ter como base a verdade. Desta maneira, a verdade somente poderá ser eficaz, se efetivamente for passível de toda a forma de veracidade.

A essência do conhecimento está literalmente conectada ao conceito absoluto de verdade (aquiescência do pensamento consigo mesmo), pois só assim é verdadeiro e efetivo. O conhecimento atina-se à capacidade de descrever com precisão um fenômeno peculiar à consciência humana (Hessen, 2012). Porquanto, pode-se agregar uma definição subsequente de conhecimento, que alude, esse, à reprodução sensível de uma determinada realidade objetiva. Para os humanos, o conhecimento é individual e socialmente construído, diferentemente dos animais, nos quais o processo de trabalho é tão somente uma adaptação biológica ativa à natureza.

Por fim, retomando o inicialmente exposto, a definição de verdade é múltipla e de incomensuráveis entendimentos de muitos filósofos no transcorrer dos espaços e tempos. Neste manuscrito procurou-se evidenciar como o princípio primeiro que atribui a verdade, está constituído pela contrapartida entre os princípios de não contradição e do terceiro excluído, como já citado, sendo que estes podem ser nominados como princípios de verdades, já definidos por Aristóteles como efetivamente verdadeiros. Na presunção de verdade, há de considerar-se a superação do dogmatismo e dos argumentos falaciosos. A verdade, dita objetiva, é passível ser verificada, independente da subjetividade de cada pessoa. Arrematando as discussões, de forma simples, mas não simplista, poder-se-á dizer que a verdade é uma propriedade dos discursos, sendo considerada verdadeira, desde que esteja consignada com o mundo real.

Considerações Finais

Em conclusão, a busca pela verdade é um desafio contínuo que permeia a história da filosofia, revelando-se como um conceito multifacetado e complexo. A verdade pode ser entendida como a relação de concordância entre o pensamento e o objeto, ou como uma construção subjetiva, dependente das experiências e percepções individuais. Para alcançá-la, é necessário superar o dogmatismo e os argumentos falaciosos, adotando uma postura crítica e reflexiva. A verdade objetiva, embora passível de verificação, não está imune às influências culturais e históricas, o que a torna dinâmica e em constante

evolução. Por fim, a verdade é essencial para a compreensão humana e suas relações sociais e temporais, sendo um caminho que exige conhecimento, reflexão crítica e autopoiese.

REFERÊNCIAS

- ABEL, Günter. Verdade e Interpretação. **Cadernos Nietzsche** 12, 2002. Disponível em: <https://gen-grupodeestudosnietzsche.net/wp-content/uploads/2018/05/CN012.15-32.pdf>. Acesso em 26 jun. 2025.
- AGOSTINHO, Santo. **Sobre o livre-arbítrio**. Tradução de Everton Toresin. Campinas: Ecclesiae. 2019.
- ARISTÓTELES. Clássicos da Filosofia de Filosofia. **Cadernos de Tradução**. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. N.º 1. Campinas: UNICAMP/IFCH. 2002.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Martin Claret, 2005.
- BOMFIM, Marco Antônio Correia. O “conhece-te a ti mesmo” como fundamento do saber ético. **Rev. Fac. Ilhéus**, v.1, n.1, p. 72-80, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://siga.faculdadedeilheus.com.br/Revista/Artigo/Download/6>. Acesso em 28 jun. 2025.
- CANDIOTTO, Cesar. Subjetividade e verdade no último Foucault. **Trans/Form/Ação**. São Paulo, 31(1): 87-103, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/trans/a/dP6ptnMKsWtsqLVmC8c4gCh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 01 jul. 2025.
- CHATÉLET, François. **Uma história da razão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1994.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite a filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.
- FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010a.
- FOUCAULT, Michel. **O governo de si e dos outros**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010b.
- HEES, Luciane Weber Baia. Afinal, o que é verdade? **Complexitas - Rev. Fil. Tem.**, Belém, v. 3, n. 2, pp. 29-39, jul./dec. 2018.
- HESSER, Johannes. **Teoria do conhecimento**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- LYRA, Edgar. Heidegger, história e alteridade: Sobre a essência da verdade como ponto de partida. **Natureza Humana** 8(2): 337-356, jul.-dez. 2006. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/nh/v8n2/v8n2a04.pdf>. Acesso em 27 jun. 2025.
- RAMOS JUNIOR, Gerson Moreira. O conceito de douta ignorância e o fazer biblioteconômico. **LOGEION: Filosofia da informação**, Rio de Janeiro, v. 11, ed. especial, e-7384, nov. 2024.
- SILVA, Gabriel Ferreira. Verdade e decisão: sobre a relação entre verdade objetiva e decisão subjetiva (a partir de Kierkegaard). **Revista Guairacá**, pp. 9-25, Número 28, 2012. Disponível em: <https://revistas.unicentro.br/index.php/guaiaraca/article/view/2696>. Acesso em 30 jun. 2025.
- SILVA, Luiz Anildo Anacleto da Silva. Parrhesia: preceitos contributivos à prática da maçonaria. **Ad Lucem** | São Luís, Vol. I, nº. 3, p. 6-14, Jan, 2024. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4322/2763-6070.2024001>. Acesso em 25 jun. 2025.
- TOMÁS DE AQUINO, Santo. **O livre-arbítrio: quaestiones disputatae de veritate**. São Paulo: EDIPRO, 2015.
- VARGAS, Sara Sofia. O problema da verdade em Kant. **Griot: Revista de Filosofia**, v. 12, n. 2, p. 32-49, 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5766/576664591003/html>. Acesso em 25 jun. 2025.

**DO ORÁCULO MAÇÔNICO:
ferramentas simbólicas como princípios da verdade**

DO ORÁCULO MAÇÔNICO: ferramentas simbólicas como princípios da verdade

*Sérgio NUNES DE JESUS*¹⁸
*Davys SLEMAN DE NEGREIROS*¹⁹

Resumo: O Oráculo Maçônico representa uma das mais relevantes ferramentas simbólicas da Maçonaria, sendo fundamental para a transmissão de valores éticos, filosóficos e espirituais. Este estudo, fundamentado em uma revisão de literatura, investiga os significados e aplicações das principais ferramentas do Oráculo, como o Cubo de Salomão, o Pentagrama, o Triângulo, o Círculo e o Esquadro e Compasso. A pesquisa explora como esses símbolos se relacionam com os princípios universais da verdade, incluindo unidade, harmonia, justiça, liberdade e sabedoria. Os resultados destacam que o Oráculo Maçônico é amplamente utilizado em práticas meditativas, rituais e estudos, promovendo o desenvolvimento moral e espiritual dos iniciados. Contudo, o aprofundamento de seu simbolismo e raízes esotéricas é necessário para ampliar sua compreensão e aplicação em um mundo marcado por desafios éticos e espirituais. Conclui-se que o Oráculo é uma ferramenta essencial para o aprimoramento individual e coletivo, contribuindo para a vivência dos valores universais que norteiam a fraternidade maçônica.

Palavras-chave: 1. Oráculo maçônico; 2. Simbolismo; 3. Valores éticos; 4. Maçonaria; 5. Princípios universais.

DEL ORÁCULO MASONICO: herramientas simbólicas como principios de la verdad

Resumen: El Oráculo Masónico representa una de las herramientas simbólicas más relevantes de la Masonería, siendo fundamental para la transmisión de valores éticos, filosóficos y espirituales. Este estudio, fundamentado en una revisión de la literatura, investiga los significados y aplicaciones de las principales herramientas del Oráculo, como el Cubo de Salomón, el Pentagrama, el Triángulo, el Círculo y la Escuadra y el Compás. La investigación explora cómo estos símbolos se relacionan con los principios universales de la verdad, incluyendo unidad, armonía, justicia, libertad y sabiduría. Los resultados destacan que el Oráculo Masónico es ampliamente utilizado en prácticas meditativas, rituales y estudios, promoviendo el desarrollo moral y espiritual de los iniciados. Sin embargo, el profundizar en su simbolismo y raíces esotéricas es necesario para ampliar su comprensión y aplicación en un mundo marcado por desafíos éticos y espirituales. Se concluye que el Oráculo es una herramienta esencial para el mejoramiento individual y colectivo, contribuyendo a la vivencia de los valores universales que guían la fraternidad masónica.

Palabras clave: 1. Oráculo masónico; 2. Simbolismo; 3. Valores éticos; 4. Masonería; 5. Principios universales.

Introdução

A Maçonaria, frequentemente descrita como uma organização fraternal com base em valores éticos, morais e espirituais, utiliza o simbolismo como uma linguagem universal para transmitir seus ensinamentos. No cerne dessa prática está o Oráculo Maçônico, um conjunto de ferramentas simbólicas que representam os princípios fundamentais da ordem, servindo como guias para o autoconhecimento e a busca pela verdade. Esses símbolos, cuidadosamente organizados e interpretados, promovem reflexões profundas sobre a existência humana, a justiça, a harmonia e a interconexão universal.

O Oráculo Maçônico tem suas origens associadas às tradições esotéricas e filosóficas que precederam a fundação da Maçonaria moderna, incluindo influências do hermetismo, da filosofia neoplatônica e de sistemas simbólicos das civilizações antigas, como Egito, Grécia e Roma. Essas heranças foram adaptadas ao longo do tempo para atender às necessidades de uma ordem que busca

¹⁸ Da Academia Maçônica de Letras de Rondônia (AMLRO). Da Academia Cacoalense de Letras - ACLEC. Professor efetivo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia, *campus* Cacoal-IFRO, escritor, músico e poeta.

¹⁹ Da Academia Maçônica de Letras de Rondônia (AMLRO). Grau 33°, CIM 2060 - M.'M.'. - Rito R.E.A.A. - LOJA: ARBOLS Gonçalves Ledo n° 08, Oriente Cacoal-RO - GLOMARON.

harmonizar o progresso humano com os valores éticos e espirituais. Sendo assim, Hall (1923) ressalta que o simbolismo maçônico é uma “linguagem dos sábios”, destinada a despertar nos iniciados uma compreensão mais elevada dos mistérios universais.

A importância do Oráculo Maçônico reside na sua capacidade de traduzir conceitos abstratos e complexos em imagens e representações acessíveis. Isso é particularmente relevante no contexto da Maçonaria, onde o aprendizado ocorre por meio da experiência pessoal e da interpretação simbólica. Logo, Pike (1871) enfatiza que os símbolos contidos no Oráculo não são meramente decorativos, mas sim ferramentas práticas para a elevação moral e espiritual.

O objetivo deste artigo é explorar as ferramentas simbólicas que compõem o Oráculo Maçônico e analisar como elas fundamentam os princípios da verdade. Para isso, serão abordados os significados de cada símbolo, como o Cubo de Salomão, o Pentagrama, o Triângulo, o Círculo e o Esquadro e Compasso, destacando suas interpretações e aplicações práticas no contexto maçônico. Além disso, serão examinados os princípios da verdade subjacentes ao simbolismo do Oráculo, como unidade, harmonia, justiça, liberdade e sabedoria, demonstrando como esses valores podem ser incorporados na vivência maçônica.

A escolha de explorar o Oráculo Maçônico e suas ferramentas simbólicas como princípios da verdade justifica-se pela relevância histórica e filosófica do tema na construção do pensamento ético e espiritual da Maçonaria. Em um contexto onde os valores universais como harmonia, justiça e sabedoria são cada vez mais necessários, o estudo do simbolismo maçônico oferece um caminho único para a compreensão e aplicação prática desses ideais. Além disso, a análise detalhada dessas ferramentas simbólicas contribui para o enriquecimento acadêmico e cultural, permitindo um diálogo interdisciplinar entre história, filosofia e espiritualidade. Assim, este trabalho busca preencher lacunas na literatura contemporânea sobre o simbolismo maçônico, oferecendo uma perspectiva aprofundada sobre a funcionalidade e os ensinamentos do Oráculo Maçônico na vivência da ordem e na busca pelo aprimoramento humano.

1. Definição do Oráculo Maçônico e sua importância na Maçonaria

O Oráculo Maçônico é uma das mais intrigantes e significativas ferramentas simbólicas dentro da tradição maçônica. Ele pode ser compreendido como um sistema de símbolos que visa oferecer orientação espiritual, moral e filosófica aos membros da fraternidade. Esses símbolos funcionam como chaves para a introspecção e o autoconhecimento, auxiliando os iniciados a desenvolverem uma compreensão mais profunda de si mesmos e do mundo ao seu redor. De acordo com Pike (1871), os símbolos contidos no Oráculo são *reflexos da verdade universal*, projetados para despertar nos maçons uma percepção superior dos princípios que governam a existência.

A definição do Oráculo Maçônico vai além de sua função simbólica; ele também representa um canal de transmissão dos valores e ensinamentos maçônicos. Ao integrar elementos como o Cubo de Salomão, o Pentagrama, o Triângulo e o Esquadro e Compasso, o Oráculo serve como um guia prático para a aplicação dos preceitos éticos e filosóficos que fundamentam a Maçonaria. Assim, Manly P. Hall (1923) descreve o Oráculo como "uma ponte entre o mundo material e o espiritual", enfatizando que seus símbolos contêm verdades universais que transcendem contextos históricos e culturais.

A importância do Oráculo Maçônico na Maçonaria pode ser compreendida por meio de sua função didática e ritualística. Ele atua como um meio de ensinar os princípios essenciais da ordem, como harmonia, justiça, liberdade e sabedoria, de maneira visual e intuitiva. Esses símbolos são utilizados nos rituais maçônicos para facilitar a meditação, a reflexão e o aprendizado contínuo. Conforme argumenta Wilmshurst (1922), o simbolismo do Oráculo é "uma ferramenta essencial para o progresso moral e espiritual", pois incentiva os maçons a questionarem suas ações, valores e escolhas.

Além disso, o Oráculo Maçônico promove a conexão entre os iniciados e a tradição esotérica da Maçonaria, criando um vínculo com as raízes filosóficas da ordem. Ele reforça a ideia de que a verdade não é apenas um conceito abstrato, mas uma experiência prática que deve ser vivida e incorporada. Nesse sentido, o Oráculo não é apenas uma ferramenta simbólica, mas também um instrumento transformador que molda o caráter e as ações dos maçons, ajudando-os a alcançar o ideal de *tornar-se um homem melhor*, como destacado nos ensinamentos maçônicos clássicos.

Ele é definido como um sistema de símbolos meticulosamente elaborados, destinado a proporcionar orientação espiritual, moral e filosófica aos membros da ordem. Esses símbolos atuam como portais para a introspecção e o autoconhecimento, capacitando os iniciados a aprofundarem sua compreensão sobre si mesmos, as relações humanas e os princípios universais. Nessa perspectiva, Pike (1871) descreve os símbolos do Oráculo como "reflexos da verdade universal", projetados para elevar a percepção dos maçons em relação às leis fundamentais que regem a existência.

A definição do Oráculo Maçônico transcende sua dimensão simbólica ao assumir também um papel didático e transformador. Ele é um canal essencial para a transmissão de valores e ensinamentos que alicerçam a doutrina maçônica. Integrando elementos como o Cubo de Salomão, o Pentagrama, o Triângulo e o Esquadro e Compasso, o Oráculo opera como um guia prático e ritualístico para a aplicação dos princípios éticos e filosóficos que regem a ordem. Hall (1923) argumenta que o Oráculo Maçônico age como "uma ponte entre o mundo material e o espiritual", destacando que seus símbolos encapsulam verdades universais que transcendem fronteiras culturais e temporais.

A relevância do Oráculo Maçônico é amplamente reconhecida em sua capacidade de conduzir o aprendizado moral e espiritual por meio de práticas ritualísticas e reflexivas. Ele oferece um método visual e intuitivo para ensinar os princípios centrais da Maçonaria, como harmonia, justiça, liberdade e sabedoria. Esses valores, profundamente arraigados no simbolismo do Oráculo, permitem aos maçons

alcançarem uma maior compreensão de seus próprios deveres éticos e espirituais. Wilmshurst (1922) enfatiza que o simbolismo do Oráculo é "uma ferramenta essencial para o progresso moral e espiritual", motivando os maçons a avaliarem continuamente suas escolhas e ações.

Além de suas funções educacionais e rituais, o Oráculo Maçônico fortalece a conexão entre os iniciados e a rica tradição esotérica da Maçonaria. Ele serve como um elo com as raízes filosóficas da ordem, destacando que a busca pela verdade é tanto um conceito ideal quanto uma prática cotidiana a ser incorporada. Dessa forma, o Oráculo não é apenas um repositório simbólico, mas também um instrumento transformador, moldando o caráter e as atitudes dos maçons. Como apontado pelos preceitos maçônicos, ele inspira os indivíduos a alcançar o ideal de *tornar-se um homem melhor*, cumprindo o propósito central da fraternidade.

1.1 Das bases objetivas

Este estudo tem como objetivo principal aprofundar a compreensão do Oráculo Maçônico, destacando sua importância simbólica, filosófica e prática dentro do universo maçônico. Para isso, busca-se analisar as ferramentas simbólicas presentes nesse oráculo, como o Cubo de Salomão, o Pentagrama, o Triângulo, o Círculo e o Esquadro com Compasso, interpretando seus significados e as mensagens filosóficas que transmitem.

Além disso, o estudo explora a relação entre esses símbolos e os princípios da verdade, como unidade, harmonia, justiça, liberdade e sabedoria, ressaltando como esses valores contribuem para a formação moral e espiritual dos maçons.

Por fim, o trabalho também demonstra como o Oráculo é utilizado na prática dentro da maçonaria, seja em rituais, meditações ou reflexões. Essa aplicação prática mostra como o oráculo ajuda no desenvolvimento pessoal e coletivo dos membros, fortalecendo os ensinamentos e valores que permeiam a ordem maçônica. Assim, o estudo busca oferecer uma compreensão mais profunda e integrada do papel do Oráculo na vida maçônica, tanto em seus aspectos simbólicos quanto em sua utilização cotidiana.

1.2 Ferramentas simbólicas

O Oráculo Maçônico é composto por um conjunto de ferramentas simbólicas que desempenham um papel central na transmissão dos ensinamentos e valores da Maçonaria. Esses símbolos representam ideias abstratas e princípios universais, facilitando a reflexão e o autoconhecimento dos iniciados. Cada ferramenta possui um significado único, mas todas convergem para a construção de uma compreensão integrada e harmônica da verdade. A seguir, são analisadas algumas das principais ferramentas

simbólicas do Oráculo Maçônico.

1.3 Cubo de Salomão

O Cubo de Salomão é uma representação geométrica que simboliza harmonia, equilíbrio e estabilidade. Ele é associado à ideia de perfeição universal e ordem divina.

Em sua estrutura sólida e simétrica, o cubo reflete a estabilidade moral e espiritual necessária para a construção de um caráter íntegro.

Pike (1871) afirma que *o cubo, com suas faces iguais, é a representação visível da igualdade e do equilíbrio que devem reger a vida do maçom* (grifo nosso).

Este símbolo inspira o iniciado a buscar harmonia em todas as esferas da vida, desde suas interações pessoais até seu compromisso com a ordem e a sociedade.

1.4 Pentagrama

O Pentagrama, também conhecido como estrela de cinco pontas, é um símbolo que remete à perfeição humana e à interação harmoniosa entre o microcosmo e o macrocosmo.

Assim, é amplamente utilizado para representar a proporção áurea e a interconexão entre os elementos que compõem a existência.

Hall (1923) descreve que "o pentagrama, com suas pontas equilibradas, é o retrato perfeito do homem em harmonia com as leis cósmicas".

Ele também destaca que o símbolo é um lembrete constante da necessidade de alinhamento entre as forças internas e os princípios universais.

1.5 Triângulo

O Triângulo é um dos símbolos mais antigos e universais, representando a trindade e a unidade. Suas três pontas são interpretadas como a conexão entre corpo, mente e espírito, além de simbolizarem os princípios de sabedoria, força e beleza.

Wilmshurst (1922) explica que "o triângulo é um símbolo ascendente, representando o movimento do homem em direção à luz e ao esclarecimento".

Essa simbologia reforça a busca incessante do maçom por elevação espiritual e moral, conectando-se aos valores centrais da ordem.

1.6 Círculo

O Círculo é um símbolo de infinitude e continuidade, representando a interconexão dos seres e a eternidade das verdades universais. Sua forma perfeita e ininterrupta reflete a unicidade e a ausência de começo ou fim.

Waite (1927) argumenta que "o círculo é o símbolo supremo da perfeição, representando o ciclo eterno da vida e a busca constante pelo entendimento completo da verdade".

Ele ressalta ainda que o círculo é frequentemente utilizado em meditações maçônicas para reforçar a ideia de completude.

1.7 Esquadro e Compasso

O Esquadro e o Compasso são as ferramentas mais icônicas da Maçonaria. O Esquadro simboliza a retidão e a justiça nas ações, enquanto o Compasso representa o controle dos desejos e a busca pelo equilíbrio. Juntas, elas formam a base dos ensinamentos morais da ordem.

Pike (1871) destaca que "o Esquadro ensina a medir nossas ações, enquanto o Compasso nos orienta a delinear limites morais e espirituais". Esse conjunto simbólico enfatiza a necessidade de autocontrole e disciplina, fundamentais para o crescimento pessoal e a convivência harmônica.

Essas ferramentas não apenas ilustram os ensinamentos filosóficos e espirituais da Maçonaria, mas também servem como guias práticos para a vivência diária dos maçons. Cada símbolo, com sua profundidade e significado, convida o iniciado a refletir sobre os princípios universais que devem reger sua vida e suas ações, promovendo uma conexão com a verdade e a sabedoria universal.

2. Princípios da verdade

Na Maçonaria, os Princípios da Verdade são fundamentos éticos e filosóficos que orientam os maçons em sua jornada de autodescoberta, harmonia interior e relacionamento com o mundo.

Esses princípios estão intimamente conectados às ferramentas simbólicas do Oráculo Maçônico e representam ideais universais que transcendem o tempo e as culturas.

2.1 Unidade

A unidade é um dos princípios fundamentais da Maçonaria, refletindo a interconexão de todos os seres no universo e a harmonia que une as diferentes partes em um todo coeso. Esse princípio promove a ideia de que, ao compreender a ligação entre todos os aspectos da existência, o indivíduo é capaz de

transcender divisões aparentes e alcançar a plenitude espiritual e moral. A unidade, portanto, é vista como a base para a construção de uma sociedade mais justa e integrada, onde cada pessoa reconhece seu papel no equilíbrio universal.

Albert Pike (1871), ao explorar o conceito de unidade, afirma:

A unidade é a essência da verdade. Aquele que busca o conhecimento não deve se limitar às aparências externas, mas deve olhar profundamente para o interior das coisas, onde reside a força vital que conecta todas as formas. Assim como os raios do sol partem de um único centro, todas as criaturas vivas têm sua origem em um princípio único e supremo. Negar essa unidade é negar a própria essência da existência, pois é somente na compreensão da interconexão universal que se pode encontrar a harmonia e a verdadeira iluminação (Pike, 1871, p. 102).

Essa citação enfatiza que a unidade não é apenas um conceito abstrato, mas uma realidade essencial que permeia todas as dimensões da vida. No contexto maçônico, ela é simbolizada pelo círculo, cuja forma perfeita e contínua reflete a ideia de infinitude e completude. A unidade serve como um lembrete constante de que o progresso individual está intrinsecamente ligado ao bem-estar coletivo, e que a busca pela verdade deve ser acompanhada de um esforço para integrar e harmonizar todas as coisas.

2.2 Harmonia

A **harmonia** é um princípio central na Maçonaria, representando o equilíbrio entre forças opostas e a coexistência pacífica de diferentes elementos. Esse conceito simboliza a ordem universal, em que cada parte desempenha um papel específico para formar um todo coeso. No contexto maçônico, harmonia é mais do que a ausência de conflitos; é a manifestação de um alinhamento entre pensamentos, palavras e ações, em conformidade com os valores éticos e espirituais que regem a fraternidade.

Manly P. Hall (1923) descreve a harmonia como uma característica essencial da vida maçônica:

Harmonia é a música da alma, ressoando nos mais altos níveis do ser humano. É através da harmonia que os maçons alinham suas mentes e corações com as leis imutáveis da natureza. Os símbolos e rituais da ordem são projetados para inspirar a harmonia interior e exterior, ensinando que o verdadeiro equilíbrio é alcançado ao se integrar o espiritual e o material em uma única expressão de verdade (Hall, 1923, p. 67).

A harmonia é frequentemente simbolizada na Maçonaria por figuras geométricas equilibradas, como o triângulo e o pentagrama, que remetem à proporcionalidade e ao alinhamento perfeito. Além disso, ela está presente nos rituais maçônicos, que são cuidadosamente organizados para criar uma atmosfera de ordem e serenidade. Na prática, a busca pela harmonia orienta os maçons a viverem de maneira equilibrada, respeitando os princípios éticos da ordem e promovendo o bem-estar em suas comunidades.

Esse princípio também incentiva a conciliação de opostos, reconhecendo que os desafios e as

adversidades fazem parte do caminho para o crescimento pessoal e espiritual. Assim, a harmonia não é apenas uma meta a ser alcançada, mas um processo contínuo de ajuste e equilíbrio, que reflete o compromisso maçônico com o aperfeiçoamento constante.

2.3 Justiça

A justiça é um dos princípios fundamentais da Maçonaria, simbolizando a prática da equidade, imparcialidade e retidão moral. Dentro da ordem, a justiça não é apenas um ideal filosófico, mas um guia prático que orienta as ações e decisões dos maçons. Esse princípio está profundamente enraizado nos ensinamentos simbólicos e ritualísticos, sendo constantemente evocado para lembrar os iniciados de suas responsabilidades para com a verdade, a harmonia e o bem coletivo.

Wilmshurst (1922) descreve a justiça como a essência da ética maçônica:

A justiça, no âmbito maçônico, é a virtude suprema que sustenta todas as outras. Ela exige que os maçons julguem suas ações com a mesma equidade que desejam receber. É por meio da justiça que se estabelece a verdadeira ordem, tanto na vida individual quanto na fraternidade, pois, ao praticá-la, o homem demonstra sua fidelidade às leis universais e ao Grande Arquiteto do Universo (Wilmshurst, 1922, p. 89).

Na Maçonaria, a justiça é frequentemente simbolizada pelo esquadro, uma ferramenta que representa a retidão e a equidade. O esquadro lembra os maçons de avaliar suas ações de forma justa, alinhando seus comportamentos aos preceitos morais e éticos da ordem. Além disso, a justiça está presente nos rituais, onde as decisões e julgamentos são conduzidos com base em princípios de imparcialidade e respeito mútuo.

A aplicação da justiça também se estende ao compromisso social do maçom. Esse princípio incentiva os membros da ordem a promoverem ações que beneficiem a sociedade, combatendo a desigualdade e trabalhando para o bem-estar coletivo. Dessa forma, a justiça se torna não apenas uma prática individual, mas um alicerce para a construção de uma sociedade mais justa e harmônica.

2.4 Liberdade

A liberdade é um dos princípios mais valorizados na Maçonaria, sendo entendida como a autonomia de agir de acordo com a própria consciência, desde que em conformidade com os princípios éticos e respeitando os direitos dos outros. Para os maçons, a verdadeira liberdade é inseparável da responsabilidade, pois implica o reconhecimento de deveres morais e sociais.

De acordo com Waite (1927), a liberdade não é apenas o direito de fazer escolhas, mas a capacidade de alinhar essas escolhas com a verdade universal e com o progresso pessoal. Ele destaca que a liberdade maçônica está profundamente conectada ao domínio das paixões e ao autodomínio,

elementos essenciais para a elevação moral.

Assim, a liberdade, no contexto maçônico, transcende a ideia de independência para se tornar uma prática ativa de alinhamento com os valores que promovem o bem coletivo.

No simbolismo maçônico, a liberdade está intimamente ligada ao compasso, que representa a habilidade de traçar limites morais e éticos.

Esse símbolo reforça a necessidade de cada maçom exercitar sua autonomia de forma equilibrada, respeitando os princípios universais de justiça e harmonia.

2.5 Sabedoria

A sabedoria é considerada o ponto culminante dos princípios maçônicos, representando a aplicação prática do conhecimento com discernimento e compreensão. Na Maçonaria, a sabedoria não é apenas um acúmulo de informações, mas o resultado de uma experiência profunda e reflexiva que orienta o comportamento e as decisões.

Parafraseando Pike (1871), a sabedoria é descrita como a luz que guia os maçons em sua jornada, iluminando o caminho para a compreensão dos mistérios da existência e para a aplicação prática da verdade. Ele ressalta que a sabedoria é adquirida por meio de estudo, meditação e pela vivência dos valores maçônicos no cotidiano.

Simbolicamente, a sabedoria é associada ao triângulo, que representa o equilíbrio entre o conhecimento, a força e a beleza. Essa figura geométrica reforça a ideia de que a sabedoria é alcançada quando os aspectos intelectual, emocional e espiritual estão alinhados. No contexto maçônico, a busca pela sabedoria é contínua e exige esforço constante, sendo considerada uma das virtudes mais elevadas da ordem.

3. Aplicação prática

A aplicação prática do Oráculo Maçônico transcende o entendimento teórico de seus símbolos, tornando-se um instrumento ativo no desenvolvimento moral, espiritual e filosófico dos maçons. A utilização de suas ferramentas simbólicas promove a reflexão e o alinhamento com os princípios universais da verdade, impactando tanto a vida individual quanto a convivência fraternal.

O Oráculo Maçônico é amplamente utilizado como um instrumento de introspecção e autoconhecimento. Durante práticas de meditação, os maçons são incentivados a se concentrar nos símbolos do Oráculo, permitindo que eles sirvam como guias para explorar questões internas e buscar respostas para dilemas éticos e espirituais. Pike (1871) ressalta que *os símbolos do Oráculo são reflexos das verdades universais, projetados para despertar nos iniciados uma percepção mais profunda da*

conexão entre o material e o espiritual (grifo nosso). Essa prática fomenta um estado de consciência ampliado, permitindo ao maçom alinhar-se aos valores éticos e espirituais da ordem.

A análise de casos de estudo é uma prática comum na Maçonaria, onde os maçons revisitam dilemas éticos ou situações do dia a dia sob a luz dos princípios do Oráculo. Por exemplo, símbolos como o Esquadro e o Compasso são frequentemente usados para avaliar a retidão e a proporcionalidade em decisões práticas.

Hall (1923) afirma que "a aplicação dos símbolos do Oráculo em situações reais é uma forma de integrar os ensinamentos maçônicos à vida cotidiana, transformando desafios em oportunidades de crescimento moral". Essa abordagem não apenas reforça o entendimento simbólico, mas também incentiva ações justas e harmoniosas.

O desenvolvimento da consciência é uma das principais metas da vivência maçônica. Para isso, são realizados exercícios que envolvem a interpretação dos símbolos do Oráculo, a discussão em grupo sobre seus significados e a aplicação prática dos princípios em questões pessoais e comunitárias. Wilmshurst (1922) descreve que *os exercícios maçônicos baseados no simbolismo do Oráculo ajudam a fortalecer o caráter, promovendo um equilíbrio entre a mente, o coração e o espírito* (grifo nosso). Essas práticas são projetadas para inspirar os maçons a agirem com maior discernimento e responsabilidade.

A literatura maçônica clássica desempenha um papel crucial na aplicação prática do Oráculo. Textos como *Morals and Dogma* de Pike e *The Lost Keys of Freemasonry* de Hall oferecem interpretações detalhadas dos símbolos e princípios do Oráculo, proporcionando uma base teórica para sua aplicação. Waite (1927) observa que *o estudo da tradição maçônica por meio de textos clássicos é uma jornada essencial para compreender e vivenciar os valores que sustentam a ordem* (grifo nosso). Esse estudo permite que os maçons aprofundem seu conhecimento e fortaleçam sua conexão com os ensinamentos simbólicos.

Essas formas de aplicação prática demonstram como o Oráculo Maçônico transcende sua dimensão simbólica, tornando-se uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento pessoal e coletivo. Por meio da meditação, da análise de casos, de exercícios práticos e do estudo teórico, os maçons são capacitados a incorporar os princípios universais da verdade em suas vidas e a contribuir para a harmonia e a justiça no mundo.

Considerações Finais

Assim sendo, o presente estudo explorou o Oráculo Maçônico como elemento central da Maçonaria, destacando suas ferramentas simbólicas e sua conexão com os princípios universais da verdade. Analisaram-se símbolos como o Cubo de Salomão, o Pentagrama, o Triângulo, o Círculo e o

Esquadro e Compasso, enfatizando seus significados profundos e como eles promovem valores como unidade, harmonia, justiça, liberdade e sabedoria. Além disso, foi discutida a aplicação prática do Oráculo em meditação, análise de casos, exercícios de autoconhecimento e estudo de textos clássicos, demonstrando sua relevância na vivência maçônica e no aprimoramento moral e espiritual dos iniciados.

O Oráculo Maçônico desempenha um papel fundamental na jornada maçônica, oferecendo um meio simbólico para compreender e aplicar os princípios universais da verdade. Ele transcende sua função como um simples conjunto de símbolos, tornando-se uma ferramenta prática para a introspecção, a reflexão e o alinhamento com os valores éticos da ordem. Conforme ressaltado por Pike (1871), o Oráculo é "um mapa para a verdade, que guia o iniciado pelos caminhos do autoconhecimento e da conexão com o universo". Assim, sua importância reside em sua capacidade de transformar o indivíduo, promovendo o equilíbrio entre o mundo interno e externo, e inspirando ações pautadas na justiça e na sabedoria.

No contexto atual, onde os valores universais frequentemente são desafiados, o aprofundamento dos estudos sobre o Oráculo Maçônico representa uma oportunidade de fortalecer a compreensão e a prática desses princípios. Perspectivas futuras incluem a investigação de novas formas de aplicar o simbolismo do Oráculo no cotidiano maçônico, bem como o aprofundamento do estudo de suas raízes esotéricas e filosóficas.

Hall (1923) sugere que *a sabedoria é um processo contínuo de descoberta e aplicação, um caminho que nunca se completa, mas que continuamente ilumina* (grifo nosso). A Maçonaria, por meio do Oráculo, oferece aos seus membros a chance de continuar essa busca, promovendo uma sociedade mais justa, harmônica e sábia.

REFERÊNCIAS

- HALL, Manly Palmer (1901-1990). *The Lost Keys of Freemasonry*. Los Angeles: **Philosophical Research Society**, 1923.
- PIKE, Albert. **Morals and dogma of the ancient and accepted Scottish Rite of freemasonry**. Charleston: Supreme Council, 1871.
- WAITE, Arthur Edward. **The secret tradition in freemasonry**. London: Rider & Company, 1927.
- WILMSHURST, Walter Leslie. **The meaning of masonry**. London: Philip Wellby, 1922.

**EXISTE UMA VERDADE ABSOLUTA
OU A VERDADE É RELATIVA?**

EXISTE UMA VERDADE ABSOLUTA OU A VERDADE É RELATIVA?

*Geraldo Marcelo LEMOS GONÇALVES*²⁰

Resumo: O texto discute a dicotomia entre "verdade absoluta" e "verdade relativa", explorando diferentes perspectivas filosóficas e exemplos concretos. A verdade absoluta é associada a princípios universais e imutáveis, enquanto a verdade relativa depende do contexto, cultura e experiências individuais. O texto destaca a complexidade da construção do conhecimento e a importância de reconhecer a diversidade de perspectivas. Além disso, aborda a manipulação da verdade em diferentes contextos, como na ciência, política e mídia, e a necessidade de uma abordagem crítica e equilibrada para avaliar a verdade. Por fim, conclui que a busca pela verdade é um processo contínuo de busca e construção, moldado pelas experiências individuais e coletivas.

Palavras-chave: 1. Verdade; 2. Filosofia; 3. Relativismo; 4. Conhecimento; 5. Subjetividade.

¿EXISTE UNA VERDAD ABSOLUTA O LA VERDAD ES RELATIVA?

Resumen: El texto discute la dicotomía entre "verdad absoluta" y "verdad relativa", explorando diferentes perspectivas filosóficas y ejemplos concretos. La verdad absoluta se asocia con principios universales e inmutables, mientras que la verdad relativa depende del contexto, la cultura y las experiencias individuales. El texto destaca la complejidad de la construcción del conocimiento y la importancia de reconocer la diversidad de perspectivas. Además, aborda la manipulación de la verdad en diferentes contextos, como en la ciencia, la política y los medios de comunicación, y la necesidad de un enfoque crítico y equilibrado para evaluar la verdad. Por último, concluye que la búsqueda de la verdad es un proceso continuo de búsqueda y construcción, moldeado por las experiencias individuales y colectivas.

Palabras clave: 1. Verdad; 2. Filosofía; 3. Relativismo; 4. Conocimiento; 5. Subjetividad.

Introdução

A busca pela “verdade” é uma questão fundamental que permeia a filosofia desde a antiguidade. Vamos explorar a dicotomia entre “verdade absoluta” versus “verdade relativa”.

Através da análise de diferentes perspectivas filosóficas e exemplos concretos, busca-se compreender as implicações de cada abordagem e a complexidade da construção do conhecimento. Há séculos, a questão sobre a “verdade” é um dos assuntos mais profundos e controversos no campo da filosofia, teologia, política, ciência e antropologia.

Vários pensadores têm debatido: existe uma “verdade” universal e imutável ou a “verdade” é moldada pelas experiências, culturas e contextos sociais? Nessa seara vamos aprofundar essa discussão, trazendo exemplos práticos de diversas culturas e suas interpretações sobre a “verdade”, desde os conceitos filosóficos clássicos até as interpretações contemporâneas.

A ideia de uma verdade absoluta baseia-se no princípio de que certos fatos e valores universais independem de opiniões ou contextos. Além disso, as religiões monoteístas frequentemente sustentam

²⁰ M.: Inst.:, Membro da A. R. L. M. Estrela Maior de Turmalina nº 243, do G. O. M. G. e Correspondente da A. R. L. S. *Virtual Lux in Tenebris* nº 47, da G. L. O. M. A. R. O. N., Grau 09, do R. E. A. A. e M. R. do Real Arco. Bacharel em Odontologia (UFVJM, 1999) e Administração de Empresas (UNINTER, 2022). Especialista em Odontopediatria (UFVJM, 2003), Ortodontia (UFVJM, 2010), Implantodontia (UNIASSSELVI, 2013) e Maçonologia: História e Filosofia (UNINTER, 2018). Habilitação em Sedação Consciente e Analgesia Inalatória (ABRASCO, 2015). Mestre em Prótese Dental (SLMANDIC, 2023).

que “uma divindade” é a fonte da verdade absoluta. Para muitos, essa ideia fornece um código moral universal que transcende culturas, é imutável e tem caráter de dogma, a exemplo do Islã. Por extensão, essa concepção também é encontrada em tradições religiosas como o cristianismo, em que Deus é visto como a fonte final de toda a “verdade”.

As filosofias clássicas, como as de Pláton, gios tou Aristán tis Athínas, ou simplesmente Platão, postulam que existem ideias puras e perfeitas que representam a “verdade” em sua forma mais elevada. Como se não bastasse, a “verdade” absoluta oferece uma base sólida para normas morais e científicas. Sem ela, haveria um relativismo extremo que poderia levar ao caos social e à incoerência nos sistemas de conhecimento. Logo, por esse viés, certas leis são consideradas universais.

A gravidade, por exemplo, atua igualmente em qualquer lugar da Terra. Mas durante a concepção desse fenômeno físico o Senhor Galileo di Vincenzo Bonaulti de Galilei, mais conhecido como Galileu Galilei, foi perseguido pelo papa vigente, foi julgado pela Inquisição, considerado “veementemente suspeito de heresia”. Como pena, foi forçado a se retratar, e passou o resto de sua vida em prisão domiciliar.

Entretanto, mesmo no campo científico, “verdades” absolutas são constantemente questionadas e revisadas à luz de novas descobertas e só têm valor a partir do momento em que são validadas pelos seus pares. O conceito de “verdade” é frequentemente associado ao consenso dentro de um grupo ou comunidade social e científica, daí a necessidade que o ser humano tem de ser validado sempre, seja por artigos científicos que corroboram com a sua ideologia e/ou pesquisa, ou por meio de curtidas em redes sociais e até mesmo elogios. Como no campo científico, a validação pelos demais desempenha um papel crucial, ela pode ser manipulada por “pressões” de mercado ou de indústrias petrolíferas, agrícolas e automobilísticas, dentre outras.

Quando cientistas publicam estudos afirmando que o planeta está aquecendo devido às atividades humanas no que tange ao consumo de combustíveis fósseis, essa afirmação se torna “verdade” dentro da comunidade científica, porque outros especialistas corroboram com os métodos e os resultados.

Contudo, grupos opositores e “céticos”, apoiados por interesses, utilizam vieses diferentes dos mesmos dados a fim de rejeitar a conclusão sobre o aquecimento global. Assim, a “verdade” não é uma entidade fixa, mas algo continuamente negociado e debatido.

Outro exemplo famoso que atesta o dito acima foi a disputa ideológica entre os Senhores Robert Arthur Kehoe e o Clair Cameron Patterson. O primeiro tinha seu laboratório de pesquisas financiado por empresas interessadas em produzir ciência, com o intuito de apoiar o uso do chumbo tetraetila com aditivo na gasolina, como a GM, DuPont e Ethyl Corporation. Já Clair Cameron Patterson, o cientista que desenvolveu o método de datação urânio-chumbo, utilizando chumbo isotópico do meteorito de Canyon Diablo, foi capaz de calcular a idade do planeta Terra. Devido à capacidade desse elemento de se fixar na atmosfera e no corpo humano, além de sua evidente toxicidade, desde os anos 1940, ele e sua

equipe foram opositores ferrenhos do uso chumbo na gasolina, o que resultou na proibição do aditivo nos combustíveis nos Estados Unidos da América (EUA), em 1986, ou seja, após 46 anos de disputa entre dois grupos de cientistas. Isso demonstra que a “verdade” absoluta no meio científico sofre com a ganância da humanidade.

Apesar de seus defensores, a ideia de uma “verdade” absoluta enfrenta críticas. Filósofos como Nietzsche desafiaram a noção, argumentando que “as verdades” são construções culturais e históricas. Ademais, a complexidade das experiências humanas sugere que raramente há uma única resposta para questões morais ou sociais.

Por outro lado, o relativismo sustenta que a “verdade” depende do contexto, da cultura, das experiências individuais e das perspectivas. Essa visão de que a “verdade” é um amalgama é amplamente associada ao pensamento contemporâneo e às ciências sociais.

Por interesse político, observa-se ainda a manipulação da “verdade” no uso do cinema como ferramenta. Hollywood, ao longo do tempo, tem retratado historicamente os EUA como uma força global do bem, moldando percepções culturais e políticas relativas a essa nação e seu eixo de relacionamento internacional. “Pearl Harbor”, por exemplo, é um filme produzido durante a Segunda Guerra Mundial. Como “Platoon”, “Apocalypse Now” e “Bom Dia, Vietnã” foram produzidos após a guerra do Vietnã. E como esquecer a saga de “Rocky”, cujos filmes da trilogia foram concebidos durante a guerra fria e tinham o pano de fundo de posicionar os EUA como defensores da liberdade contra os regimes totalitários?

Essa manipulação da narrativa demonstra como o cinema pode construir “verdades” culturais que atendem a interesses específicos, destacando a natureza relativa da “verdade” quando mediada por veículos de comunicação de massa. Apesar disso, o cinema também é um campo no qual diferentes perspectivas podem emergir. Produções independentes e de outras partes do mundo frequentemente desafiam as “verdades” difundidas por Hollywood, oferecendo visões alternativas sobre eventos históricos e valores culturais, fornecendo um contraponto.

Na seara da comunicação em massa, é importante ressaltar a expansão da internet, das redes sociais e da IA (inteligência artificial). Assim, a busca pela “verdade” se tornou ainda mais complexa.

Fake News, em bom português, notícias falsas, teorias da conspiração e informações manipuladas, destacam a importância de uma abordagem crítica e equilibrada para se avaliar o que é “verdadeiro”. Um hábito salutar nesse caso é a checagem das informações antes de compartilhar em nosso círculo social.

As fake news são uma das ferramentas mais utilizadas na estratégia de desinformação. Desde manchetes fabricadas até vídeos manipulados, essas informações enganosas visam a confundir o público e criar divisões profundas, com a função de fragmentar a opinião pública, pois um povo pensando de forma díspar é mais fácil de conquistar.

A impressão que se tem é que estão seguindo à risca o livro “A arte da Guerra”, do suposto autor e estrategista militar, o chinês Sun Tzu, por meio do qual ele ensina a tática “Dividir para conquistar”, a qual é seguida em várias áreas, como empreendedorismo, guerra e manipulação das massas.

Um exemplo marcante foi a proliferação de notícias falsas durante a pandemia de COVID-19. Declarações sem embasamento científico ou sob o viés de interesses políticos e mercantilistas sobre curas milagrosas, eficácia de medicamentos e teorias da conspiração tiveram efeitos devastadores na confiança das pessoas em profissionais de saúde e governantes sérios. Enfim, o fenômeno da desinformação não busca a “verdade” ou consenso, ao contrário, procura dividir a opinião pública, fragmentando a percepção da realidade e minando a confiança nas instituições.

Essa estratégia, que permeia desde debates científicos até questões sociais cotidianas, apresenta desafios complexos para as sociedades modernas, as quais dependem de informações precisas para prosperarem.

Em um mundo diverso, a ideia é que diferentes culturas possuem suas próprias “verdades” e promovem o respeito à pluralidade, pois nesse caminho existe a minha “verdade”, a sua “verdade” e a nossa “verdade”. É preciso considerar que muitas “verdades” mudaram ao longo do tempo. Por exemplo, o sistema em que havia pessoas escravizadas foi considerado aceitável em certas épocas por pressões mercantilistas, culturais, mas hoje é amplamente condenado.

A experiência humana é subjetiva, o que é verdadeiro para um indivíduo pode não ser para outro, especialmente em questões de moralidade, estética ou crenças pessoais. Como a situação da questão religiosa diretamente ligada à dieta, alguns grupos comem carne oriunda de suínos, outros não o fazem por terem a convicção que esse animal é impuro. Mas o relativismo também tem limitações. Ele pode levar ao que é conhecido como “relativismo extremo”, por meio do qual tudo é permitido e nenhuma ação ou crença pode ser objetivamente criticada. Além disso, pode dificultar o consenso em questões globais, como os direitos humanos.

Alguns pensadores contemporâneos propõem uma síntese entre esses dois extremos. O filósofo alemão Jürgen Habermas, por exemplo, argumenta que o diálogo racional pode levar a “verdades consensuais”, em um contexto específico, um enfoque que reconhece a diversidade sem abandonar completamente a ideia de valores compartilhados.

Vamos mirar nossa lente objetiva em algumas comunidades indígenas onde é comum a prática de sacrificar recém-nascidos com deficiências físicas, pois acreditam que essas crianças trariam má sorte à tribo. Para essas culturas, tal ato é aceitável e necessário para garantir a harmonia. Em várias regiões, como o sul da Ásia, sacrifícios de animais são realizados como oferendas para divindades. Embora tais práticas sejam consideradas cruéis em algumas sociedades, para essas culturas, representam devoção e gratidão. E as mulheres da tribo Kayan, localizada na Tailândia e Mianmar? Elas usam argolas no pescoço desde a infância, para alongá-las. Esse costume é um símbolo de beleza e status, pois quanto

mais longo o pescoço, mais bonita é a mulher, ainda que visto por muitos povos como opressivo.

O rio Ganges é considerado sagrado pelos hindus, que o personificam como a deusa Ganga, pois acreditam que, ao banharem-se no Ganges podem remir pecados e facilitar a libertação dos ciclos de reencarnação. Tal ritual é realizado nesse rio, mesmo ele sendo um dos mais poluídos do mundo. Em 2017, o nível de bactérias fecais por 100 mililitros podia chegar a 31 milhões, quando o máximo recomendado para o banho é de 500, e para o consumo, zero.

E a mutilação da genital feminina que ocorre em alguns lugares no Oriente Médio? Algumas comunidades praticam esse ato como forma de preservar a pureza ou evitar o casamento, mas, mesmo defendido por certos grupos como parte de suas tradições, esse é um acontecimento que levanta questões éticas universais.

Em algumas regiões da Índia, há casos em que homens se vestem como mulheres para criar seus filhos em situações de viuvez ou perda da mãe, prática que é vista, por algumas comunidades, como um gesto de amor e sacrifício.

Apesar de sua ênfase no respeito à diversidade, o relativismo enfrenta críticas severas. Se toda “verdade” é relativa, como lidar com questões globais como direitos humanos? O relativismo extremo pode justificar práticas prejudiciais sob o pretexto de tradição cultural.

Na história oficial sempre prevalece a “verdade” escrita pelos vencedores, citaremos o “achamento” do Brasil, no qual a versão dos povos originários, que apareciam nos livros didáticos apenas como meros coadjuvantes, ficou à margem da “História Oficial do Brasil”.

Figura 1: Universo paralelo.



Fonte: Criado por IA.
Acesso em: 13 mai. 2025.

A questão sobre a existência de uma “verdade” absoluta ou relativa continua sendo um dos maiores debates filosóficos. Embora ambos os lados apresentem argumentos convincentes, talvez o mais importante seja reconhecer que a busca pela “verdade” é, em si, um caminho de autodescoberta e crescimento, pois ao navegar entre absolutismos e relativismos, encontramos uma oportunidade de compreender melhor a complexidade da condição humana e construir um mundo mais tolerante e informado. Como se não bastasse, a dicotomia entre a “verdade” absoluta e relativa destaca a complexidade da condição humana. Enquanto valores universais oferecem estabilidade, o reconhecimento das diferenças culturais é essencial para uma convivência harmoniosa. Encontrar o equilíbrio entre esses dois polos é o desafio central da modernidade. Por fim, como disse Mahatma Gandhi (Mohandas Karamchand Gandhi), “A verdade é dura como o diamante, mas delicada como a flor de pêssego”.

A questão dessa discussão é uma jornada intelectual que nos convida a refletir sobre a natureza da realidade, o papel da cultura e a complexidade da experiência humana. Ao reconhecer a diversidade de perspectivas e a natureza construída do conhecimento, somos capazes de construir um mundo mais tolerante e aberto ao diálogo, no entanto, isso não significa abandonar a busca por “verdades” universais que possam guiar nossas ações e nos conectar como seres humanos.

A “verdade”, em última análise, é um processo contínuo de busca e construção, moldado pelas experiências individuais e coletivas. Ao abraçar essa complexidade, podemos viver em um mundo mais justo e equitativo.

Considerações Finais

Em conclusão, a busca pela verdade é uma jornada complexa e multifacetada que envolve a compreensão da natureza da realidade, o papel da cultura e a complexidade da experiência humana. A dicotomia entre verdade absoluta e relativa destaca a necessidade de encontrar um equilíbrio entre valores universais e diferenças culturais. Ao reconhecer a diversidade de perspectivas e a natureza construída do conhecimento, podemos construir um mundo mais tolerante e aberto ao diálogo. A verdade é um processo contínuo de busca e construção, moldado pelas experiências individuais e coletivas. Ao abraçar essa complexidade, podemos viver em um mundo mais justo e equitativo, onde a busca pela verdade seja um caminho de autodescoberta e crescimento. Como disse Mahatma Gandhi, "A verdade é dura como o diamante, mas delicada como a flor de pêssego".

REFERÊNCIAS

Adorno, T. W., & Horkheimer, M. **Dialética do iluminismo**: fragmentos filosóficos. Stanford University Press, 2002.

Baudrillard, J. **Simulacres e simulation**. Edições Galiléia, 1981.

Davidson, C. I. (Ed.). **Clean Hands: Clair Patterson's Crusade against Environmental Lead Contamination**. New York: Nova Science Publishers, 1998.

Gianos, P. L. **Política e políticos no cinema americano**. Editora Praeger, 1998.

Jowett, G. S., & O'Donnell, V. **Propaganda e persuasão**. Publicações SAGE, 2018.

Shaw, T. **Guerra fria cinematográfica: a luta americana e soviética por corações e mentes**. University Press of Kansas, 2016.

Patterson, C. Age of meteorites and the Earth. **Geochimica et cosmochimica acta**, 10(4), 230–237, 1956.

Platão. (c.380 a.C.). **A república**. Tradução de José Cavalcante de Souza. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

O PRINCÍPIO MAÇÔNICO DA VERDADE

O PRINCÍPIO MAÇÔNICO DA VERDADE

*Izautonio da SILVA MACHADO JUNIOR*²¹

Resumo: O texto aborda o conceito de verdade em suas diversas dimensões e perspectivas, desde a filosofia até a maçonaria. A verdade é apresentada como um princípio fundamental que pode ser entendido de diferentes maneiras, seja como uma virtude a ser praticada ou como um objeto de estudo e investigação. A maçonaria, em particular, destaca a importância da busca pela verdade como um caminho para o aperfeiçoamento pessoal e a compreensão dos mistérios da vida e do universo. O texto também explora a relação entre a verdade e a moralidade, enfatizando a importância de ser verdadeiro e honesto em todas as ações e pensamentos. Além disso, são apresentadas diferentes perspectivas sobre a verdade, incluindo a mitologia grega e egípcia, e a importância da liberdade de pensamento e da reflexão para alcançar a compreensão da verdade.

Palavras-chave: 1. Maçonaria; 2. Filosofia; 3. Verdade; 4. Princípios; 5. Reflexão.

EL PRINCIPIO MASÓNICO DE LA VERDAD

Resumen: El texto aborda el concepto de verdad en sus diversas dimensiones y perspectivas, desde la filosofía hasta la masonería. La verdad se presenta como un principio fundamental que puede ser entendido de diferentes maneras, ya sea como una virtud a ser practicada o como un objeto de estudio e investigación. La masonería, en particular, destaca la importancia de la búsqueda de la verdad como un camino para el perfeccionamiento personal y la comprensión de los misterios de la vida y del universo. El texto también explora la relación entre la verdad y la moralidad, enfatizando la importancia de ser veraz y honesto en todas las acciones y pensamientos. Además, se presentan diferentes perspectivas sobre la verdad, incluyendo la mitología griega y egipcia, y la importancia de la libertad de pensamiento y la reflexión para alcanzar la comprensión de la verdad.

Palabras clave: 1. Masonería; 2. Filosofía; 3. Verdad; 4. Principios; 5. Reflexión.

Introdução

O conceito de verdade é abstrato e comporta várias dimensões de entendimento. Muito já foi escrito no escopo de tentar explicá-la, e um tempo incontável já foi gasto pelas reflexões dos maiores gênios da humanidade em busca de compreendê-la.

Para Sócrates, a ideia de verdade se confunde com a de sabedoria. A ele é atribuída a famosa frase: “só sei que nada sei, e o fato de saber isso, me coloca em vantagem sobre aqueles que acham que sabem alguma coisa”.

A palavra verdade possui três origens distintas:

- Do grego *aletheia*, que se refere ao não oculto, ou descoberto;
- Do latim *veritas*, que se refere à exatidão, precisão, rigor, e
- Do hebraico *emunah*, que se refere à confiança.

Nicola Aslan fez uma clara síntese do tema, assim resumindo-o:

- Em **metafísica**, define-se a verdade como o que realmente é;
- Em **Lógica**, a conformidade do pensamento com o seu objeto, em oposição ao erro;

²¹ *MI, Grau 33, KT. Membro da Academia Maçônica de Letras de Rondônia. Da Academia Brasileira Maçônica de Letras, Teatro, Ciência, Arte e Música; da Academia Nacional de Maçons Imortais e da Academia Maçônica Virtual Brasileira de Letras. Autor do livro Introdução ao Rito de York: As Blue Lodges. Grande Secretário de Relações Exteriores da GLOMARON. Bacharel em Direito. Especialista em Direito Civil e Processo Civil (UNIR). Especialista em Maçonologia (UNINTER). Doutor Honoris Causa (UNISCECAP). Oficial de Justiça Federal (TRT-14).*

- Em **Moral**, a conformidade de uma afirmação com o pensamento, em oposição à mentira.

Esclarece ele que “a verdade tem por caráter a evidência, e produz no espírito que a possui a certeza. A coordenação das verdades constitui a ciência” (ASLAN, 2012).

Figura 1: Em Nec Mergitur (Ela não vai voltar).



Fonte: Édouard Debat-Ponsan, 1898.

Disponível em: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:La_Vérité_sortant_du_puits.jpg

Acesso em: 22 out. 2025.

Na mitologia greco-romana, a Verdade era personificada por uma Deusa chamada *Veritas*, pelos romanos, e *Aletheia*, pelos gregos. Era filha de Saturno, ou seja, filha do Tempo, e mãe da Justiça.

A Verdade era retratada segurando um espelho ou um facho, ou como uma jovem virgem vestida de branco. Segundo o mito, ela havia se escondido no fundo de um poço sagrado, porque era muito pura.

1. Tentando puxar a verdade de volta para o poço

Na Mitologia Egípcia, a Verdade e a Justiça eram personificadas pela Deusa Maat, representada como uma jovem ostentando uma pluma de avestruz na cabeça, a qual era pesada contra o coração do morto no julgamento de Osíris.

Figura 2: Deusa Maat representada alada.



Fonte:

Disponível em: <https://fineartamerica.com/art/paintings/egyptian+civilization>

Acesso em: 22 out. 2025.

Era costume no Antigo Egito, depositar ao lado das múmias o Livro dos Mortos, onde constava a Confissão a Maat, para que o morto a recitasse diante do Tribunal de Osíris. Vejamos o seu texto profundo e reflexivo:

“Glória a Ti, Ó Grande Deus, Mestre de toda Verdade! Venho à Tua presença, Ó meu Deus, para diante de Ti tomar consciência de Teus decretos. Eu Te conheço e comungo contigo e com Tuas Quarenta e Duas leis que habitam contigo nesta Câmara de Maat... E nessa verdade que venho comungar contigo, e Maat está em meu pensamento e em minha alma. Por ti destruí a maldade. Não fiz nenhum mal à humanidade. Não oprimi os membros de minha família. Não forjei o mal em lugar da Justiça e da Verdade. Não convivi com homens indignos. Não pedi para ser considerado o primeiro. Não obriguei pessoa alguma a um trabalho excessivo em meu favor. Não apresentei meu nome para ser objeto de honrarias. Não espoliei os pobres tomando seus bens. Não fiz homem algum passar fome. Não fiz ninguém chorar. Não infligi qualquer sofrimento a um homem ou animal. Não espoliei nenhum templo de suas oblações. Não adulterei nenhum padrão de medida. Não invadi os terrenos de outros. Não roubei terras. Não adulterei os pesos da balança para enganar o vendedor. Não falsifiquei a indicação do ponteiro para enganar o comprador. Não tirei o leite da boca das crianças. Não desviei a água de onde ela devia correr. Não apaguei a chama quando ela devia queimar. Não repeli Deus em Suas manifestações”. “Sou puro! Sou puro! Sou puro! Minha pureza é a pureza da Divindade do Templo Sagrado. Por isso o mal não me acometerá neste mundo, eis que conheço as leis de Deus que são Deus. Cro-Maat!” (A expressão Cro-Maat significa “a verdade prevalecerá”).

A par dos mitos supracitados, existe uma estória muito interessante a respeito da relação dos

homens com a Verdade, que também julgamos pertinente citar, em virtude da lição que ela encerra:

Um dia, a Verdade, sem roupas e sem adornos, tão nua quanto o seu nome, andou a visitar os homens. E todos os que a viam viravam-lhe as costas de vergonha ou de medo, e ninguém lhe dava as boas-vindas. Assim a Verdade percorria os confins da Terra, rejeitada e desprezada. Numa tarde, muito desolada e triste, encontrou a Parábola, que passeava alegremente, num traje belo e muito colorido.

- Verdade, por que estás tão abatida? - perguntou a Parábola.

- Porque devo ser muito feia já que os homens me evitam tanto!

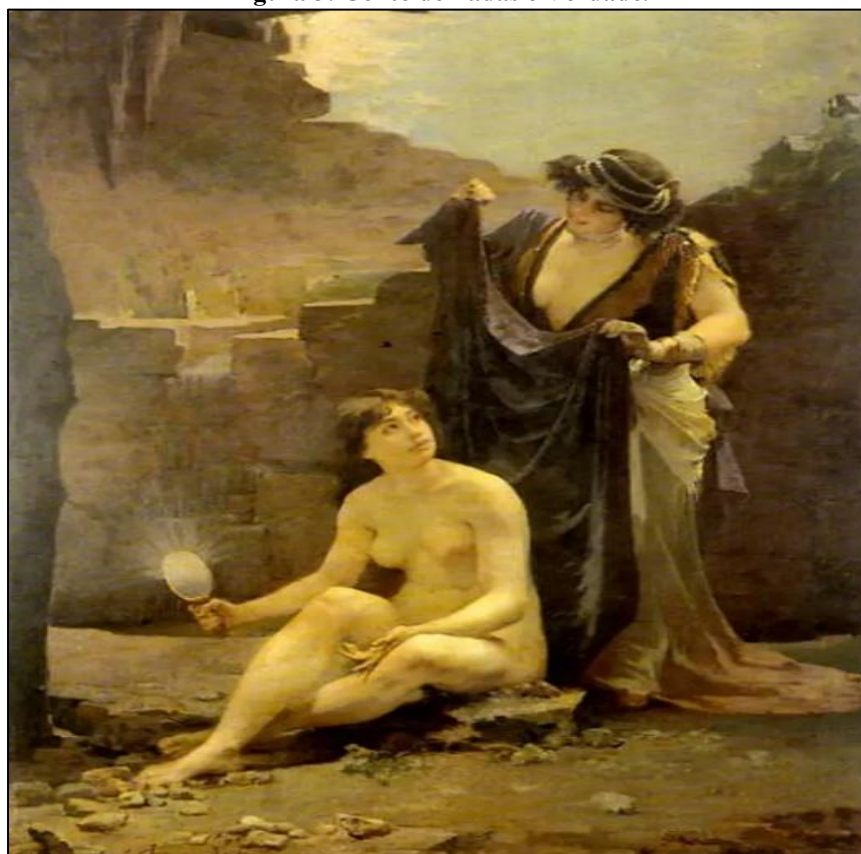
- Que disparate - riu a Parábola - não é por isso que os homens te evitam. Toma, veste algumas das minhas roupas e vê o que acontece.

Então a Verdade pôs algumas das lindas vestes da Parábola e, deste momento em diante, por toda a parte onde passava era bem-vinda.

Então a Parábola falou:

- A verdade é que os homens não gostam de encarar a Verdade nua; eles a preferem disfarçada!

Figura 3: Conto de Fadas e Verdade.



Fonte: José de Brito (1855-1946).

Disponível em: <https://fineartamerica.com/art/paintings/egyptian+civilization>

Acesso em: 22 out. 2025.

Fato é, que a verdade é mais bem recebida quando vem adornada de belas vestes. Isso denota que a forma é tão ou mais importante do que o conteúdo. A esse respeito, diz o conhecimento popular, a verdade tem a hora certa e o jeito certo de ser dada a alguém. A mesma verdade pode ser atirada como

uma pedra ou oferecida em papel de presente com laço e fita.

2. A verdade como princípio maçônico

A Verdade pode ser maçonicamente observada de dois pontos de vista distintos:

1. Como algo intrínseco, uma Virtude que o maçom deve praticar;
2. Como algo extrínseco, um objeto de estudo, que o maçom almeja compreender.

No Rito de York, a Verdade está classificada como um dos “principiais Princípios” ou “Princípios mais importantes” da Maçonaria, que são o Amor Fraternal, o Amparo e a Verdade.

Estes Princípios revelam três dos principais aspectos da Ordem:

- **Amor Fraternal:** é uma Fraternidade;
- **Amparo:** estimula a prática do Bem e da Caridade;
- **Verdade:** é uma filosofia de vida, que contém em seu bojo um sistema de moralidade e ética social, e que se baseia em lições de virtudes com o objetivo de promover o aperfeiçoamento de seus membros.

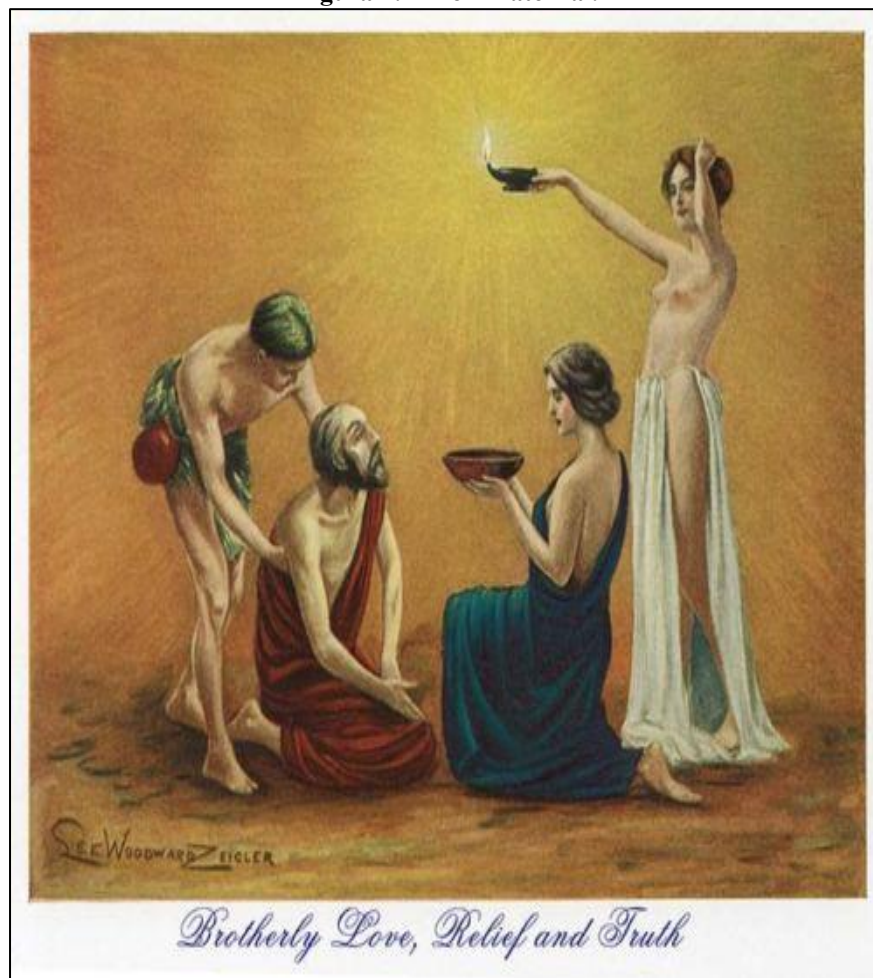
Para alcançar o objetivo de instruir os seus adeptos na prática das virtudes, a Maçonaria faz uso de simbologia, de alegorias e palestras.

De acordo com a lição do Grau de Aprendiz do Rito de York:

A Verdade é um atributo divino e o fundamento de toda virtude. Ser bom e verdadeiro é a primeira lição que aprendemos na Maçonaria. Desta forma, enquanto influenciados por este princípio, a hipocrisia e a falsidade são desconhecidas entre nós. Sinceridade e probidade nos distinguem. Conosco, o coração e a língua juntam-se para promover o bem-estar do outro e regozijam-se na prosperidade do próximo.

Nesse contexto, a Verdade como Virtude é algo a ser praticado pelos maçons, uma qualidade intrínseca que ele deve desenvolver e aperfeiçoar em sua conduta de vida.

Figura 4: Amor Fraternal.



Fonte: Amparo e Verdade.

Disponível em: <https://ritoserituais.com.br/2018/08/16/a-caridade>

Acesso em: 22 out. 2025.

Na ilustração, vemos a verdade retratada como uma jovem seminua segurando uma lâmpada, símbolo da iluminação.

Vejamos agora a Verdade pelo ângulo de um objeto de estudo.

Embora a Maçonaria indique como uma de suas metas “a livre investigação da Verdade”, a Maçonaria não a define, ao tempo em que incentiva os seus adeptos a serem livres pensadores, por intermédio do estudo, da pesquisa e da reflexão, guiados pelas setas da Moral e da Razão.

No Ritual de Aprendiz do ano de 1928 do Rito Escocês Antigo e Aceito, conhecido como Ritual de Behring, há um diálogo entre o Venerável Mestre e o Segundo Vigilante, acerca do uso em Loja do avental, segundo o qual tem como motivo:

“Porque elle nos lembra que o homem nasceu para o trabalho e que todo o maçõn deve trabalhar incessantemente para a descoberta da Verdade e para o aperfeiçoamento da Humanidade” (sic).

Na mesma coleção, no Ritual do Grau de Companheiro, encontramos a seguinte assertiva: “A Verdade, esse mysterio inatingível que nos attrae com uma força irresistível, é muito vasta, muito vivaz, muito livre e muito subtil - para se deixar prender, immobilisar e petrificar na rigidez de um systema, qualquer que elle seja” (sic).

É por intermédio da liberdade de pensamento, do distanciamento das amarras ideológicas e dos fanatismos de qualquer espécie que podemos enxergar com mais clareza a Verdade que permeia as mais diversas fontes de sabedoria.

3. A filosofia iniciática maçônica

Duas das maiores indagações dos homens são o Mistério da Vida e a Verdade. Muitos filósofos já se debruçaram sobre estes temas, e eles sempre permanecem desafiadores no íntimo dos homens que cultivam o amor pela Sabedoria. Muitos, entretanto, nem sequer cogitam fazer estas e outras perguntas. Seu fraco entendimento, aliado aos desejos e às satisfações mundanas lhes obscurecem a visão, fazendo com que não revelem nenhum interesse por descobrir o enigma das coisas.

A busca pela Verdade fez com que surgissem no seio da humanidade inúmeros sistemas filosóficos e religiosos que se propõem a responder às indagações nascidas da “necessidade de saber”. Não obstante, é por intermédio do raciocínio e da meditação que podemos aproximar nossos pensamentos da fonte pura da Verdade.

A Maçonaria, fundamentada na Arte Real, que especulativamente é a Arte de Pensar, nos conduz à investigação dos grandes temas da humanidade, pois direta ou indiretamente suas instruções nos levam a refletir em busca de respostas que darão sentido às nossas vidas.

O querer saber, a busca por descobrir o eterno enigma constitui um dos mais nobres e elevados objetivos de um maçom.

É importante termos em mente que, em matéria de saber, a qualidade supera a quantidade, sendo melhor “saber bem” do que “saber muito”. Não é só por meio da simples leitura, mas pela reflexão, pela penetração do pensamento nos mistérios do Universo, que se distingue o Iniciado do Profano.

O verdadeiro conhecimento é infável, está além das palavras e expressões; é a concepção do que está além do aparente que nos aproxima do entendimento mais profundo dos mistérios da Vida e do Universo.

Considerações Finais

Em suma, o conceito de verdade é multifacetado e complexo, abrangendo diversas dimensões e perspectivas. A verdade pode ser entendida como uma virtude a ser praticada ou como um objeto de estudo e investigação. A Maçonaria destaca a importância da busca pela verdade como um caminho para o aperfeiçoamento pessoal e a compreensão dos mistérios da vida e do universo. Através da reflexão, meditação e liberdade de pensamento, podemos nos aproximar da fonte pura da Verdade. É fundamental lembrar que a qualidade do conhecimento supera a quantidade, e que o verdadeiro conhecimento está além das palavras e expressões, sendo uma concepção do que está além do aparente. A busca pela

verdade é um dos mais nobres e elevados objetivos de um maçom, e é através dessa busca que podemos alcançar um entendimento mais profundo dos mistérios da Vida e do Universo.

REFERÊNCIAS

ASLAN, Nicola. **Grande dicionário enciclopédico de maçonaria e simbologia**. Londrina: Editora Maçônica “A Trolha”, 2012.

GRAND LODGE OF FREE AND ACCEPTED MASONS OF THE STATE OF NEW YORK. **The Standard Work and Lectures of Ancient Craft Masonry**. New York: Edição do Autor, 2022.

GRANDE LOJA SYMBÓLICA DO RIO DE JANEIRO. **Ritual do grau de aprendiz-maçom**. Rio de Janeiro: Typographia Delta, 1928.

A VERDADE E SUAS NUANCES

A VERDADE E SUAS NUANCES

*Egon José FUCK*²²

Resumo: O artigo "A Verdade e Suas Nuances" explora a complexidade do conceito de verdade através de várias lentes filosóficas e contextos culturais. Ele aborda como pensadores como Platão, Aristóteles, Hannah Arendt e John Stuart Mill definem e percebem a verdade, destacando as responsabilidades éticas associadas ao conhecimento da verdade. Além disso, o texto discute como fatores históricos, culturais e pessoais influenciam nossa compreensão da verdade, utilizando exemplos como o orientalismo de Edward Said e a interpretação cultural de Clifford Geertz. O artigo também integra a perspectiva maçônica, que vê a busca pela verdade como uma jornada contínua de autoconhecimento e crescimento moral. A maçonaria é apresentada como um ambiente que valoriza a educação contínua e o diálogo aberto para superar as distorções da verdade e promover uma compreensão mais ampla e inclusiva. Em última análise, o artigo destaca a verdade como um alicerce para construir vidas de significado, justiça e harmonia, tanto no âmbito pessoal quanto social.

Palavras-chave: 1. Verdade; 2. Filosofia; 3. Ética; 4. Maçonaria; 5. Percepção.

LA VERDAD Y SUS MATICES

Resumen: El artículo "La Verdad y sus matices" explora la complejidad del concepto de verdad a través de varias lentes filosóficas y contextos culturales. Aborda cómo pensadores como Platón, Aristóteles, Hannah Arendt y John Stuart Mill definen y perciben la verdad, destacando las responsabilidades éticas asociadas con el conocimiento de la verdad. Además, el texto discute cómo factores históricos, culturales y personales influyen en nuestra comprensión de la verdad, utilizando ejemplos como el orientalismo de Edward Said y la interpretación cultural de Clifford Geertz. El artículo también integra la perspectiva masónica, que ve la búsqueda de la verdad como un viaje continuo de autoconocimiento y crecimiento moral. La masonería se presenta como un entorno que valora la educación continua y el diálogo abierto para superar las distorsiones de la verdad y promover una comprensión más amplia e inclusiva. En última instancia, el artículo destaca la verdad como un fundamento para construir vidas de significado, justicia y armonía, tanto en el ámbito personal como social.

Palabras clave: 1. Verdad; 2. Filosofía; 3. Ética; 4. Masonería; 5. Percepción.

Introdução

A busca pela verdade sempre foi uma pedra angular da maçonaria, refletindo não apenas o desejo humano de entender o universo, mas também de encontrar significado em sua existência. Este artigo propõe uma reflexão profunda sobre a verdade, explorando suas nuances através de debates filosóficos que têm atravessado séculos de pensamento crítico. A maçonaria, com seu rico simbolismo e tradição de auto-reflexão, oferece um espaço único para explorar estas questões eternas.

1. O que define a verdade?

Desde a Antiguidade, a definição de verdade tem sido objeto de intenso debate filosófico. Platão, através de sua célebre Alegoria da Caverna, ilustra a ideia de que o que percebemos através dos sentidos são meras sombras de uma realidade mais profunda e essencial. Ele argumenta que a verdade transcende o mundo sensorial, sendo acessível principalmente através do raciocínio filosófico e da iluminação

²² Mestre Maçon vinculado a Loja Cidade Canção Nº. 195, do Rito Schroeder jurisdicionada a Grande Loja do Paraná. Especialista em Maçonologia pela UNINTER PR. Médico Veterinário com Mestrado e Doutorado na área de Reprodução Animal. Diretor do grupo SOS ANIMAL de Maringa/PR, desde 1994.

intelectual. Aristóteles, em contraste, apresenta uma perspectiva diferente, afirmando que a verdade é a correspondência entre nossas afirmações e a realidade objetiva. Essa visão sugere que a verdade pode ser verificada através da observação e da lógica, destacando uma abordagem mais empírica.

Na maçonaria, a verdade é considerada um princípio fundamental, simbolizando a busca contínua por conhecimento e autoconhecimento. Através de seus rituais e simbolismo, a maçonaria encoraja os membros a explorar além das aparências superficiais, buscando uma compreensão mais profunda do mundo e de si mesmos. Assim, a maçonaria integra essas tradições filosóficas, promovendo uma jornada pessoal e coletiva em direção à verdade..

2. A verdade é universal e imutável ou relativa?

A questão de saber se a verdade é universal e imutável ou relativa é um dos grandes debates filosóficos. Immanuel Kant oferece uma contribuição significativa ao sugerir que, embora as leis universais da razão nos orientem, a verdade que percebemos é inevitavelmente filtrada por nossas categorias mentais inatas. Isso implica que a verdade possui uma complexidade intrínseca, onde elementos universais são interpretados de maneiras que podem variar de acordo com a perspectiva individual.

Por outro lado, Friedrich Nietzsche desafia vigorosamente a ideia de verdades universais, argumentando que a verdade é essencialmente uma construção social e linguística. Para Nietzsche, as verdades são moldadas por contextos históricos e culturais, além de serem influenciadas pelas dinâmicas de poder e pela perspectiva individual, tornando-as fundamentalmente relativas.

No contexto maçônico, a verdade é vista como um equilíbrio dinâmico entre o absoluto e o relativo. A maçonaria reconhece que, enquanto algumas verdades podem parecer universais, nossa compreensão delas é sempre mediada por experiências pessoais e culturais. Assim, a maçonaria promove um diálogo contínuo entre diferentes perspectivas, valorizando tanto o conhecimento objetivo quanto as interpretações subjetivas, na busca por uma compreensão mais profunda e integrada da verdade.

3. Existe uma verdade absoluta ou a verdade é relativa?

A questão de se a verdade é absoluta ou relativa é central na filosofia e na prática maçônica. René Descartes, em sua busca pela certeza absoluta, desenvolveu o método da dúvida hiperbólica, onde questiona sistematicamente todas as crenças até encontrar algo que seja verdadeiramente indubitável. Este processo culminou na famosa máxima "Cogito, ergo sum" ("Penso, logo existo"), que Descartes considerou uma verdade fundamental, inquestionável e absoluta, a partir da qual ele poderia reconstruir o conhecimento.

Contrastando com essa visão, Michel Foucault apresenta uma perspectiva radicalmente diferente. Ele propõe que a verdade não é um dado imutável, mas sim um produto das complexas relações de poder que permeiam a sociedade. Segundo Foucault, o que consideramos ser verdade é, muitas vezes, uma construção que serve aos interesses de grupos dominantes, e, portanto, é intrinsecamente relativa. A verdade, nesse contexto, é vista como uma narrativa que pode ser contestada e reinterpretada à luz de novas relações de poder e conhecimento.

Dentro da maçonaria, há um reconhecimento da validade de ambas as perspectivas. A maçonaria incentiva seus membros a questionar e explorar essas ideias, promovendo uma compreensão de que a verdade pode ser tanto um ideal absoluto a ser perseguido quanto uma construção contextual que evolui com o tempo. Este equilíbrio permite que os maçons valorizem a busca por certezas fundamentais, enquanto permanecem abertos à diversidade de interpretações resultantes das experiências individuais e coletivas. Assim, a maçonaria oferece um ambiente que valoriza tanto a estabilidade quanto a flexibilidade na busca pela verdade..

4. Quais são os limites éticos da busca pela verdade?

Os limites éticos da busca pela verdade são fundamentais para entender como devemos conduzir nossas investigações e ações. Søren Kierkegaard, um filósofo existencialista, enfatiza a importância da verdade subjetiva, destacando que a busca pela verdade é uma jornada profundamente pessoal. Para Kierkegaard, o verdadeiro desafio ético é ser fiel a si mesmo, seguindo uma verdade que ressoe com a própria consciência e autenticidade, mesmo quando isso envolve risco e incerteza. Ele argumenta que essa busca autêntica é essencial para o desenvolvimento pessoal e espiritual, incentivando uma reflexão constante sobre as próprias crenças e valores.

Hannah Arendt, por sua vez, aborda a busca pela verdade do ponto de vista das responsabilidades sociais e políticas. Em suas obras, Arendt destaca a importância de uma verdade que respeite a dignidade humana e promova o bem-estar coletivo. Ela adverte contra o uso da verdade como uma ferramenta de manipulação e controle, alertando para os perigos de verdades impostas que podem oprimir e desumanizar. Arendt defende que a busca pela verdade deve estar sempre alinhada com princípios éticos que valorizem a transparência, o diálogo e o respeito mútuo.

No contexto maçônico, a busca pela verdade é guiada por um forte compromisso ético. A maçonaria preza por um ambiente onde a verdade é buscada não como uma arma de poder, mas como um caminho para a iluminação e o progresso coletivo. Os princípios maçônicos enfatizam a integridade, a honestidade e o respeito às diferenças individuais e culturais. Assim, a maçonaria promove uma busca pela verdade que é tanto rigorosa quanto compassiva, incentivando seus membros a serem agentes de mudança positiva, respeitando sempre os limites éticos que preservam a dignidade e o bem comum.

5. Pode a verdade ser libertadora e, ao mesmo tempo, opressiva?

A verdade, em seu papel duplo, pode ser uma força libertadora e, simultaneamente, opressiva, dependendo de como é interpretada e aplicada. Jean-Paul Sartre, um proeminente filósofo existencialista, explora a liberdade como um fardo inerente à condição humana. Ele sugere que a verdade pode libertar, ao nos proporcionar uma compreensão clara de nossa situação e escolhas, mas também pode oprimir, ao nos confrontar com a responsabilidade e a angústia de nossas decisões. Para Sartre, a consciência da verdade nos força a encarar a liberdade absoluta de moldar nossas vidas, o que pode ser uma carga pesada e indesejada.

Simone de Beauvoir, companheira intelectual de Sartre, também discute a dualidade da verdade. Ela argumenta que, enquanto a verdade pode ser um meio de emancipação, permitindo que as pessoas desafiem e transcendam as limitações impostas por normas sociais injustas, também pode servir para impor conformidade. A verdade, quando manipulada por estruturas de poder, pode estabelecer normas rígidas que limitam a liberdade individual, forçando as pessoas a se ajustarem a padrões que podem não refletir suas verdades pessoais.

No contexto maçônico, a verdade é considerada um caminho para a iluminação pessoal e coletiva. A maçonaria vê a verdade como uma ferramenta para elevar a consciência, promover o autoconhecimento e fomentar a solidariedade entre os membros. No entanto, também reconhece o potencial da verdade para ser usada de maneira opressiva se não for buscada e aplicada com integridade e empatia. Por isso, a maçonaria enfatiza a responsabilidade ética na busca e na aplicação da verdade, garantindo que ela seja usada para libertar e inspirar, em vez de subjugar e controlar.

6. Se a percepção humana é guiada pelos sentidos e interpretações, podemos realmente conhecer a verdade em sua essência?

A questão de se podemos realmente conhecer a verdade em sua essência, dado que nossa percepção é guiada pelos sentidos, é um tema central na filosofia. David Hume, um filósofo empirista, expressa ceticismo em relação à capacidade dos sentidos de apreender a verdade objetiva. Ele argumenta que nossa compreensão do mundo é frequentemente limitada e mediada por nossas percepções sensoriais, que são subjetivas e potencialmente enganosas. Para Hume, nossa mente tende a construir realidades baseadas em impressões sensoriais, o que levanta dúvidas sobre a possibilidade de conhecer uma verdade absoluta e objetiva.

Por outro lado, Maurice Merleau-Ponty, um filósofo fenomenológico, apresenta uma visão mais otimista sobre a percepção. Ele vê a percepção não apenas como uma limitação, mas como um meio de interação ativa com o mundo. Merleau-Ponty sugere que, embora nossa percepção seja limitada em sua

objetividade, ela nos oferece uma maneira de estar no mundo, permitindo-nos construir significados e compreender a realidade de maneira mais profunda e integrada. Ele enfatiza a importância da experiência vivida e do corpo como um meio de conexão direta com o mundo ao nosso redor.

Na maçonaria, há um reconhecimento das limitações dos sentidos, mas também uma valorização da razão e da intuição como ferramentas para transcender essas limitações. A maçonaria incentiva seus membros a buscar a verdade não apenas através da observação sensorial, mas também por meio da reflexão racional e do insight intuitivo. Esse equilíbrio entre diferentes formas de conhecimento promove uma busca contínua pela verdade, onde a introspecção e o diálogo são fundamentais para superar as limitações inerentes da percepção humana e alcançar uma compreensão mais ampla e profunda.

7. O que nos motiva a buscar a verdade?

A motivação para buscar a verdade é uma força poderosa que tem impulsionado o pensamento humano ao longo dos tempos. Arthur Schopenhauer, um filósofo conhecido por seu pessimismo, propõe que a "vontade de viver" é a força motriz por trás de todas as ações humanas, incluindo a busca pela verdade. Para Schopenhauer, essa busca é uma tentativa de compreender o mundo que nos rodeia e, assim, encontrar maneiras de satisfazer nossos desejos e necessidades mais profundos. A verdade, nesse contexto, é vista como um meio de navegar pelas complexidades da existência, oferecendo clareza e direção em um mundo muitas vezes caótico e indiferente.

Martin Heidegger, outro influente filósofo, oferece uma perspectiva diferente. Ele vê a busca pela verdade como um modo de desvelar o ser. Para Heidegger, essa busca é intrinsecamente ligada à nossa existência, pois nos permite explorar e compreender o nosso próprio "ser-no-mundo". A verdade proporciona uma maneira de revelar o nosso ser autêntico, permitindo-nos viver de forma mais plena e consciente. Nesse sentido, a busca pela verdade é uma jornada de autodescoberta, onde o entendimento de nós mesmos está profundamente entrelaçado com o entendimento do mundo ao nosso redor.

Na maçonaria, a busca pela verdade é considerada fundamental para o desenvolvimento pessoal e a harmonia social. A maçonaria vê essa busca como um caminho para o autoconhecimento e a realização espiritual, promovendo o crescimento individual e o bem-estar coletivo. A motivação para buscar a verdade na maçonaria está enraizada no desejo de alcançar uma compreensão mais profunda de si mesmo e do universo, usando essa sabedoria para construir uma sociedade mais justa e iluminada. Essa busca contínua e comprometida pela verdade é vista como uma parte essencial do caminho maçônico, incentivando os membros a viver de acordo com os princípios de integridade, sabedoria e solidariedade.

8. Será que a verdade está sempre escondida ou ela é clara, mas resistimos a enxergá-la?

A questão de saber se a verdade está sempre escondida ou se é clara, mas resistimos a enxergá-la, é uma reflexão complexa que envolve tanto aspectos filosóficos quanto psicológicos. Ludwig Wittgenstein, um dos filósofos mais influentes do século XX, argumenta que a linguagem pode atuar como um véu que esconde a verdade. Em suas investigações filosóficas, ele sugere que as limitações e ambiguidades da linguagem muitas vezes obscurecem a clareza da verdade, já que as palavras podem ser inadequadas para expressar a essência da realidade. Segundo Wittgenstein, a compreensão da verdade requer uma análise cuidadosa do modo como usamos a linguagem para evitar mal-entendidos e confusões.

Por outro lado, Carl Jung, um renomado psicólogo analítico, oferece uma perspectiva mais introspectiva. Ele sugere que resistimos à verdade interna como um mecanismo de defesa do ego. Jung acredita que, muitas vezes, a verdade sobre nós mesmos e nossas motivações pode ser dolorosa ou ameaçadora, levando-nos a evitar confrontá-la diretamente. Esse processo de resistência pode se manifestar como repressão ou negação, onde partes de nós mesmos permanecem ocultas, não por serem invisíveis, mas porque escolhemos não vê-las.

Na maçonaria, há um forte reconhecimento da importância de superar esses obstáculos internos para alcançar a verdadeira iluminação. O caminho maçônico ensina que a verdade, embora talvez obscurecida por camadas de linguagem e resistência psicológica, é acessível através de um compromisso sincero com o autoconhecimento e a introspecção. A maçonaria encoraja seus membros a enfrentar suas próprias sombras, a refletir sobre suas limitações e a trabalhar para superar as barreiras que impedem a realização plena da verdade. Esse processo é visto como essencial para o crescimento espiritual e moral, promovendo uma vida de integridade e clareza.

9. Quais responsabilidades acompanham aqueles que possuem o conhecimento da verdade?

Possuir o conhecimento da verdade traz consigo um conjunto significativo de responsabilidades éticas e morais. Albert Camus, um filósofo existencialista, destaca a responsabilidade ética daqueles que detêm o conhecimento da verdade. Ele sugere que o conhecimento implica uma obrigação inerente de agir de acordo com esse entendimento, promovendo a justiça e a integridade. Para Camus, a verdade não deve ser mantida em isolamento ou usada para ganho pessoal; em vez disso, deve servir como uma base para ações que respeitem a dignidade humana e promovam o bem-estar social.

Noam Chomsky, linguista e ativista, enfatiza o dever moral de usar a verdade para o benefício comum. Ele argumenta que aqueles que possuem conhecimento têm a responsabilidade de compartilhar e aplicar essa verdade de maneira que contribua para o progresso e a justiça social. Chomsky destaca a

importância de desafiar estruturas de poder que distorcem ou suprimem a verdade, promovendo um mundo mais transparente e equitativo.

No contexto maçônico, essas responsabilidades são ainda mais acentuadas. A maçonaria vê o líder maçônico como um guardião e disseminador da verdade, alguém que não apenas busca a verdade, mas também a compartilha com sabedoria e compaixão. Os maçons são incentivados a usar seu conhecimento para ajudar a construir uma sociedade mais justa e iluminada, atuando como exemplos de integridade e serviço comunitário. A verdade, dentro da maçonaria, é um meio de promover a harmonia social e o desenvolvimento pessoal, e aqueles que a detêm são chamados a liderar com empatia e responsabilidade.

10. Por que a verdade é tão valorizada, mesmo quando traz consequências difíceis?

A verdade é altamente valorizada porque desempenha um papel fundamental no avanço do indivíduo e da sociedade. John Stuart Mill, um filósofo utilitarista, argumenta que a verdade é essencial para o progresso. Ele acredita que enfrentar a verdade, mesmo quando é desconfortável ou desafiadora, é crucial para o crescimento pessoal e social. Mill defende que a verdade estimula o debate, a reflexão crítica e a inovação, permitindo que as sociedades se desenvolvam de maneira mais justa e eficaz. Ele vê o confronto com verdades difíceis como uma oportunidade para aprendizado e melhoria, tanto para indivíduos quanto para comunidades.

Isaiah Berlin, um defensor da liberdade de expressão, valoriza a busca pela verdade como um pilar de uma sociedade saudável. Para Berlin, a capacidade de questionar, explorar e expressar diferentes verdades é essencial para a liberdade individual e para a vitalidade democrática. Ele considera que a busca pela verdade, mesmo quando resulta em conflitos ou desafios, é fundamental para a proteção dos direitos humanos e para a promoção de uma sociedade pluralista onde diversas vozes podem ser ouvidas.

Na maçonaria, a verdade é vista como um pilar de confiança e justiça. A maçonaria valoriza a verdade não apenas como um ideal filosófico, mas como uma prática diária que sustenta a integridade moral e espiritual de seus membros. A busca pela verdade é incentivada, mesmo quando traz consequências difíceis, porque é vista como essencial para o desenvolvimento pessoal, a construção de caráter e a promoção de um ambiente onde a confiança e a justiça prevalecem. A verdade, na maçonaria, é um caminho para a iluminação e a harmonia, ajudando os maçons a viver de acordo com os mais altos padrões éticos.

11. A verdade é um fim ou um meio para alcançar algo maior, como justiça ou sabedoria?

A questão de saber se a verdade é um fim em si mesma ou um meio para alcançar algo maior,

como justiça ou sabedoria, é uma reflexão central na filosofia e na prática maçônica. Sócrates, um dos fundadores do pensamento ocidental, considera a verdade como um meio vital para alcançar sabedoria e virtude. Ele acreditava que a busca incessante pela verdade através do diálogo e da reflexão crítica era essencial para o desenvolvimento do caráter moral e intelectual. Para Sócrates, a verdade não era apenas um objetivo, mas um caminho contínuo que levava ao entendimento mais profundo do que é viver uma vida virtuosa.

Confúcio, por outro lado, vê a verdade como um caminho para alcançar harmonia social e justiça. Ele enfatiza a importância da verdade nos relacionamentos humanos e na governança, considerando que a adesão à verdade é crucial para a construção de uma sociedade justa e harmônica. Para Confúcio, a verdade é um guia para o comportamento ético, promovendo a ordem e o bem-estar coletivo através de ações justas e honestas.

Na maçonaria, a verdade é considerada tanto um fim quanto um meio. Ela é vista como um dos pilares fundamentais que sustentam a busca por virtude, justiça e sabedoria. A maçonaria valoriza a verdade como um objetivo digno de ser perseguido por si só, mas também reconhece seu papel instrumental em alcançar objetivos maiores. A busca pela verdade na maçonaria é uma jornada contínua de autoconhecimento e crescimento moral, que, por sua vez, promove a justiça e a sabedoria entre seus membros e na sociedade em geral. Assim, a verdade serve como uma base sólida sobre a qual se constroem vidas de integridade e propósito.

12. Se a verdade é inerente ao ser, por que muitas vezes ela é tão difícil de ser reconhecida ou aceita?

A dificuldade em reconhecer ou aceitar a verdade, mesmo quando ela é inerente ao ser, pode ser entendida através das lentes da psicologia e da filosofia existencial. Sigmund Freud, o fundador da psicanálise, sugere que os mecanismos de defesa desempenham um papel crucial em obscurecer a verdade interna. Segundo Freud, o ego utiliza esses mecanismos, como a repressão e a negação, para proteger a mente de verdades dolorosas ou ameaçadoras que poderiam causar ansiedade ou conflito interno. Esses mecanismos podem tornar a verdade difícil de acessar, já que ela fica enterrada sob camadas de autoengano e resistência psicológica.

Rollo May, um psicólogo existencialista, argumenta que a dificuldade em reconhecer a verdade é parte integrante da condição humana. Ele vê essa luta como um reflexo da complexidade da nossa existência, onde a verdade muitas vezes desafia nossas crenças profundas e força-nos a confrontar aspectos de nós mesmos que preferiríamos evitar. Para May, a busca pela verdade é uma jornada contínua e corajosa que envolve enfrentar a incerteza e a ambiguidade da vida.

Na maçonaria, superar essas barreiras para reconhecer a verdade inerente ao ser é um objetivo

central. A maçonaria promove a auto-reflexão e o autoconhecimento como caminhos essenciais para desvendar a verdade pessoal. A prática maçônica incentiva seus membros a questionarem suas próprias suposições, a confrontarem suas sombras e a buscarem uma compreensão mais profunda de si mesmos e do mundo. Através de rituais, ensino e diálogo, os maçons são encorajados a transcender as barreiras internas que obscurecem a verdade, promovendo assim um crescimento moral e espiritual que beneficia tanto o indivíduo quanto a sociedade.

13. Como podemos afirmar que aquilo que eu acredito é verdadeiro ou falso?

Determinar se aquilo em que acreditamos é verdadeiro ou falso é uma questão complexa que envolve critérios científicos, filosóficos e pessoais. Karl Popper, um filósofo da ciência, propõe o princípio da falsificabilidade como um critério-chave para a verdade científica. Segundo Popper, uma teoria ou crença deve ser considerada científica se puder ser testada e potencialmente refutada. Em outras palavras, para que uma crença seja considerada verdadeira em um sentido científico, deve ser possível concebê-la de forma que possa ser provada falsa através de evidências empíricas. Este método incentiva o rigor e a objetividade, promovendo a evolução do conhecimento ao permitir que teorias sejam constantemente desafiadas e aprimoradas.

Thomas Kuhn, por outro lado, explora como as mudanças de paradigma podem transformar crenças aceitas em falsas. Ele argumenta que a ciência não progride apenas através da acumulação de dados, mas também através de revoluções paradigmáticas, onde visões do mundo anteriormente aceitas são substituídas por novas estruturas de pensamento. Essas mudanças de paradigma revelam que as crenças podem ser verdadeiras dentro de um contexto específico, mas falsas sob uma nova perspectiva ou entendimento. Kuhn destaca a natureza dinâmica do conhecimento e a importância de estar aberto à revisão e à mudança.

Na maçonaria, a busca pela verdade é orientada pelo raciocínio crítico e pela reflexão contínua. Os maçons são incentivados a testar suas crenças, aplicar questionamento rigoroso e estar abertos a novas informações e perspectivas. Este processo de introspecção e questionamento não é apenas intelectual, mas também espiritual e moral, ajudando os membros a alcançar uma compreensão mais profunda e abrangente da verdade. A maçonaria promove um ambiente onde a verdade é vista como um caminho de crescimento pessoal e coletivo, e não apenas um conjunto fixo de crenças.

14. Como diferenciar uma verdade objetiva de uma crença subjetiva?

Distinguir entre verdade objetiva e crença subjetiva é um desafio filosófico que envolve análise lógica e introspecção crítica. Bertrand Russell, um filósofo e lógico, defende o uso da lógica como uma

ferramenta essencial para fazer essa distinção. Ele argumenta que a verdade objetiva é aquela que pode ser verificada independentemente das percepções ou sentimentos individuais. A lógica e o método científico são instrumentos fundamentais nesse processo, pois permitem que as afirmações sejam testadas e corroboradas por evidências externas, tornando possível identificar verdades que se aplicam universalmente, independentemente das crenças pessoais.

Michel de Montaigne, um renomado ensaísta e cético, adota uma abordagem diferente ao questionar certezas subjetivas. Ele sugere que devemos estar constantemente cientes das limitações e vieses de nossas próprias percepções e crenças. Montaigne encoraja uma atitude de ceticismo saudável, onde buscamos questionar e refletir criticamente sobre nossas certezas subjetivas, reconhecendo que elas são influenciadas por fatores pessoais, culturais e emocionais que podem distorcer nossa compreensão da realidade.

Na maçonaria, há uma ênfase significativa no discernimento entre verdade objetiva e crença subjetiva. Os maçons são incentivados a desenvolver uma compreensão equilibrada e crítica, que envolve tanto o uso da razão quanto a introspecção pessoal. A busca por verdade na maçonaria envolve a aplicação de princípios racionais e éticos, enquanto também se valoriza a sabedoria intuitiva e a experiência individual. A maçonaria procura criar um espaço onde a verdade objetiva é respeitada, mas também se reconhece o papel vital das crenças subjetivas na formação do caráter e na busca pelo autoconhecimento.

15. Quais são os fatores que distorcem nossa percepção da verdade?

Nossa percepção da verdade pode ser influenciada por diversos fatores que distorcem a realidade de maneiras sutis ou profundas. Franz Kafka, em sua obra, frequentemente aborda temas como a burocracia e a alienação. Ele sugere que sistemas burocráticos complexos podem criar barreiras opacas entre as pessoas e a verdade, obscurecendo a realidade através de processos desumanizantes e labirínticos. A alienação, por sua vez, pode surgir quando os indivíduos se sentem desconectados de suas próprias experiências ou da sociedade, levando a uma percepção distorcida da verdade.

Marshall McLuhan, um estudioso da comunicação, destaca o papel da mídia na formação da percepção. Ele argumenta que os meios de comunicação não são apenas canais de informação, mas também moldam ativamente a maneira como percebemos o mundo. A forma e o conteúdo da mídia podem influenciar nossas crenças e atitudes, muitas vezes de maneira inconsciente, distorcendo assim a nossa percepção da verdade. McLuhan é famoso por seu conceito de que "o meio é a mensagem", enfatizando que a tecnologia e os formatos de comunicação têm um impacto profundo na forma como interpretamos a realidade.

A maçonaria, reconhecendo esses desafios, recomenda a educação contínua e o diálogo aberto

como estratégias eficazes para superar essas distorções. A educação proporciona o conhecimento e as habilidades críticas necessárias para analisar informações de maneira mais objetiva e discernir a verdade em meio a influências externas. O diálogo aberto permite o intercâmbio de ideias e perspectivas, promovendo um entendimento mais completo e equilibrado da verdade. Através do aprendizado contínuo e do engajamento ativo com os outros, os maçons buscam construir resiliência contra os fatores que distorcem a percepção e alcançar uma compreensão mais clara e abrangente da verdade.

16. A verdade é algo que descobrimos ou algo que construímos ao longo da vida?

A questão de saber se a verdade é algo que descobrimos ou construímos ao longo da vida é uma reflexão rica que pode ser explorada através de diferentes perspectivas filosóficas e psicológicas. Henri Bergson, um filósofo francês, vê a verdade como algo que emerge do fluxo contínuo da vida. Para Bergson, a verdade não é um estado fixo a ser alcançado, mas um processo dinâmico que se desdobra à medida que vivemos e experimentamos o mundo. Ele enfatiza a importância da intuição e da experiência direta como meios de acessar uma compreensão mais profunda da realidade, que é constantemente em transformação.

Por outro lado, Jean Piaget, um psicólogo conhecido por seu trabalho em desenvolvimento infantil, sugere que a verdade é construída através do desenvolvimento cognitivo. Piaget argumenta que as crianças constroem sua compreensão do mundo através de interações ativas com o ambiente, desenvolvendo estruturas cognitivas que evoluem ao longo do tempo. Essa construção da verdade é vista como um processo gradual de assimilação e acomodação, onde o conhecimento é continuamente refinado à medida que novas informações são integradas.

Na maçonaria, a verdade é vista como uma jornada que combina descoberta e construção. Os maçons são encorajados a explorar tanto o mundo externo quanto o interno, reconhecendo que a verdade é algo que se revela através do aprendizado contínuo e da introspecção pessoal. A maçonaria promove um equilíbrio entre a busca ativa por conhecimento e a reflexão interna, entendendo que a verdade é tanto algo a ser descoberto quanto algo a ser construído ao longo da vida. Essa abordagem reconhece a complexidade da verdade como um processo dinâmico, onde a experiência, o raciocínio crítico e o crescimento pessoal desempenham papéis fundamentais.

17. Até que ponto o contexto histórico, cultural ou pessoal influencia o que entendemos como verdade?

O que entendemos como verdade é profundamente influenciado por contextos históricos, culturais e pessoais, moldando nossa percepção e interpretação do mundo. Edward Said, em sua obra

sobre o orientalismo, discute como a verdade pode ser construída culturalmente, destacando como as narrativas ocidentais moldaram a percepção do Oriente de maneiras que serviam a interesses específicos. Said argumenta que estas construções culturais podem distorcer a verdade, impondo visões simplificadas ou estereotipadas que não refletem a realidade complexa e diversa das culturas orientais. Isso exemplifica como a verdade pode ser manipulada para reforçar poder e hegemonia.

Clifford Geertz, um antropólogo cultural, explora a ideia de que a interpretação cultural atua como um filtro através do qual a verdade é percebida. Ele sugere que nossas crenças e valores são enraizados em contextos culturais específicos, que influenciam como entendemos e interpretamos a verdade. Geertz enfatiza a importância de reconhecer que o que uma cultura considera verdade pode ser visto de maneira diferente por outra, destacando a natureza subjetiva e contextual da verdade.

Na maçonaria, há um reconhecimento claro dessas influências contextuais na busca pela verdade. Os maçons são incentivados a transcender essas limitações contextuais através de um compromisso com o aprendizado contínuo, o diálogo intercultural e a introspecção. A maçonaria promove uma visão ampla e inclusiva da verdade, que busca integrar diferentes perspectivas e experiências. Ao reconhecer o papel do contexto histórico, cultural e pessoal, a maçonaria encoraja seus membros a explorar a verdade de maneira crítica e aberta, buscando uma compreensão que respeite a diversidade e promova a harmonia global.

18. É possível viver plenamente sem conhecer todas as verdades sobre o mundo e sobre nós mesmos?

Viver plenamente sem conhecer todas as verdades sobre o mundo e sobre nós mesmos é um tema que envolve questões filosóficas sobre a natureza do conhecimento e da existência. Blaise Pascal, em sua famosa aposta, aborda a fé e a verdade como elementos que podem enriquecer a vida, mesmo na ausência de certeza absoluta. Ele sugere que a fé em algo maior, mesmo sem evidência completa, pode proporcionar significado e propósito, contribuindo para uma vida plena. Pascal argumenta que a busca por verdade e fé pode coexistir, oferecendo uma forma de viver plenamente mesmo em face das incertezas.

Thomas Nagel, um filósofo contemporâneo, fala sobre as limitações humanas em conhecer todas as verdades. Ele reconhece que, devido à complexidade do universo e à natureza limitada da mente humana, é impossível alcançar um conhecimento completo de todas as verdades. Nagel sugere que aceitar essas limitações pode ser libertador, permitindo-nos focar no que é possível e significativo dentro do nosso alcance. Ele defende que viver plenamente não depende de conhecer todas as verdades, mas sim de buscar compreensão e significado dentro das capacidades humanas.

Na maçonaria, a busca pela verdade é vista como essencial para o desenvolvimento pessoal e

para a contribuição à sociedade. Embora o conhecimento completo possa ser inatingível, a maçonaria valoriza a jornada de descoberta e aprendizado como uma fonte de crescimento e realização. A prática maçônica incentiva seus membros a constantemente explorar e questionar, reconhecendo que o processo de busca por verdade é, em si mesmo, enriquecedor. A maçonaria promove a ideia de que viver plenamente envolve abraçar a busca pelo conhecimento e pela verdade, mesmo sabendo que a compreensão total pode nunca ser alcançada.

Considerações Finais

A verdade, em suas múltiplas formas e interpretações, continua a ser um tema central tanto na filosofia quanto na prática maçônica. Este artigo explorou as complexidades da verdade, suas implicações éticas e seu papel na vida humana, encorajando uma reflexão contínua e um compromisso com a iluminação pessoal e coletiva. Na maçonaria, a busca pela verdade é um caminho de crescimento e autodescoberta, um compromisso vital com a integridade e a sabedoria.

Embora o conhecimento absoluto possa ser inatingível, a jornada em direção à verdade é, por si só, enriquecedora, promovendo um maior entendimento de nós mesmos e do mundo ao nosso redor.

Assim, a verdade serve como um alicerce para construir vidas de significado, justiça e harmonia, tanto no âmbito pessoal quanto no social. Ao reconhecer e transcender as limitações contextuais e perceptivas, podemos nos aproximar de uma compreensão mais autêntica e abrangente da verdade, contribuindo para uma sociedade mais justa e feliz.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Metafísica**. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BERGSON, Henri. **A evolução criadora**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. São Paulo: Record, 2000.
- DESCARTES, René. **Meditações metafísicas**. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FREUD, Sigmund. **O Ego e o Id**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- HUME, David. **Investigações sobre o entendimento humano**. São Paulo: Unesp, 2004.
- JUNG, Carl G. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- KIERKEGAARD, Søren. **Temor e tremor**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MONTAGNE, Michel de. **Ensaio**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

PLATÃO. **A república**. São Paulo: Nova Cultural, 1997.

POPPER, Karl. **A lógica da pesquisa científica**. São Paulo: Cultrix, 2008.

SAID, Edward. **Orientalismo: O Oriente como Invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada**. Petrópolis: Vozes, 1984.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e representação**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

SOCRATES. **diálogos**. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. São Paulo: Loyola, 1999.

**O COMPROMISSO MAÇÔNICO DE DIZER
A VERDADE**

O COMPROMISSO MAÇÔNICO DE DIZER A VERDADE

*Lucas do COUTO SANTANA*²³

Resumo: O texto aborda a relação entre a Maçonaria e a busca pela verdade, destacando a importância da coragem em dizer a verdade, mesmo diante do risco e do poder. A verdade é apresentada como uma construção histórica e social, moldada pelo discurso, pelo poder e pela coragem. A Maçonaria é vista como uma escola simbólica de formação do ser humano, dedicada à Virtude e à Verdade, onde a busca pela verdade é uma jornada contínua de autoconhecimento e crescimento moral. O texto também discute a ideia de parresia, ou a coragem de dizer a verdade, como um ato ético e político, e como a Maçonaria pode ser um espaço para cultivar essa coragem e promover a verdade. Além disso, o texto faz referência à filosofia de Michel Foucault e à sua abordagem da verdade como uma prática ética e histórica.

Palavras-chave: 1. Verdade; 2. Parresia; 3. Maçonaria; 4. Subjetividade; 5. Poder.

EL COMPROMISO MASÓNICO DE DECIR LA VERDAD

Resumen: El texto aborda la relación entre la masonería y la búsqueda de la verdad, destacando la importancia de la valentía para decir la verdad, incluso ante el riesgo y el poder. La verdad se presenta como una construcción histórica y social, moldeada por el discurso, el poder y la valentía. La masonería se ve como una escuela simbólica de formación del ser humano, dedicada a la Virtud y a la Verdad, donde la búsqueda de la verdad es un viaje continuo de autoconocimiento y crecimiento moral. El texto también discute la idea de parresía, o la valentía de decir la verdad, como un acto ético y político, y cómo la masonería puede ser un espacio para cultivar esa valentía y promover la verdad. Además, el texto hace referencia a la filosofía de Michel Foucault y a su enfoque de la verdad como una práctica ética e histórica.

Palabras clave: 1. Verdad; 2. Parresia; 3. Masonería; 4. Subjetividad; 5. Poder.

Introdução

A Maçonaria se apresenta como uma escola simbólica de formação do ser humano, consagrada à Virtude e dedicada à Verdade. Entretanto, o que significa, no plano filosófico, dizer a verdade? Em tempos de múltiplas narrativas, discursos de autoridade e manipulações afetivas da realidade, a verdade se torna, paradoxalmente, ainda mais necessária, e mais difícil. A obra de Michel Foucault, especialmente seu último curso proferido em 1984, *A Coragem da Verdade* (Foucault, 2011), oferece uma chave contemporânea para a compreensão da verdade não como dado absoluto, mas como prática ética e gesto transformador.

Ao longo da história, a Filosofia foi movida por uma paixão incontornável: o desejo pela verdade. Contudo, essa verdade não é única, imóvel e imutável. Como bem mostra Marilena Chauí (Chauí, 2000), ela se expressa de maneiras distintas ao longo das épocas, culturas e sistemas de pensamento. Na Grécia, dizia-se *aletheia*: aquilo que se manifesta, o não-oculto. No mundo latino, a *veritas* alude à fidelidade

²³ Iniciado na *Loja Estrela do Oriente n. 12, Oriente de Aracaju*, jurisdicionada à *Grande Loja do Estado de Sergipe*. Atualmente é membro da *Loja Estrela da Fraternidade n. 15, Oriente de Jarú*, Rondônia. Atual *Venerável Mestre da ARLS Virtual Lux In Tenebris n. 47*, ambas jurisdicionadas à *GLOMARON*. Membro da *Academia Maçônica Virtual Brasileira De Letras – AMVBL (Cadeira 71)*. *Grau 31, no REAA, Grau 13 e Cavaleiro Templário no Rito de York* e, ainda, consagrado como *Sábio Cavaleiro de Cristo*. Defensor público do Estado de Rondônia. Ex-Defensor Público do Estado do Amazonas. Professor de Direito Constitucional. Cursa mestrado em Direito. Especialista em Direito do Estado, Direito Processual e Direito Constitucional.

do discurso aos fatos. Já no universo hebraico, a *emunah* vincula-se à confiança e ao pacto ético-comunitário na partilha do saber. A verdade, portanto, é multifacetada, ora como evidência, ora como rigor do relato, ora como compromisso ético.

Na Maçonaria, o Aprendiz simboliza a parresía, a coragem de se despojar das ilusões e se reconstruir eticamente. É a imagem do ser que, ao enfrentar o risco e desbastar suas imperfeições, se transforma em sujeito verdadeiro. Nisso, o presente artigo buscará demonstrar a relação da ideia de parresía trazida por Michel Foucault e sua íntima relação com os ensinamentos maçônicos.

Sem pretender esgotar a complexidade do tema, o presente texto pretende mostrar como o dizer verdadeiro não é apenas uma questão epistemológica, mas sobretudo um exercício de liberdade, uma forma de vida — algo que exige formação, disciplina e, sobretudo, coragem, plenamente de acordo com a jornada iniciática e o caminho maçônico.

1. A jornada iniciática: um convite à uma prática da verdade

A jornada iniciática maçônica é uma travessia simbólica que ecoa ao chamado universal à busca da verdade, à superação das trevas da ignorância e à edificação de um ser mais virtuoso. Nesse processo, a verdade não se revela como dado absoluto ou um mero reflexo de uma essência imutável. A verdade pode ser compreendida como uma construção histórica e social, moldada pelo discurso, pelo poder e pela coragem, como ensina Foucault.

Em sua análise, Foucault (1996) aponta que as condições políticas e econômicas de existência não ocultam a verdade, mas a produzem. A verdade é fruto de relações, de lutas e de jogos de poder, e jamais pode ser concebida como um reflexo neutro da realidade.

Ao penetrar o Templo, o Aprendiz deixa para trás os preconceitos do mundo profano e se depara com os ensinamentos velados da Maçonaria. A venda que cobre seus olhos simboliza as limitações impostas pelo senso comum e pelas estruturas de poder que moldam nossa percepção do real.

Desde a antiguidade até a modernidade, a tradição filosófica buscou definir a verdade como correspondência entre pensamento e realidade, como desvelamento do ser ou como adequação lógica da proposição. Na tradição clássica da filosofia ocidental, como aponta Marilena Chauí (Chauí, 2000), a verdade foi relacionada à essência, à conformidade do juízo com o ser das coisas, à razão purificada de ilusões sensoriais e paixões da vontade. Já em Foucault, a verdade é prática: ela emerge de jogos de verdade, de regimes de saber-poder que produzem determinados modos de ser sujeito e de se governar. Foucault interroga a verdade, mas desloca a questão para um novo terreno: o das relações entre verdade, poder e sujeito. Sua proposta, tal como apresentada em *A Coragem da Verdade*, rompe com a imagem da verdade como adequação entre pensamento e realidade e a reconfigura como construção histórica, inserida em práticas discursivas e instituições de poder. Foucault não busca mais responder “o que é a

verdade?”, mas antes “como e por que decidimos dizer a verdade?”, “em que condições um sujeito é constituído como aquele que pode ou deve dizê-la?”. Trata-se de uma genealogia da verdade que se entrelaça com o nascimento da subjetividade ética (Foucault, 2011).

Essa abordagem implica reconhecer que cada época define, por meio de práticas discursivas e sociais, os critérios que determinam o que pode ser dito como verdadeiro e quem pode enunciar a verdade. Foucault chama isso de “regimes de verdade”: sistemas históricos que estabelecem o que é aceitável como verdadeiro e quais os efeitos dessa enunciação. Assim, a verdade deixa de ser neutra e passa a ser situada, performada e carregada de implicações políticas e existenciais.

Essa reflexão se desdobra na crítica foucaultiana à ideia do sujeito universal, racional e autônomo, substituída pela noção do sujeito como construção histórica (Foucault, 1979), efeito das práticas sociais, discursos e tecnologias do eu. As práticas judiciais, disciplinares e institucionais moldam identidades, impõem regimes de verdade e governam os modos de ser.

Foucault amplia a questão da verdade para a dimensão ética, retomando a noção de *parresía*, a coragem de dizer a verdade. A *parresía* não é apenas sinceridade, mas um ato ético e político. Falar a verdade é assumir o risco dessa fala, mesmo diante do perigo, do poder ou da rejeição. Essa coragem, ilustrada por figuras como Sócrates e os cínicos, não é um luxo, mas um gesto de resistência e formação de si. Não se trata de uma técnica retórica, mas de um testemunho ético de uma vida coerente com o que se professa.

Em sua marcha, o Aprendiz simboliza a coragem da *parrésia*, a fala franca, desnudada de artifícios e comprometida com a verdade, mesmo diante do risco. Para Foucault, essa coragem é a essência de uma ética da verdade. O sujeito se engaja na crítica de si e na transformação da própria existência. É a coragem de olhar para dentro, desbastar a pedra bruta, reconhecer as próprias imperfeições e reconfigurar a própria subjetividade.

Essa passagem do plano metafísico para o plano ético-político é central para compreender o que Foucault chama de *parresía*, a “coragem da verdade”. O *parresiasta* não é aquele que detém o saber, mas aquele que arrisca sua própria vida para dizê-lo. A verdade deixa, então, de ser algo que se contempla e passa a ser algo que se assume, se pratica e se vive.

Na Grécia antiga, a *parresía* era o ato de dizer a verdade com franqueza, mesmo diante do perigo. A *parresía* é um gesto ético e político: falar por dever, a despeito do risco e do poder. É a coragem que torna o sujeito livre, mesmo diante das imposições. O *parresiasta* fala por dever, não por interesse; fala a despeito do perigo, e não por segurança; fala não para agradar, mas para advertir. Há, nesse gesto, um vínculo profundo com a liberdade. É livre aquele que, mesmo diante do poder, diz o que precisa ser dito.

O aprendizado maçônico, ao velar e desvelar a verdade por meio de símbolos, rituais e alegorias, opera um deslocamento: o que parece natural e absoluto é deve ser revelado pelo maçom, que deve ter um olhar atento com a construção histórica e política das verdades do mundo. Assim, Maçom é chamado

a romper com a passividade, a resistir ao conformismo e a exercer a crítica, como condição para se aproximar da verdade.

Marilena Chaui também reconhece essa dimensão da verdade enquanto prática crítica. Em seu *Convite à Filosofia*, ela afirma que a busca do verdadeiro não se reduz a uma operação técnica de verificação, mas representa a superação do dogmatismo, do senso comum, das aparências e da manipulação. A verdade é aquilo que se constrói contra o erro, contra a mentira voluntária e contra o conformismo do já sabido.

A verdade é um valor ético e político. Ela não é apenas conteúdo de um enunciado, mas uma postura no mundo. Requer discernimento, crítica, vigilância e, sobretudo, uma vontade de dizer, mesmo contra as convenções, mesmo contra os poderes instituídos. Não por acaso, Foucault retomou Sócrates e os cínicos como figuras da coragem filosófica.

Na tradição maçônica, esse ideal encontra eco simbólico. A iniciação é o rito que marca o compromisso do sujeito com a verdade. Ao ser iniciado, o Neófito renuncia às ilusões do mundo profano e se compromete com a luz da Verdade. Ao ser elevado a Companheiro, se aprofunda no estudo e na lapidação de si. E no grau de Mestre, enfrenta a morte simbólica: o fim do ego, o sacrifício da vaidade, a travessia que torna possível o renascimento do ser moral. Cada etapa é uma prática de verdade, uma aproximação entre o ser e o dizer, entre o discurso e a vida.

No entanto, como Platão (2000) ensinou na alegoria da caverna, apenas aqueles que ousam buscar a luz da verdade, mesmo correndo riscos, podem libertar-se das sombras e colaborar na edificação de um mundo mais justo e autêntico. Esse ensinamento reverbera no Aprendiz, que, ao aspirar à Luz, assume o compromisso de ser testemunha e agente da verdade.

Milo Bazaga (s.d.), em sua reflexão sobre a verdade na Maçonaria, lembra que cada um de nós carrega uma verdade individual, limitada e construída por percepções subjetivas. A tolerância se torna, assim, o caminho para a verdade compartilhada, enriquecida pelo diálogo e pela escuta atenta do outro. Essa abertura ao diverso, que contrasta com a intolerância e a imposição autoritária, é essencial para a construção de um templo interno onde habite a Verdade.

O Ritual de Aprendiz sintetiza esses ensinamentos no simbolismo da pedra bruta, que representa o ser humano inacabado, repleto de imperfeições. O trabalho do Aprendiz é polir essa pedra com as ferramentas do conhecimento, da reflexão e do amor fraterno. Essa lapidação, entretanto, não se limita ao aprimoramento individual, mas ecoa na construção de uma sociedade mais justa e iluminada.

Dizer a verdade, nesse contexto, é também dizer a verdade a si. É reconhecer as ilusões, desmontar os automatismos, enfrentar as próprias máscaras. A subjetivação ética exige disciplina, vigilância, silêncio e estudo. O sujeito se constrói pela fala, mas também pelo silêncio que antecede o verbo. Nesse sentido, a Maçonaria, enquanto espaço de iniciação simbólica e lapidação interior, oferece o terreno fecundo para esse cultivo da alma. A Loja é um espelho ritual da alma, onde cada obreiro

aprende a governar a si mesmo antes de pretender interferir no mundo.

Dizer a verdade, nesse contexto, é também dizer a verdade a si. É reconhecer as ilusões, desmontar os automatismos, enfrentar as próprias máscaras. A subjetivação ética exige disciplina, vigilância, silêncio e estudo. O sujeito se constrói pela fala, mas também pelo silêncio que antecede o verbo. Nesse sentido, a Maçonaria, enquanto espaço de iniciação simbólica e lapidação interior, oferece o terreno fecundo para esse cultivo da alma. A Loja é um espelho ritual da alma, onde cada obreiro aprende a governar a si mesmo antes de pretender interferir no mundo.

Essa ética da veridicção, portanto, é inseparável de uma ontologia do presente. Ela pergunta: quem sou eu, hoje, ao dizer o que digo? Em que condições me constituo como sujeito do discurso verdadeiro? Minha vida é coerente com o que enuncio? A verdade, longe de ser um fim em si, torna-se o meio pelo qual o sujeito se transforma. Trata-se de viver conforme se diz, e não apenas de dizer conforme se pensa.

Bruna Grillo Grazziotin aprofunda esse debate, em sua dissertação, ao mostrar que, para Foucault, as condições políticas e sociais não são obstáculos à verdade, mas os meios pelos quais ela se forma. A verdade não se distingue da história nem do poder, pois é produzida nas relações entre sujeitos, instituições e discursos. Desse modo, a verdade é imanente aos jogos de poder e às estratégias discursivas que a constituem. Nesse contexto, é impossível sustentar a ideia de uma verdade neutra ou objetiva, pois ela está sempre situada e atravessada por disputas e conflitos.

A Maçonaria convoca, portanto, a cada maçom ser um parresíasta: a dizer a verdade mesmo quando esta incomoda, desestabiliza e fere. Nisso reside sua coragem, e também sua utilidade maior. Porque em tempos de dogmatismo, manipulação e obscurantismo, o pensamento crítico que se arrisca pela verdade é o que ainda pode nos salvar.

A influência nietzschiana (Nietzsche, 1998) é patente no pensamento foucaultiano. Foucault retoma a crítica de Nietzsche à pretensão da ciência de fundar verdades universais e imutáveis. Segundo essa visão, o conhecimento não é reflexo do real, mas invenção. A verdade não é revelada, mas produzida historicamente, sendo atravessada por interesses, instintos e jogos de poder. A genealogia foucaultiana da verdade, nesse sentido, opõe-se ao modelo aristotélico da verdade como correspondência, propondo antes uma análise das condições concretas de emergência dos discursos que são tomados como verdadeiros.

Foucault distingue duas histórias da verdade: a interna, que corresponde à autorregulação dos discursos científicos; e a externa, que investiga a constituição dos discursos verdadeiros nas práticas sociais e nos dispositivos de poder. Esta última é a privilegiada em sua análise, pois permite compreender como certos enunciados se impõem como verdadeiros, não por sua conformidade com a realidade, mas por sua inserção em regimes de saber e estruturas de dominação.

A verdade, para Foucault, não é um dado ontológico, mas um efeito das práticas históricas de

saber-poder. A constituição do sujeito não é prévia ao conhecimento, mas uma construção contingente, vinculada aos discursos e técnicas que o interpelam e produzem. A subjetivação é sempre situada, sendo função das formas sociais que delimitam o campo do que pode ser reconhecido como verdadeiro. A verdade, por fim, não se separa da ética, pois envolve a relação do sujeito consigo mesmo e a prática da parresía. Dizer a verdade como ato de coragem e transformação de si. A verdade, portanto, é relacional, contingente e histórica.

Além da perspectiva filosófica e política, é relevante considerar a abordagem científica e cética de Carl Sagan (1997), que também se ocupa da verdade como ferramenta de libertação contra o obscurantismo. Carl Sagan se ocupa da verdade a partir da ciência e do ceticismo como ferramentas de libertação contra o obscurantismo. Em “O Mundo Assombrado pelos Demônios”, Sagan denuncia a proliferação de crenças infundadas, misticismos baratos e pseudociências que se disfarçam de verdades, capturando mentes vulneráveis e desinformadas. A ciência, para ele, é uma vela no escuro, um instrumento de lucidez que, embora imperfeito, é nossa melhor ferramenta contra a ignorância. Ao contrário da pseudociência, que evita a refutação e se alimenta da crença acrítica, a ciência se fortalece na dúvida, no erro e na experimentação. É por isso que a ciência é, para Sagan, o antídoto contra os demônios da credulidade – não os mitológicos, mas os reais: os da ignorância institucionalizada, da manipulação midiática e da irracionalidade política.

A aproximação entre Foucault e Sagan reside no papel emancipador do discurso verdadeiro. Para Foucault, o dizer verdadeiro exige risco, é gesto ético e político. Para Sagan, o discurso verdadeiro é o que se mantém fiel aos critérios da investigação racional e do método científico. Ambos, cada qual a seu modo, denunciam os regimes de mentira institucionalizada, sejam eles mantidos pela religião, pela política, pela economia ou pela mídia. E eles apontam para a necessidade de uma formação crítica, filosófica ou científica, que liberte o indivíduo do fascínio do dogma.

Esse percurso mostra que Foucault propõe uma nova política da verdade, não como busca de um fundamento universal, mas como crítica das formas pelas quais os sujeitos são governados pela produção de verdades. Seu pensamento é uma convocação à atitude crítica, à recusa dos discursos totalizantes e à coragem de se constituir a si mesmo na relação com a verdade, o poder e a história.

A coragem da verdade exige, portanto, tanto a capacidade de falar contra o poder (Foucault) quanto a lucidez de discernir o que é demonstrável do que é apenas emocionalmente confortável (Sagan). Trata-se de uma ética da lucidez. No mundo de hoje, dominado por *fakenews*, negacionismos e fanatismos, essa ética se torna urgente. Como escreve Sagan, “*se somos apenas céticos, as novas ideias não conseguem penetrar em nossa mente. Mas se somos crédulos, aceitamos qualquer ideia sem distinção. É preciso o equilíbrio entre ceticismo e abertura*”.

A submissão à verdade, por fim, não é subserviência. É resistência. É uma forma de se opor ao império da mentira travestida de discurso técnico, de propaganda ou de tradição. E é nesse encontro

entre a filosofia crítica de Foucault e o cientificismo iluminista de Sagan que se ergue o convite: que sejamos, todos, guardiões vigilantes da verdade – com coragem, razão e compaixão.

2. Maçonaria e a verdade como caminho

Na Maçonaria, a verdade é símbolo e tarefa. Não se trata de uma revelação imediata, mas de uma construção progressiva. O caminho maçônico é uma travessia entre a ignorância e o saber, entre o instinto e a consciência, entre a aparência e a essência.

Por excelência, o maçom deve ser um buscador da verdade. Essa busca não é isenta de perigo. Dizer a verdade é colocar-se em risco diante da sociedade, dos dogmas, das convenções. É nesse ponto que Foucault e a Maçonaria se encontram, pois ambos reconhecem que a verdade exige coragem, sacrifício e ética.

É preciso reconhecer que a verdade pode ser libertadora e opressiva, dependendo do regime que a sustenta. Admitir que a percepção humana é finita, mas que, mesmo assim, é possível viver eticamente em busca da verdade. É saber que, embora nunca a possuamos integralmente, pode-se sempre aproximar dela, pela palavra justa, pelo gesto íntegro, pelo silêncio meditativo, pela coragem de sermos quem somos.

A coragem da verdade, tal como Foucault a compreende, é mais do que uma virtude filosófica: é uma prática espiritual e política. Por meio dela, o sujeito se constitui, se arrisca e se transforma. Ao trazer esse conceito para o universo maçônico, o Templo é um espaço simbólico dessa construção ética, onde cada irmão é chamado a ser parresiasta: a dizer, a viver e a sustentar a verdade.

A Maçonaria oferece os instrumentos, afirma-se como oficina da verdade, para forjar o caráter e ser caminho da luz. E, como bem disse Foucault, para dizer a verdade, é preciso, antes de tudo, a coragem de viver de acordo com ela.

Ao longo da história da humanidade, a verdade jamais foi uma construção neutra, inocente ou desinteressada. Ela é produto de relações de poder e saber. O que se afirma como verdadeiro é, quase sempre, aquilo que encontra respaldo nas malhas de legitimidade do discurso dominante. Nesse sentido, buscar a verdade é, antes de tudo, um exercício de coragem: coragem de desobedecer, de resistir e de dizer o que precisa ser dito diante do risco.

âmbito da jornada maçônica repousa a busca pela Verdade. Esta, no entanto, não é uma entidade imóvel, tampouco um absoluto facilmente apreensível. Michel Foucault nos convida a pensar a verdade não como essência abstrata, mas como prática ética e histórica, como ato corajoso e transformador.

-se de um exercício ético, um gesto de risco, um compromisso do sujeito consigo mesmo e com o mundo. É nessa direção que este artigo se propõe: abordar a Verdade como um ato de coragem, alinhando os ensinamentos foucaultianos à tradição iniciática da Arte Real.

A proposta foucaultiana nos desafia a repensar o que entendemos por verdade. Em vez de uma entidade distante ou objetiva, a verdade emerge como prática cotidiana, como modo de ser, como coragem. A Maçonaria, ao instituir a busca da verdade como um de seus pilares, reitera que tal caminho é árduo, mas indispensável. Trata-se de uma jornada não apenas iniciática, mas existencial.

Falar a verdade, nos moldes da parresía, não é um direito, mas um dever. É oferecer-se ao julgamento, não para ser aprovado, mas para ser coerente. É comprometer-se com a própria consciência, não com a conveniência social. É, por fim, um ato de liberdade. Isto posto, a Maçonaria deve ser uma escola onde essa liberdade seja permitida e cultivada, onde cada irmão, ao acender sua vela no altar da sabedoria, saiba que a luz da verdade não é ornamento, é compromisso, é risco, é vida.

Considerações Finais

Para tanto, em conclusão, a busca pela verdade é um caminho desafiador e contínuo que exige coragem, disciplina e comprometimento. A Maçonaria, como uma escola simbólica de formação do ser humano, oferece um espaço para cultivar a coragem de dizer a verdade, mesmo diante do risco e do poder. A verdade não é uma entidade imóvel ou absoluta, mas sim uma construção histórica e social que emerge das relações de poder e saber. Ao abraçar a parresía, ou a coragem de dizer a verdade, os maçons podem se tornar agentes de transformação e promotores da justiça e da verdade em um mundo que frequentemente valoriza a conveniência e o silêncio. A busca pela verdade é uma jornada existencial que exige autoconhecimento, reflexão e crescimento moral. Ao trilhar esse caminho, os maçons podem se tornar exemplos de integridade e coragem, inspirando outros a fazer o mesmo.

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Trad. Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2014.

BAZAGA, Milo. **Reflexões sobre a verdade na maçonaria**. Publicação Maçônica Virtual, (s.d.).

CÂNDIDO, Antônio. **A educação pela noite**. São Paulo: Ática, 2004.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. 15. ed. São Paulo: Ática, 2000.

FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade: o governo de si e dos outros II**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. BRANDÃO, Eduardo (Org.). Tradução de Roberto Machado e Eduardo Brandão. Rio de Janeiro: NAU Editora, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

HADOT, Pierre. **Filosofia como modo de vida**. Petrópolis: Vozes, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. **A genealogia da moral**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PEREIRA, Eduardo Brandão. **A parresía como virtude**: Foucault e o dizer verdadeiro. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

PLATÃO. **A república**. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

RIBEIRO, Luiz Fernando. **Foucault e a filosofia da verdade**. São Paulo: Loyola, 2007.

SAGAN, Carl. **O mundo assombrado pelos demônios**: a ciência vista como uma vela no escuro. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

INICIADO, BUSCADOR DA VERDADE

O INICIADO, BUSCADOR DA VERDADE

*Gilberto Carlos MONTEIRO DAROSI*²⁴

Resumo: A busca pela verdade é uma jornada complexa e multifacetada que envolve reflexão, questionamento e crescimento contínuo. Através de perspectivas filosóficas, científicas, maçônicas e bíblicas, exploramos a natureza da verdade, sua importância e as responsabilidades que acompanham o conhecimento da verdade. A verdade pode ser libertadora e opressiva, e sua busca é essencial para a plenitude e a sabedoria. A maçonaria oferece um caminho para a busca pela verdade, incentivando a reflexão e o autoaperfeiçoamento. Em última análise, a busca pela verdade é uma jornada que transcende o tempo e as culturas, e é fundamental para a construção de uma sociedade justa e ética.

Palavras-chave: 1. Buscador; 2. Verdade; 3. Iniciado *Veritas*; 4. Recipiendário. 5. Bíblia.

EL INICIADO, BUSCADOR DE LA VERDAD

Resumen: La búsqueda de la verdad es un viaje complejo y multifacético que implica reflexión, cuestionamiento y crecimiento continuo. A través de perspectivas filosóficas, científicas, masónicas y bíblicas, exploramos la naturaleza de la verdad, su importancia y las responsabilidades que acompañan al conocimiento de la verdad. La verdad puede ser liberadora y opresiva, y su búsqueda es esencial para la plenitud y la sabiduría. La masonería ofrece un camino para la búsqueda de la verdad, incentivando la reflexión y el autoaprendizaje. En última instancia, la búsqueda de la verdad es un viaje que trasciende el tiempo y las culturas, y es fundamental para la construcción de una sociedad justa y ética.

Palabras clave: 1. Buscador; 2. Verdad; 3. Iniciado *Veritas*; 4. Recipiendario; 5. Biblia.

Introdução

A busca pela verdade é uma jornada que transcende o tempo e as culturas, sendo um dos pilares fundamentais tanto da filosofia quanto da maçonaria. Para o iniciado maçônico, essa busca não é apenas um exercício intelectual, mas uma prática espiritual e moral que visa o aperfeiçoamento do ser humano. A maçonaria, com seus rituais e símbolos, oferece um caminho estruturado para essa busca, incentivando seus membros a questionarem, refletirem e aprofundarem seu entendimento sobre o mundo e sobre si mesmos.

Na filosofia, a verdade é um conceito central que tem sido debatido por séculos. Filósofos como Sócrates, Platão e Aristóteles dedicaram suas vidas a explorar o que é a verdade e como ela pode ser conhecida. A verdade, na perspectiva filosófica, pode ser vista como um ideal a ser alcançado, uma meta que guia o pensamento crítico e a investigação racional. A maçonaria, por sua vez, incorpora esses princípios filosóficos em seus ensinamentos, promovendo a busca pela verdade como um caminho para a iluminação e a sabedoria.

A figura do peregrino é uma metáfora poderosa para o iniciado maçônico. Assim como o peregrino, que atravessa terras desconhecidas em busca de um destino sagrado, o iniciado embarca em

²⁴ Iniciado na *A.:R.:B.:L.:S.: Acácias das Gaivotas, nº 67, do Grande Oriente de Santa Catarina. Mestre Instalado e detentor do grau 18, no Rito Escocês Antigo e Aceito (REAA)*. Atua como pesquisador e autor de artigos voltados à filosofia, ética e simbologia maçônica, com participação em eventos acadêmicos e iniciáticos. É servidor público federal, graduado em Administração e Ciências Contábeis. Possui especialização em Gestão Financeira e Custos, além de ser especialista em Maçonologia. É Mestre em Administração e atualmente doutorando na mesma área.

uma jornada interior em busca da verdade. Essa peregrinação é marcada por desafios, descobertas e transformações, onde cada passo representa um avanço na compreensão e na sabedoria. O peregrino não busca apenas respostas, mas também o crescimento espiritual e moral que vem com a jornada.

O objetivo deste artigo é explorar nove pontes acerca da busca da verdade sob a ótica do iniciado maçônico, abordando as reflexões propostas e suas implicações, sob a ótica da filosofia, da ciência e do Livro da Lei. Vamos examinar questões fundamentais como a definição da verdade, sua natureza universal ou relativa, e os desafios éticos e morais envolvidos na busca pela verdade. Além disso, discutiremos como a percepção humana e os contextos históricos, culturais e pessoais influenciam nossa compreensão da verdade.

Ao longo deste artigo, buscaremos entender como a verdade pode ser tanto libertadora quanto opressiva, e como a resistência humana em aceitar a verdade pode ser superada. Também exploraremos as responsabilidades que acompanham aqueles que possuem o conhecimento da verdade e porque a verdade é tão valorizada, mesmo quando traz consequências difíceis.

Por fim, refletiremos sobre a plenitude da vida sem o conhecimento completo da verdade e como a busca pela verdade pode ser um meio para alcançar algo maior, como justiça ou sabedoria. Este artigo pretende oferecer uma visão abrangente e profunda sobre a busca incessante da verdade, inspirando os leitores a embarcarem em sua própria jornada de descoberta e iluminação.

1. Definição e natureza da verdade

O que define a verdade?

A definição da verdade tem sido um tema central na filosofia e na maçonaria. Filósofos como Sócrates afirmavam que "as opiniões não são verdades, pois não resistem ao diálogo crítico". Para Sócrates, a verdade é aquilo que pode ser defendido racionalmente e que resiste ao escrutínio. René Descartes, por sua vez, dizia: "Muitas vezes as coisas que me pareceram verdadeiras quando comecei a concebê-las tornaram-se falsas quando quis colocá-las sobre o papel", destacando a complexidade de definir a verdade.

Na maçonaria, a verdade é vista como um princípio fundamental. Albert Pike, um influente maçom, afirmou: "A Maçonaria é a ciência que nos ensina a lidar com a vida em busca do bem e do verdadeiro". A verdade, para os maçons, é um ideal a ser perseguido através do estudo, da reflexão e da prática moral.

Biblicamente, a verdade é personificada em Jesus Cristo. Em João 14:6, Jesus declara: "Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim". Essa afirmação encapsula a essência da verdade como um princípio divino e relacional.

A verdade é universal e imutável ou relativa?

A questão da universalidade e imutabilidade da verdade é amplamente debatida. Friedrich Nietzsche, por exemplo, afirmou: "Não há fatos eternos, como não há verdades absolutas". Para Nietzsche, a verdade é uma construção humana, sujeita a mudanças e interpretações.

Por outro lado, a maçonaria ensina que a verdade é um atributo da Divindade, e que só pelo burilamento das asperezas do caráter, pelo estudo e pela meditação, o maçom pode aproximar-se da Grande Verdade, o Grande Arquiteto do Universo. Essa perspectiva sugere uma verdade universal e imutável, que transcende as interpretações humanas.

Biblicamente, a verdade é vista como imutável e eterna. Em Salmos (119:160), está escrito: "A essência da tua palavra é a verdade, e todas as tuas justas ordenanças são eternas". A verdade, segundo a Bíblia, é um reflexo direto do caráter de Deus, que é imutável e fiel.

Existe uma verdade absoluta ou a verdade é relativa?

A existência de uma verdade absoluta é um tema controverso. Nietzsche argumentava que "verdade é o tipo de erro sem o qual uma espécie de seres vivos não poderia viver", sugerindo que a verdade é relativa e funcional.

Na maçonaria, a busca pela verdade absoluta é um objetivo central. Benjamin Franklin, também maçom, destacou a importância da ética na busca pela verdade: "Um homem que não tem ética é um arranha-céu vazio, sem uma base sólida". A verdade, para os maçons, é um ideal absoluto que guia a conduta moral.

Biblicamente, a verdade absoluta é personificada em Jesus Cristo. Em João 8:32, Jesus diz: "E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará". Essa passagem sugere que a verdade absoluta é libertadora e essencial para a vida espiritual.

Percepção Humana e Conhecimento da Verdade

Se a percepção humana é guiada pelos sentidos e interpretações, podemos realmente conhecer a verdade em sua essência?

A percepção humana é fundamentalmente limitada pelos sentidos e pelas interpretações que fazemos do mundo ao nosso redor. Filósofos como Immanuel Kant argumentaram que nossa compreensão da realidade é mediada por nossas percepções e categorias mentais. Kant afirmou: "A coisa em si mesma é incognoscível", sugerindo que nunca podemos conhecer a verdade absoluta, apenas a verdade como ela aparece para nós.

René Descartes também refletiu sobre a percepção e a verdade, afirmando: "Penso, logo existo". Descartes acreditava que a dúvida sistemática poderia levar ao conhecimento verdadeiro, mas reconhecia que nossos sentidos podem nos enganar.

Cientistas como Albert Einstein destacaram a importância da imaginação e da interpretação na

busca pela verdade. Einstein disse: "A imaginação é mais importante que o conhecimento", enfatizando que nossa capacidade de conceber novas ideias é central para entender a realidade.

Biblicamente, a percepção humana é vista como limitada. Em Mateus (13:13-15), Jesus fala sobre aqueles que têm olhos, mas não veem, e ouvidos, mas não ouvem. Isso sugere que a verdade espiritual muitas vezes está além da percepção sensorial.

Como podemos afirmar que aquilo que eu acredito é verdadeiro ou falso?

A afirmação de que algo é verdadeiro ou falso depende de critérios de verificação e evidência. Sócrates defendia que "as opiniões não são verdades, pois não resistem ao diálogo crítico". O método socrático de questionamento e diálogo é uma forma de testar a validade das crenças.

Karl Popper, um filósofo da ciência, propôs o princípio da falsificabilidade como um critério para distinguir entre ciência e pseudociência. Segundo Popper, uma teoria é científica se puder ser testada e potencialmente refutada.

Biblicamente, a verdade é verificada pela palavra de Deus. Em João (17:17), Jesus diz: "Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade". A Bíblia é vista como um padrão absoluto para determinar a verdade.

Como diferenciar uma verdade objetiva de uma crença subjetiva?

Diferenciar uma verdade objetiva de uma crença subjetiva envolve a análise crítica e a evidência empírica. Aristóteles afirmou: "A dúvida é o princípio da sabedoria", sugerindo que o questionamento é essencial para distinguir entre o que é objetivamente verdadeiro e o que é subjetivamente acreditado.

Cientistas como Isaac Newton destacaram a importância da observação e da experimentação. Newton disse: "O que sabemos é uma gota; o que ignoramos é um oceano", enfatizando que o conhecimento objetivo é baseado em evidências acumuladas.

Biblicamente, a verdade objetiva é personificada em Jesus Cristo. Em João (14:6), Jesus declara: "Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim". Essa passagem sugere que a verdade objetiva é encontrada em Cristo.

2. Motivação e busca pela verdade

O que nos motiva a buscar a verdade?

A busca pela verdade é uma das motivações mais profundas do ser humano. Filósofos como Platão acreditavam que a verdade era uma realidade transcendental, acessível apenas através da razão. Platão afirmou: "A verdade é a realidade que está além das aparências". Essa busca pela verdade é impulsionada pelo desejo de compreender o mundo e nosso lugar nele.

Immanuel Kant, por sua vez, argumentava que a busca pela verdade é um dever moral. Kant disse: "A busca pela verdade é uma obrigação que temos para com nós mesmos e com os outros". Para

Kant, a verdade é essencial para a ética e a moralidade.

Cientistas como Albert Einstein também destacaram a importância da busca pela verdade. Einstein afirmou: "A busca pela verdade é mais preciosa do que sua posse", enfatizando que o processo de busca é tão importante quanto a descoberta em si.

Na perspectiva maçônica, a busca pela verdade é uma jornada espiritual e moral. A maçonaria ensina que a verdade é um princípio fundamental que guia o comportamento e a reflexão dos seus membros. Albert Pike, um influente maçom, afirmou: "A Maçonaria é a ciência que nos ensina a lidar com a vida em busca do bem e do verdadeiro". Para os maçons, a busca pela verdade é uma prática contínua de autoaperfeiçoamento e meditação.

A verdade é um fim ou um meio para alcançar algo maior, como justiça ou sabedoria?

A verdade pode ser vista tanto como um fim em si mesma quanto como um meio para alcançar objetivos maiores, como justiça e sabedoria. Aristóteles argumentava que a verdade é fundamental para a ética e a justiça. Ele disse: "A verdade é a base da justiça", destacando que sem a verdade, a justiça não pode ser alcançada.

Para Platão, a verdade era um meio para alcançar a sabedoria. Ele acreditava que a busca pela verdade leva ao conhecimento e à compreensão profunda do mundo. Platão afirmou: "A sabedoria começa na admiração, e a admiração leva à busca pela verdade".

Cientistas como Isaac Newton também viam a verdade como um meio para alcançar um entendimento mais profundo do universo. Newton disse: "A verdade é a chave para desvendar os mistérios do universo", sugerindo que a busca pela verdade é essencial para o progresso científico.

Biblicamente, a verdade é vista como um caminho para a justiça e a sabedoria. Em Provérbios (23:23), está escrito: "Compre a verdade, e não a vendas; compre a sabedoria, a instrução e o entendimento". Essa passagem destaca a importância da verdade como um meio para alcançar a sabedoria e a justiça.

Na maçonaria, a verdade é tanto um fim quanto um meio. A busca pela verdade é vista como um caminho para alcançar a iluminação espiritual e a sabedoria. Os rituais e ensinamentos maçônicos incentivam os membros a refletirem sobre seus valores e a melhorarem seus pensamentos e ações. A maçonaria promove a ideia de que a verdade é essencial para a prática da virtude e a promoção da paz e da harmonia entre todas as pessoas.

3. Ética e responsabilidade na busca pela verdade

Quais são os limites éticos da busca pela verdade?

A busca pela verdade deve ser guiada por princípios éticos que garantam a integridade e a justiça.

Filósofos como Immanuel Kant defendiam que a busca pela verdade é um dever moral. Kant afirmou: "A busca pela verdade é uma obrigação que temos para com nós mesmos e com os outros". Para Kant, a ética é fundamental para garantir que a busca pela verdade não se torne uma ferramenta de manipulação ou opressão.

Friedrich Nietzsche também refletiu sobre os limites éticos, afirmando: "A moral consiste em fazer prevalecer os instintos simpáticos sobre os impulsos egoístas". Isso sugere que a busca pela verdade deve ser orientada pela empatia e pelo respeito aos outros.

Na maçonaria, a ética é diretamente ligada ao princípio fundamental da busca pela verdade. A conduta ética maçônica deve ser praticada em conjunto com a busca da verdade. Luis de Figueiredo, em seu artigo sobre ética e virtude maçônicas, destaca que "na vida esotérica e iniciática, a Ética e a Verdade estão intimamente ligadas e constituem um duplo objetivo na vida maçônica". A maçonaria ensina que a verdade deve ser buscada com integridade e transparência, respeitando os direitos e a dignidade de todos.

Biblicamente, os limites éticos na busca pela verdade são claros. Em Miquéias 6:8, está escrito: "Ele te declarou, ó homem, o que é bom; e o que é que o Senhor pede de ti, senão que pratiques a justiça, ames a beneficência e andes humildemente com o teu Deus?". Essa passagem enfatiza que a busca pela verdade deve ser acompanhada pela prática da justiça, da bondade e da humildade.

Quais responsabilidades acompanham aqueles que possuem o conhecimento da verdade?

Aqueles que possuem o conhecimento da verdade têm grandes responsabilidades. Sócrates acreditava que o conhecimento da verdade impõe uma obrigação moral de educar e guiar os outros. Ele disse: "A educação é a iluminação da alma, destacando que compartilhar a verdade é um dever ético.

Albert Einstein também refletiu sobre a responsabilidade do conhecimento, afirmando: "Os axiomas éticos são encontrados e testados não muito diferentemente dos axiomas da ciência. A verdade aparece com o teste da experiência". Isso sugere que aqueles que conhecem a verdade devem agir de acordo com princípios éticos e testar suas ações pela experiência.

Na maçonaria, a responsabilidade de quem possui o conhecimento da verdade é enfatizada. O Grau 19, ou Grande Pontífice, ensina que "o maçom é chamado a liderar não apenas com autoridade, mas com sabedoria, integridade e compromisso com os valores maçônicos". A liderança ética e a promoção da justiça são responsabilidades fundamentais para os maçons que buscam a verdade.

Biblicamente, a responsabilidade de quem conhece a verdade é destacada em João 8:32: "E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará". Essa passagem sugere que o conhecimento da verdade traz consigo a responsabilidade de libertar e transformar vidas, promovendo a justiça e a integridade.

4. Dualidade da verdade: libertadora e opressiva

Pode a verdade ser libertadora e, ao mesmo tempo, opressiva?

A verdade possui uma dualidade intrínseca que pode ser tanto libertadora quanto opressiva. Filósofos e cientistas têm refletido sobre essa dualidade ao longo dos séculos. Friedrich Nietzsche, por exemplo, afirmou: "As convicções são inimigas mais perigosas da verdade do que as mentiras". Para Nietzsche, a verdade pode libertar-nos das ilusões, mas também pode ser opressiva quando desafia nossas convicções mais profundas.

Albert Einstein também reconheceu essa dualidade, dizendo: "A busca pela verdade é mais preciosa do que sua posse". A verdade pode libertar-nos ao expandir nosso conhecimento e compreensão, mas também pode ser opressiva ao revelar realidades desconfortáveis ou dolorosas.

Na maçonaria, a verdade é vista como um princípio fundamental que guia a jornada do iniciado. No entanto, essa busca pela verdade pode ser desafiadora e, por vezes, opressiva. Luis de Figueiredo, em seu artigo sobre a verdade na maçonaria, destaca que "a verdade é um atributo da Divindade, e que só pelo burilamento das asperezas do caráter, pelo estudo e pela meditação, o maçom pode aproximar-se da Grande Verdade". Esse processo de autoaperfeiçoamento pode ser libertador, mas também exige enfrentar verdades difíceis sobre si mesmo.

Biblicamente, a verdade é vista como libertadora. Em João (8:32), Jesus diz: "E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará". No entanto, a verdade também pode ser opressiva quando confronta nossos pecados e falhas. Em Hebreus (4:12), está escrito: "Porque a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até à divisão da alma e do espírito, das juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e intenções do coração". Essa passagem ilustra como a verdade pode ser tanto libertadora quanto dolorosa.

Por que a verdade é tão valorizada, mesmo quando traz consequências difíceis?

A verdade é valorizada porque é fundamental para a integridade, a justiça e a sabedoria. Aristóteles afirmou: "A verdade é a base da justiça", destacando que sem a verdade, a justiça não pode ser alcançada. A verdade é essencial para a construção de uma sociedade justa e ética.

Cientistas como Isaac Newton também valorizavam a verdade pela sua capacidade de revelar os mistérios do universo. Newton disse: "A verdade é a chave para desvendar os mistérios do universo". A busca pela verdade é essencial para o progresso científico e para a compreensão do mundo.

Na maçonaria, a verdade é valorizada como um caminho para a iluminação espiritual e a sabedoria. Albert Pike afirmou: "A Maçonaria é a ciência que nos ensina a lidar com a vida em busca do

bem e do verdadeiro". A verdade é vista como um ideal a ser perseguido, mesmo quando traz desafios e dificuldades.

Biblicamente, a verdade é valorizada porque é um reflexo do caráter de Deus. Em João 14:6, Jesus declara: "Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim". A verdade é vista como um princípio divino que guia a vida espiritual e moral.

5. Dificuldade de reconhecer e aceitar a verdade

Se a verdade é inerente ao ser, por que muitas vezes ela é tão difícil de ser reconhecida ou aceita?

A dificuldade de reconhecer e aceitar a verdade é um tema recorrente na filosofia, na ciência e na maçonaria. Filósofos como Friedrich Nietzsche argumentaram que as convicções pessoais podem ser inimigas da verdade. Nietzsche afirmou: "As convicções são inimigas mais perigosas da verdade do que as mentiras". Isso sugere que nossas crenças e preconceitos podem nos impedir de ver a verdade como ela realmente é.

René Descartes também refletiu sobre a dificuldade de reconhecer a verdade, afirmando: "Muitas vezes as coisas que me pareceram verdadeiras quando comecei a concebê-las tornaram-se falsas quando quis colocá-las sobre o papel". Descartes reconhecia que nossas percepções e interpretações podem ser falíveis, tornando a verdade difícil de ser alcançada.

Na maçonaria, a busca pela verdade é vista como um processo contínuo de autoaperfeiçoamento. Através de seus símbolos e alegorias, a maçonaria ensina que a verdade é um atributo da Divindade e que só pelo burilamento das asperezas do caráter, pelo estudo e pela meditação, o maçom pode aproximar-se da Grande Verdade. Esse processo de autoaperfeiçoamento pode ser desafiador, pois exige enfrentar e superar nossas próprias limitações e preconceitos.

Biblicamente, a dificuldade de reconhecer a verdade é ilustrada em várias passagens. Em Mateus (13:13-15), Jesus fala sobre aqueles que têm olhos, mas não veem, e ouvidos, mas não ouvem. Essa passagem sugere que a verdade pode estar presente, mas nossa capacidade de percebê-la pode ser limitada por nossa própria resistência e cegueira espiritual.

Será que a verdade está sempre escondida ou ela é clara, mas resistimos a enxergá-la?

A questão de saber se a verdade está escondida ou se resistimos a enxergá-la é complexa. Platão, em sua alegoria da caverna, sugere que a verdade está oculta pelas sombras das aparências e que é necessário um esforço consciente para sair da caverna e ver a luz da verdade. Isso implica que a verdade pode estar escondida, mas é acessível àqueles que estão dispostos a buscar e a enfrentar a realidade.

Albert Einstein também refletiu sobre a natureza da verdade, afirmando: "A busca pela verdade é mais preciosa do que sua posse". Para Einstein, a verdade pode ser clara, mas o processo de buscá-la é contínuo e exige uma mente aberta e questionadora.

Na maçonaria, a verdade é vista como um ideal a ser perseguido. Michael Winetzki, em sua reflexão sobre a verdade maçônica, destaca que "a verdade é algo ininteligível, incapaz de ser alcançado, mas que deve sempre ser buscado". Isso sugere que a verdade pode ser clara, mas nossa compreensão dela é limitada e deve ser constantemente aprimorada.

Biblicamente, a verdade é vista como clara, mas muitas vezes resistimos a enxergá-la. Em João (3:19-21), está escrito: "E a condenação é esta: que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz, porque as suas obras eram más". Essa passagem sugere que a verdade é clara, mas nossa resistência a ela é motivada por nossos próprios desejos e ações.

6. Influências na percepção da verdade

Quais são os fatores que distorcem nossa percepção da verdade?

A percepção da verdade pode ser distorcida por diversos fatores, incluindo vieses cognitivos, emoções, memórias imperfeitas e influências sociais. Filósofos e cientistas têm explorado esses fatores absolutas", sugerindo que nossa percepção da verdade é sempre influenciada por nossas interpretações e contextos.

Cientistas como Albert Einstein destacaram a importância da imaginação e da interpretação na busca pela verdade. Einstein disse: "A imaginação é mais importante que o conhecimento", enfatizando que nossa capacidade de conceber novas ideias é crucial para entender a realidade, mas também pode distorcer nossa percepção.

Vieses cognitivos, como o viés de confirmação, podem distorcer nossa percepção da verdade. O viés de confirmação é a tendência de procurar, interpretar e lembrar informações que confirmam nossas crenças preexistentes. Isso pode levar a uma visão distorcida da realidade, onde apenas as informações que reforçam nossas convicções são consideradas.

Emoções também desempenham um papel significativo na distorção da verdade. Quando estamos ansiosos ou estressados, tendemos a perceber situações como mais ameaçadoras ou negativas. Isso pode levar a interpretações que estão mais alinhadas com nossos sentimentos do que com os fatos.

Memórias imperfeitas são outro fator que distorce nossa percepção da verdade. Nossas lembranças são reconstruídas cada vez que as recordamos, o que significa que podem ser influenciadas por nossas emoções, crenças e o tempo. Isso pode resultar em narrativas que são mais próximas da ficção do que da realidade.

Até que ponto o contexto histórico, cultural ou pessoal influencia o que entendemos como verdade?

O contexto histórico, cultural e pessoal tem uma influência profunda na nossa percepção da verdade. Filósofos como Michel Foucault argumentaram que a verdade é uma construção social,

moldada pelas relações de poder e pelas normas culturais. Foucault afirmou: "A verdade é um sistema de ordenação de discursos que se impõe como verdadeiro", destacando que o que consideramos verdade é muitas vezes determinado pelo contexto em que vivemos.

Cientistas também reconhecem a influência do contexto na percepção da verdade. Estudos mostram que eventos dramáticos ou emocionalmente carregados são mais propensos a influenciar nossa percepção da realidade, devido à facilidade com que são lembrados. Isso pode distorcer nossa compreensão dos riscos e probabilidades.

Na maçonaria, a verdade é vista como um ideal que deve ser buscado continuamente, apesar das influências contextuais. Albert Pike afirmou: "A Maçonaria é a ciência que nos ensina a lidar com a vida em busca do bem e do verdadeiro". A maçonaria reconhece que a verdade pode ser influenciada pelo contexto, mas incentiva seus membros a buscar uma compreensão mais profunda e objetiva.

Biblicamente, a verdade é vista como um princípio divino que transcende os contextos humanos. Em João 14:6, Jesus declara: "Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim". Essa passagem sugere que a verdade divina é constante e imutável, independentemente dos contextos históricos, culturais ou pessoais.

7. Descoberta e construção da verdade

A verdade é algo que descobrimos ou algo que construímos ao longo da vida?

A questão de saber se a verdade é algo que descobrimos ou construímos ao longo da vida é um tema central na filosofia, na ciência e na maçonaria. Filósofos como Platão acreditavam que a verdade é uma realidade transcendental que existe independentemente de nossas percepções. Em sua alegoria da caverna, Platão sugere que a verdade está oculta pelas sombras das aparências e que é necessário um esforço consciente para sair da caverna e ver a luz da verdade. Isso implica que a verdade é algo a ser descoberto.

Por outro lado, filósofos como Friedrich Nietzsche argumentavam que a verdade é uma construção humana. Nietzsche afirmou: "Não há fatos eternos, como não há verdades absolutas". Para Nietzsche, a verdade é moldada pelas interpretações e contextos humanos, sugerindo que a verdade é algo que construímos ao longo da vida.

Cientistas também têm perspectivas variadas sobre a verdade. Albert Einstein disse: "A busca pela verdade é mais preciosa do que sua posse", destacando que o processo de busca é contínuo e que a verdade pode ser tanto descoberta quanto construída através da investigação científica. Isaac Newton, por sua vez, afirmou: "O que sabemos é uma gota; o que ignoramos é um oceano", sugerindo que a verdade é algo a ser descoberto, mas que nossa compreensão dela é sempre parcial.

Na maçonaria, a verdade é vista como um ideal a ser perseguido. Através de seus símbolos e

alegorias, a maçonaria ensina que a verdade é um atributo da Divindade e que só pelo burilamento das asperezas do caráter, pelo estudo e pela meditação, o maçom pode aproximar-se da Grande Verdade. Isso sugere que a verdade é tanto descoberta quanto construída através do autoaperfeiçoamento e da reflexão contínua.

Biblicamente, a verdade é vista como um princípio divino que deve ser buscado e vivido. Em João (14:6), Jesus declara: "Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim". Essa passagem sugere que a verdade é algo a ser descoberto através da fé e da relação com Deus. Em Filipenses 4:8, está escrito: "Quanto ao mais, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se há alguma virtude, e se há algum louvor, nisso pensai". Isso indica que a verdade também é algo que construímos através de nossas ações e pensamentos.

8. Plenitude e conhecimento da verdade

É possível viver plenamente sem conhecer todas as verdades sobre o mundo e sobre nós mesmos?

A questão de viver plenamente sem conhecer todas as verdades sobre o mundo e sobre nós mesmos é um tema profundo. Filósofos, cientistas e autores maçônicos têm explorado essa questão ao longo dos séculos.

Filósofos como Sócrates acreditavam que a busca pela verdade é essencial para uma vida plena. Sócrates afirmou: "Uma vida não examinada não merece ser vivida". Para Sócrates, a reflexão e o questionamento contínuo são fundamentais para alcançar a plenitude.

Por outro lado, filósofos como Friedrich Nietzsche argumentavam que a aceitação das limitações humanas é parte da plenitude. Nietzsche disse: "Aquilo que se faz por amor está sempre além do bem e do mal", sugerindo que a plenitude pode ser alcançada através da aceitação e do amor, mesmo sem conhecer todas as verdades.

Cientistas como Albert Einstein também refletiram sobre a relação entre conhecimento e plenitude. Einstein afirmou: "A busca pela verdade é mais preciosa do que sua posse", destacando que o processo de busca é essencial para uma vida plena, mesmo que nunca se conheça todas as verdades.

Na maçonaria, a busca pela verdade é vista como um caminho para a plenitude espiritual e moral. Albert Pike, um influente maçom, afirmou: "A Maçonaria é a ciência que nos ensina a lidar com a vida em busca do bem e do verdadeiro". A maçonaria ensina que a busca pela verdade é uma jornada contínua que contribui para o crescimento pessoal e espiritual, mesmo que todas as verdades não sejam conhecidas.

Biblicamente, a plenitude é vista como um estado de graça e conhecimento divino. Em Colossenses (2:9-10), está escrito: "Porque nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade; e

estais perfeitos nele, que é a cabeça de todo o principado e potestade". Essa passagem sugere que a plenitude é alcançada através da relação com Deus, independentemente de conhecer todas as verdades.

Em João (10:10), Jesus diz: "Eu vim para que tenham vida, e a tenham com abundância". Isso indica que a plenitude é possível através da fé e da vida espiritual, mesmo sem o conhecimento completo de todas as verdades.

Considerações Finais

Ao longo deste artigo, exploramos a busca pela verdade sob diversas perspectivas filosóficas, científicas, maçônicas e bíblicas. Refletimos sobre a definição e natureza da verdade, a percepção humana e o conhecimento da verdade, a motivação e a busca pela verdade, os limites éticos e responsabilidades na busca pela verdade, a dualidade da verdade como libertadora e opressiva, a dificuldade de reconhecer e aceitar a verdade, as influências na percepção da verdade, a descoberta e construção da verdade, e a plenitude e conhecimento da verdade.

A verdade, como vimos, é um conceito complexo e multifacetado. Filósofos como Sócrates e Platão destacaram a importância da reflexão e do questionamento contínuo na busca pela verdade. Cientistas como Albert Einstein e Isaac Newton enfatizaram a importância da investigação e da imaginação na compreensão da realidade. Autores maçônicos como Albert Pike e Luis de Figueiredo ressaltaram a busca pela verdade como um caminho para o autoaperfeiçoamento e a iluminação espiritual. Passagens bíblicas nos lembraram que a verdade é um princípio divino que guia a vida espiritual e moral.

A busca pela verdade na maçonaria é uma jornada contínua de autoaperfeiçoamento e reflexão. A maçonaria ensina que a verdade é um ideal a ser perseguido, e que essa busca é essencial para o crescimento pessoal e espiritual. Através de seus rituais e símbolos, a maçonaria incentiva seus membros a questionarem, refletirem e aprofundarem seu entendimento sobre o mundo e sobre si mesmos.

A importância da busca pela verdade na maçonaria reside na sua capacidade de promover a integridade, a justiça e a sabedoria. A verdade é vista como um princípio fundamental que guia o comportamento e a reflexão dos maçons. A busca pela verdade é uma prática contínua que contribui para a construção de uma sociedade justa e ética, e para a promoção da paz e da harmonia entre todas as pessoas.

Em última análise, a busca pela verdade é uma jornada que transcende o tempo e as culturas. É uma prática espiritual e moral que visa o aperfeiçoamento do ser humano e a construção de um mundo melhor. Este artigo pretende oferecer uma visão abrangente e profunda sobre a busca incessante da verdade, inspirando os leitores a embarcarem em sua própria jornada de descoberta e iluminação.

REFERÊNCIAS

- A BÍBLIA SAGRADA.** Disponível em: <https://dailyverses.net/pt/verdade>. Acesso em: 23 abr. 2025.
- A FEW OF THE MANY WAYS WE DISTORT REALITY.** Disponível em: <https://www.psychologytoday.com/us/blog/pieces-mind/201208/few-the-many-ways-we-distort-reality>. Acesso em: 25 abr. 2025.
- ARISTÓTELES. **Ética a nicômaco.** São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- DESCARTES, René. **Meditações metafísicas.** São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- EINSTEIN, Albert. **Como vejo o mundo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- FIGUEIREDO, Luis de. **Ética e virtude maçônicas.** Disponível em: <https://www.maconaria.net/etica-e-virtude-maconicas/>. Acesso em: 25 abr. 2025.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir.** Petrópolis: Vozes, 1987.
- KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura.** São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- NEWTON, Isaac. **Princípios matemáticos da filosofia natural.** São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal.** São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- O GRANDE PONTÍFICE, SABEDORIA, JUSTIÇA E LIDERANÇA ESPIRITUAL.** Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/artigos-de-religiao-e-teologia/8251472>. Acesso em: 25 abr. 2025.
- PIKE, Albert. **Morals and dogma of the ancient and ccepted scottish Rite of Freemasonry.** Charleston: Supreme Council, 1871.
- PLATÃO. **A república.** São Paulo: Martin Claret, 2006.
- POPPER, Karl. **A lógica da pesquisa científica.** São Paulo: Cultrix, 1972.
- SÓCRATES. **Diálogos.** São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- THE ILLUSION OF TRUTH: HOW OUR INTERPRETATIONS AND NARRATIVES SHAPE OUR REALITY.** Disponível em: <https://www.thehumanprojectfoundation.org/blog/the-illusion-of-truth-how-our-interpretations-and-narratives-shape-our-reality>. Acesso em: 25 abr. 2025.
- THE IMPACT OF CULTURAL BIASES AND PERSPECTIVES ON HISTORICAL INTERPRETATION.** Disponível em: <https://www.pbjcmuseum.org/2023/08/02/the-impact-of-cultural-biases-and-perspectives-on-historical-interpretation-unveiling-untold-narratives/>. Acesso em: 25 abr. 2025.
- THE INVISIBLE HAND: HOW BIAS SHAPES OUR PERCEPTION OF TRUTH.** Disponível em: <https://magnifymind.com/how-bias-shapes-our-perception-of-truth/>. Acesso em: 25 abr. 2025.
- WINETZKI, Michael. **O maçom e a verdade, uma reflexão.** Disponível em: <https://www.michaelwinetzki.com.br/2021/10/o-macom-e-verdade-uma-reflexao-marcos.html>. Acesso em: 25 abr. 2025.

**A VERDADE EM PLATÃO
E NOS DIAS ATUAIS**

A VERDADE EM PLATÃO E NOS DIAS ATUAIS

*Adilio Jorge MARQUES*²⁵
*Marcos Orlando CARDOSO MASSENA FILHO*²⁶

Resumo: O presente artigo busca analisar, de forma breve, o conceito de Verdade a partir da teoria de Platão, lançando luzes para uma definição contemporânea e as relações com as não-verdades, ou fake news. Para alcançar este objetivo, foram apresentados os principais conceitos, comentando, inclusive, as controvérsias atuais da sociedade. Discutimos que em Platão, objeto de nossa abordagem, a concepção de Verdade está intimamente relacionada com a ideia de realidade e conhecimento, pois, para o pensador de Atenas, a Verdade não é relativa ou subjetiva, mas absoluta e imutável, conectada com o Bem maior (Deus) e com a regular organização das cidades (pólis). Assim, para Platão, a Verdade é algo objetivo, absoluto e eterno, acessível apenas à razão filosófica, que nos permite conhecer as Ideias e, por meio delas, a Verdadeira realidade. E, como veremos também neste texto, ainda por meio da pesquisa qualitativa das fontes citadas ao final, percebemos que o negacionismo (em suas múltiplas ações) consiste literalmente em negar a crença em informações estabelecidas. O termo “negacionismo” foi introduzido pelo historiador francês Henry Rousso (1954-) em 1987, e se tornou parte de um conceito histórico que envolve a falsificação ou distorção de alguma verdade estabelecida por meio de notícias e crenças sem registro histórico e científico, dentro do senso comum, muitas das vezes. Em geral, o negacionismo pode vir a evidenciar certa distorção, ou minimização, de eventos históricos comprovados, incluindo aqueles relacionados a genocídios.

Palavras-chave: 1. Verdade; 2. Teoria tradicional; 3. Platão; 4. Negação; 5. *Fake News*.

LA VERDAD EN PLATÓN Y EN LOS DÍAS ACTUALES

Resumen: El presente artículo busca analizar, de forma breve, el concepto de Verdad a partir de la teoría de Platón, arrojando luzes sobre una definición contemporánea y las relaciones con las no-verdades, o fake news. Para alcanzar este objetivo, se presentaron los principales conceptos, comentando, inclusive, las controversias actuales de la sociedad. Discutimos que en Platón, objeto de nuestro enfoque, la concepción de Verdad está íntimamente relacionada con la idea de realidad y conocimiento, pues, para el pensador de Atenas, la Verdad no es relativa o subjetiva, sino absoluta e inmutable, conectada con el Bien mayor (Dios) y con la regular organización de las ciudades (pólis). Así, para Platón, la Verdad es algo objetivo, absoluto y eterno, accesible solo a la razón filosófica, que nos permite conocer las Ideas y, por medio de ellas, la verdadera realidad. Y, como veremos también en este texto, aún por medio de la investigación cualitativa de las fuentes citadas al final, percibimos que el negacionismo (en sus múltiples acciones) consiste literalmente en negar la creencia en informaciones establecidas. El término "negacionismo" fue introducido por el historiador francés Henry Rousso (1954-) en 1987, y se convirtió en parte de un concepto histórico que implica la falsificación o distorsión de alguna verdad establecida por medio de noticias y creencias sin registro histórico y científico, dentro del sentido común, muchas veces. En general, el negacionismo puede venir a evidenciar cierta distorsión, o minimización, de eventos históricos comprobados, incluyendo aquellos relacionados con genocidios.

Palabras clave: 1. Verdad; 2. Teoría tradicional; 3. Platón; 4. Negación. 5. *Fake News*.

Introdução

A Verdade sempre intrigou o homem em razão de sua essência. Nesse sentido, foi objeto não somente das proposições filosóficas, mas, também, artísticas. A mais emblemática representação da Verdade encontra-se no quadro de Sandro Botticelli intitulado “A calúnia de Apeles”. Na referida obra encontra-se determinados símbolos que idealizam a Verdade: pureza, transparência, inocência, beleza,

²⁵ *Maçom da A.R.L.S. Comércio e Artes n° 0001 e A.R.L.S. Filhos de Abraão n° 3515, do GOB-RJ, grau 33°. Pós-Doutor em História das Ciências e Pós-Doutor em Educação e Políticas Públicas. Professor da UFRRJ do Instituto Multidisciplinar (IM), do Departamento de Tecnologias e Linguagens (DTL).*

²⁶ *Maçom da A.R.L.S. Acácia do Lavradio n° 3484, do GOB-RJ. Pós-Graduado em Direito Público e Privado pela Escola da Magistratura do Estado do Rio de Janeiro (EMERJ). Graduado em Direito pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Assessor Jurídico.*

dentre outros.

Todavia, embora desejada, a Verdade pode se apresentar como desagradável, causando, inclusive, sofrimento. Assim, Botticelli contrasta (Marcondes, 2014) a pureza da Verdade com as vestes pesadas e escuras, que encobrem a Calúnia. Tem-se de um lado a Verdade que atrai quem a contempla, ao passo que, do outro lado, tem-se a mentira, que afasta o observador.

Os Filósofos, por sua vez, tentaram distinguir o Verdadeiro do falso. Platão e Aristóteles observaram que a distinção principal permeia singular relação com a realidade, ou seja, corresponde a como as coisas estão dispostas na realidade. O Verdadeiro ganha sinônimo de autêntico.

Assim, o presente artigo apresenta no primeiro tópico a Verdade a partir da abordagem platônica em seu tradicional diálogo “Sofistas”.

Por outro lado, no segundo tópico, aborda-se a Verdade atualmente, tangenciando temas contemporâneos, dentre eles a viralização das *fake news*.

Inseridos em um mundo globalizado em que se tem a informação na palma da mão, debruçar-se a respeito da Verdade é temática indispensável para pensar o presente.

1. Sobre a verdade em Platão

Platão distingue dois níveis de realidade: o mundo sensível, que pode ser acessado pelos nossos sentidos, e o mundo das Ideias (ou Formas), que é eterno, perfeito e imutável. Contudo, a Verdade, para Platão, está ligada ao mundo das Ideias, que são as realidades perfeitas e imutáveis por trás das coisas que percebemos sensorialmente. O mundo sensível, onde vivemos, é uma cópia imperfeita e transitória dessas Ideias. A busca pela Verdade, portanto, é uma busca pelo conhecimento das Ideias, que só pode ser alcançado através da razão e da filosofia, e não pelos sentidos. Em sua famosa alegoria da caverna, por exemplo, Platão ilustra como os seres humanos, limitados às sombras projetadas na parede da caverna (isto é, às aparências sensíveis), podem alcançar a Verdade apenas ao se libertarem dessas ilusões e se voltarem para o mundo das Ideias, que representa a realidade Verdadeira e imutável (Platão, 1972).

O diálogo platônico, fundamento de seus escritos, origina-se da dialética socrática e procura retratá-la. Diferentemente dos filósofos pré-socráticos que o precederam, o pensador ateniense apresenta sua filosofia por meio da escrita, contrastando com aqueles que se expressaram em poesia ou prosa, e até mesmo com seu mestre Sócrates, que decidiu não deixar registros escritos. Platão, por sua vez, adotou o diálogo como forma de expressar e difundir sua filosofia.

Refletindo sobre a questão da Verdade, o foco recai no capítulo 3 do diálogo platônico *Sofista*, abordando a relação entre falsidade, opinião e o discurso no contexto do problema do não-ser. *Sofista* (em grego clássico Σοφιστής) é um diálogo platônico que explora os conceitos do homem político e do

filósofo. A partir da subseção 237a até 264c, a discussão abandona o método dicotômico para se concentrar na resolução dos problemas do não-ser e da falsidade, questões que estão intrinsecamente ligadas à compreensão da natureza do ser.

Neste texto, a conversa é conduzida por um Estrangeiro de Eléia que, juntamente com Teeteto e outros personagens, tenta definir o que é um sofista. Ao longo do diálogo, o Estrangeiro utiliza um método chamado “divisão” ou *diairesis*, que consiste em classificar e dividir conceitos em categorias cada vez mais específicas para chegar a uma definição precisa.

O autor ainda trata da questão do número que, em sua totalidade, é o *ser* (238a), uma proposta que noticia a influência pitagórica em sua filosofia, ainda mais em sendo Platão um matemático. Assim, parece ser possível supor que seria viável unir o número ao ser, de forma que seria condizente afirmar que o ser é tanto “uma unidade quanto uma pluralidade” (238b) (Platão, 1972). Mas, não é possível ligar o não-ser ao um ou ao muitos, pois assim isso seria apenas uma ligação numérica.

Aqui uma aporia surge, pois ao mesmo tempo não é possível falar, ou até pensar, o não-ser sem alguma determinação para enunciá-lo, como se vê no capítulo 3 da obra aqui analisada. No *Sofista* a unidade é conferida pelo tipo de imagens que são produzidas, sendo este o objeto final de divisão da técnica do sofista.

A partir daí se chega na forma mais complexa do sofista enquanto aquele que diverge da busca pela Verdade, já que ele quer juntar tudo o que compreende em seu discurso em uma unidade (234b). Com isso parece que ele consegue “entrelaçar” a multiplicidade relativa ao gênero a ser dividido, isto é, o da produção de imagens ao da sofística (Marques, 2008).

Com o exposto até aqui talvez seja possível entender que há indicação de que entre unidade e multiplicidade, sendo características do ser, existe a mostra da própria realidade a partir de suas partes. A partir do não-ser o filósofo de Atenas consegue evidenciar a participação de unidade e de multiplicidade. E, também, pode-se observar no diálogo a diferença entre significado e valor de Verdade do enunciado, com a tentativa de se descobrir se algo é Verdadeiro ou falso. Isso mostra a importância da estrutura sintática pelo entrelaçamento entre verbos e nomes (Marques, 2008).

Por meio desse método da divisão, Platão fundamenta as bases que permitem a ele explicar aquilo que é, além de falar sobre a natureza de alguma coisa a partir de suas partes. A contestação do pensamento parmenídico na relação ser e não-ser também mostra o estatuto ontológico do diálogo *Sofista*, sendo muito importante para o desenvolvimento posterior da Filosofia os efeitos do debate sobre a alteridade (Nagel, 2014).

Em Platão busca-se certa definição de Verdade como a relação entre uma afirmação e a realidade posta no mundo (Marcondes, 2014). Verdadeiras são as sentenças que descrevem os fatos que ocorrem no mundo. Assim, entender a Verdade perpassa, abstratamente, compreender duas perspectivas gerais: uma moral, englobando valores como sinceridade, transparência e justiça, e outra epistemológica,

já que a Verdade estaria relacionada com o conhecimento da realidade.

A distinção entre verdadeiro e falso pode ser aplicada ao pensamento e à linguagem na medida em que esses dois âmbitos estabelecem determinada relação com a realidade, podendo ou não corresponder a como as coisas, ou fatos, são na realidade.

2. O fenômeno das *fake news* na contemporaneidade

A adesão ao negacionismo como “negação da Verdade” é um eixo de pensamento que pode ser relacionado ao aumento do individualismo em muitos países de viés democrático, como o Brasil, e outros pertencentes à América Latina e ao Caribe. Muito disso deve-se ao exagerado acesso às novas tecnologias, bem como à talvez valorização crescente da tecnocracia, evidências de uma sociedade contemporânea pós-industrial, caracterizada pela produção de bens não materiais (Caruso; Marques, 2023). No que diz respeito à ciência, observa-se seu uso em ataques voltados para a destruição da memória histórico-cultural, algo que já aconteceu em outros períodos da história mundial. Além disso, destaca-se a conectividade proporcionada pelas redes sociais, que se tornam um instrumento altamente eficaz de comunicação, inclusive para a propagação de mentiras (Barbosa, 2019).

Conforme Chambers (2020), o termo pós-Verdade sugere que a ameaça à Verdade não decorre apenas do mau uso da internet, incluindo sua utilização como veículo de ódio, mas também do declínio da relevância da Verdade – ou dos fatos objetivos – para o público em geral. Isso afeta a vontade individual e revela uma reduzida preocupação em distinguir Verdades de mentiras. Nesse contexto, ainda que de forma inicial, percebe-se o surgimento de uma pós-Verdade que se manifesta publicamente, especialmente por meio do uso de fake news no discurso político, servindo, inclusive, como ferramenta para atribuir sentido aos fenômenos. O negacionismo seria, por esse lado, uma forma de tentar mitigar a própria crise de sentido que vivenciamos hoje em dia, por meio de duas estratégias (Paula, 2021), a saber:

a) Desqualificação de instituições culturais fundamentais para a humanidade, cujo paradigma é a ciência de um modo geral;

b) Atribuição de sentido aos fenômenos a partir de uma concepção relativista, de tal modo que essa varia de acordo com o discurso daquele que a profere.

Estes seriam procedimentos que, ainda segundo Chambers (2020), são letais para as democracias em jogo. O perigo do relativismo generalizado, potencializado pelo modo com que a internet, em especial as redes sociais, vem criando infinitas realidades individuais (Caruso e Marques, 2021). Discursos negacionistas, em alguns casos, utilizam-se do contexto de diversificação de forças para, manipulando superficialmente essas "Verdades", impor um único referencial cultural alinhado a seu projeto político, eliminando os demais (como observado nos EUA e no Brasil). Isso aparenta

acarretar a perda da autonomia e da liberdade individual. Há, portanto, fundamentos para classificar a oscilação de sentidos promovida pelo relativismo negacionista como irresponsável e até criminosa, considerando os critérios epistemológicos, morais, políticos e educacionais discutidos.

A história recente evidencia que o obscurantismo, baseado nos conceitos aqui discutidos e defendidos por classes que se dizem conservadoras, apenas reforçaram a desigualdade no ensino superior, assim como nos demais níveis. E, ainda, é algo que levou à morte milhões de pessoas no mundo com a pandemia de Covid-19. Surge aqui, também, a questão da biopolítica e a sua relação com o negacionismo, a partir da necessidade de se entender a relação intrínseca entre a vida das sociedades e as ações políticas que buscam regulá-la.

Considerações Finais

Apresentado o conceito de Verdade em Platão e discutida a viralização das *fake news* no mundo interconectado em que se vive atualmente, verifica-se que, se antigamente buscava-se constatar a Verdade a partir daquilo que se podia acessar pela realidade, atualmente, entretanto, observa-se que partindo da realidade busca-se contorcer a Verdade dando moldes que se adequem àquilo que se quer alcançar.

Em outras palavras, busca conformar a realidade de acordo com aquilo que se deseja que a realidade fosse, criando cenários e narrativas que não estão conectadas com o que efetivamente é a realidade.

Nesse sentido, visualiza-se que em nossos tempos o negacionismo, enquanto negação de uma Verdade, esteve - e está - dentro da dinâmica de diversas sociedades e em várias épocas, com forte marca em tempos de redes sociais. Além de se constituir em matriz de pensamento contrário ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, tal ideário deu ensejo a muitas formas de manifestação do negacionismo, seja no nível da cultura seja no nível da sociedade.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, M. (Org.). **Pós-verdade e fake news**. Reflexões sobre a guerra de narrativas. Rio de Janeiro: Ed. Cobogó, 2019.
- CARUSO, F.; MARQUES, A. J. Comentários sobre as origens filosóficas e implicações do negacionismo. **Revista Araripe**, 4(1), 2023, p. 14-41.
- CARUSO, F.; MARQUES, A. J. Ensaio sobre o negacionismo científico em tempos de pandemia. **Research, Society and Development**, 10(11), 2021, p. 1-17.
- CHAMBERS, S. Truth, Deliberative Democracy, and the Virtues of Accuracy. Is Fake news Destroying the Public Sphere?. **Political Studies**, 1(69), 2020, p. 147-163.
- MARCONDES, Danilo. **A Verdade**. (Filosofias: o prazer do pensar/dirigida por Marilena Chaui e Juvenal Savian Filho). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

MARQUES, Adílio Jorge. Ciência em Platão: os sólidos geométricos e o Timeu. **Anais do Scientiarum Historia, 1º Congresso de História das Ciências das Técnicas e Epistemologia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

NAGEL, Jennifer. **Knowledge: A very short introduction**. Londres: Oxford, 2014.

PAULA, W. A. “E daí?”: niilismo e negacionismo à brasileira. **Estudos Nietzsche**, 12(1), 2021, p. 103-124.

PLATÃO. Sofista. *In: Os Pensadores III. Platão: Diálogos*. São Paulo: Abril Cultural, 1972, p. 137-203.

... UMA HOMENAGEM SINGULAR *IN MEMORIAM* ...

Dedicamos o livro *Oráculo Maçônico e a Busca Incessante da Verdade*, ao Eminentíssimo Acadêmico, *Irmão Carlos Alberto Paraguassú Chaves*, que nos deixou abruptamente em 2 de novembro de 2025.

O Irmão Paraguassú foi Presidente da *Academia Maçônica de Letras de Rondônia – AMLRO*, por dois mandatos: 2019/2021 e 2021/2023. Teve uma trajetória profissional brilhante, com reconhecimento nacional e internacional. Era educador, escritor e cientista. Foi Professor Titular da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Aposentado em 2018, ainda assim mantinha um intenso ritmo de trabalho. Foi Diretor Acadêmico da Faculdade Instituto Rio de Janeiro (FIURJ), Professor Visitante Sênior da Universidade Federal do Maranhão (UFMA).



Doutor em Ciências da Saúde e Geografia Médica pela Universidad de La Habana – Cuba, com revalidação na Universidade de Brasília (UnB) e referência na área da Geografia Médica, ganhou destaque nacional e internacional por suas inúmeras obras, que totalizaram mais de 27 livros publicados, tendo conquistado, em 2013, o prêmio de Literatura Científica da RACCO Europa.

Foi Fundador da Academia Rondoniense de Letras (ARL) e da Academia Maçônica de Artes, Ciências e Letras do Estado de Roraima (AMACLRR); e recebeu diversas comendas e honrarias, entre elas o título de Comendador da Ordem do Trabalho Getúlio Vargas, a Comenda Mérito Ambiental Brasileiro – IBAMA, e o Título de Cidadão Honorário de Porto Velho.

Na Maçonaria deixou sua indelével marca, era membro ativo da Augusta e Respeitável Loja Maçônica União, Trabalho e Justiça – UTJ, de Candeias do Jamari, pelo GOB-RO foi eleito Deputado Federal na Soberana Assembleia Legislativa Maçônica — SALF, no Poder Central, em Brasília.

O Eminentíssimo Irmão Paraguassú deixa esposa, filhos, familiares, inúmeros admiradores e um legado inigualável, digno de um verdadeiro imortal. Nossa eterna gratidão por tudo o que você fez pela educação, pelas letras, pela ciência e pela Maçonaria Universal.

Membros da Academia Maçônica de Letras de Rondônia – AMLRO.

OS ORGANIZADORES

Sérgio Nunes de Jesus (Autoria, Organização, Coordenação)



Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/9648583745536616>

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-8255-751X>

É licenciado em Letras Português/Inglês/Literaturas (Universidade do Estado da Bahia, UNEB/FFCLC). Com especialização em Direito Internacional (Faculdade Centro-Oeste, FACEO). Mestre em Linguística (Fundação Universidade Federal de Rondônia, UNIR). Mestre em *Science in Legal Studies, Emphasis in International Law* (MUST University, EUA). Doutor em Estudos da Linguagem/Psicolinguística (Universidade Católica de Pernambuco, UNICAP). Pós-Doutor em Cartografia Social e Discursiva. Imortal da Academia Maçônica de Letras de Rondônia – AMLRO e da Academia Cacoalense de Letras - ACLEC. Professor efetivo no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia, *campus* Cacoal-RO.

Contatos: canibal30canibal@gmail.com – grupo.pda.ifro@gmail.com

Davys Sleman de Negreiros (Autoria, Organização)



Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/1538249671227599>

É Bacharel em Ciências Sociais (Universidade Federal de São Carlos-UFSCAR). Mestre em Sociologia Política (Universidade Federal de São Carlos- UFSCAR). Professor Efetivo no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia – IFRO, *campus* Cacoal. Imortal da Academia Maçônica de Letras de Rondônia – AMLRO e da Academia Cacoalense de Letras - ACLEC.

Contato: davys.negreiros@ifro.edu.br

Vanderlei Coelho os Santos (Apresentação, Organização, Homenagem)



Doutor *Honoris Causa* pela UNISCECAP de Brasília – DF. Pós-Graduado em Gestão de Pessoas. Gestor Empresarial. Palestrante. Conferencista. Especialista em Educação Corporativa e Projetista. Autor dos livros em formato eletrônico: *Não há nada de errado se você não quer falar em público* e *Da indicação à iniciação na Maçonaria: Normas e procedimentos legais*. Coautor dos livros: *Maçonaria perspectivas para o futuro* e *Honra a quem honra*. Foi Presidente do Centro Maçônico de Educação e Cultura – CEMEC, Grande Secretário de Biblioteca e História da Grande Loja Maçônica do Estado de Rondônia – GLOMARON, e Garante de Amizade da GLOMARON junto ao GOB/RO. É Mestre Instalado; Grande Inspetor Geral da Ordem, Grau 33 do Rito Escocês Antigo e Aceito (cadastro 76524); Presidente de honra da Academia Maçônica de Letras de Rondônia, cadeira nº 32; Membro da Academia Maçônica Virtual Brasileira de Letras, cadeira nº 22; Membro da Academia de História Militar Forte Príncipe da Beira, cadeira nº 17. Atualmente ocupa o cargo de Delegado do Grão-Mestre da GLOMARON (Região 1A). Contato: contato@maconariacomexcelencia.com

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO NA REVISTA PRÁXIS: LINGUAGEM & EDUCAÇÃO

ARTIGOS

- a) Os artigos devem ser inéditos (não publicados em periódicos de circulação regional ou nacional).
- b) Número de páginas - máximo: 15 páginas, incluindo o texto, bibliografia e ilustrações; espaçamento entre linhas: 1,5; tamanho: 11; caracteres: Times New Roman e Arial; Word for Windows 6.0 ou mais recente; formulário: papel A4, contendo as seguintes configurações de páginas: margem superior: 03 cm; margem esquerda: 03 cm; margem inferior 02 cm, margem direita: 02 cm.
- c) As referências bibliográficas são obrigatórias e devem seguir a NBR-6023 ou recente.
- d) Evitar se possível o exagero das notas de rodapé; não utilizar como nota de rodapé a referência bibliográfica, pois para a mesma já existe a REFERÊNCIA no final do trabalho.
- e) Um resumo de, no máximo 15 linhas, quando necessário, devendo ser apresentado em língua portuguesa e inglesa, destacando-se três a cinco palavras-chave/keywords.

COMUNICAÇÕES, SIMPÓSIOS, CONGRESSOS, COLÓQUIOS, ENCONTROS E OUTROS

É a divulgação de resultados parciais ou finais de pesquisas: resultados de apresentações em simpósios ou congressos. Devendo ser publicadas de acordo com as instruções do artigo, e o número de páginas de 07 (sete) páginas.

RESENHAS CRÍTICAS

Apreciação crítica sobre determinada obra nacional ou internacional, visando estimular a leitura na área da língua(gem) e linguística. Deverão ser seguidas as mesmas orientações do artigo com o número máximo de 10 (dez) páginas.

P.S.: Os textos publicados na revista são de inteira responsabilidade dos seus autores.